

Entre o rapé

e o paraty...

*Sensacional entrevista sobre assumptos paraenses,
fios e de actualidade*

— POR —

Agapito Solenne

(Jornalista aposentado)



Typ. da Papelaria «Rio Branco»

Praça Visconde Rio Branco n. 20

PARA'—BRAZIL—1916

BIBLIOTECA PUBLICA DO AMAZONAS

DOAÇÃO

feita pelos herdeiros
de Raymundo Moraes

A 3 M
86793
5685

86793
5685

Do mesmo auctor

a entrar no prélo

O KIOSQUE

(Scenas da vida bohemia de Belém)

O BAHÚ DE APOLLO

(Critica litteraria)

Coração de mestiço

(Novella sentimental)

Typos populares

(O tio Angelico, o mestre Leopoldino, a tia Mathilde (rainha do mercado), Marcos de Britto a mãe Faustina, o mestre Martinho, a tia Carolina, (macaca de cinto), o dr. Maniva, a tia Alexandrina, das Bahianas, o pae Carlos Magno, o Pirahyba, o Ignacio Baca-lhau, a Piaba e outros).

A' matrúca...

(Contos e chronicas)

Medalhas e medalhões

(Peris de intellectuaes de Belém)

Ephemerides paraenses

(Compilação da historia do Pará desde 1823 até aos nossos dias)

Página de honra

Ao distincto amigo *TITO FRANCO*, talento culto, penna fecundissima, alma crystallina, perfeita em todas as suas facetas como um brilhante sem jaça, espirito amplo e ductil, que sabe distinguir homens e capacidades, acolher com enthusiasmo os lettrados e os dignos, os que d'elle se acercam a pedir um conselho, uma impressão requintada d'arte, offereço, dedico e consagro este tronchudo repólho litterario, brótado do mal adubado canteiro do meu espirito quarentão, em homenagem á nossa velha e cordial amizade.

ENTRE O RAPÉ E O PARATY... SENSACIONAL ENTREVISTA
SOBRE ASSUNTOS PARAENSES, SÉRIOS E DA
ACTUALIDADES

SOLENNE, AGAPITO

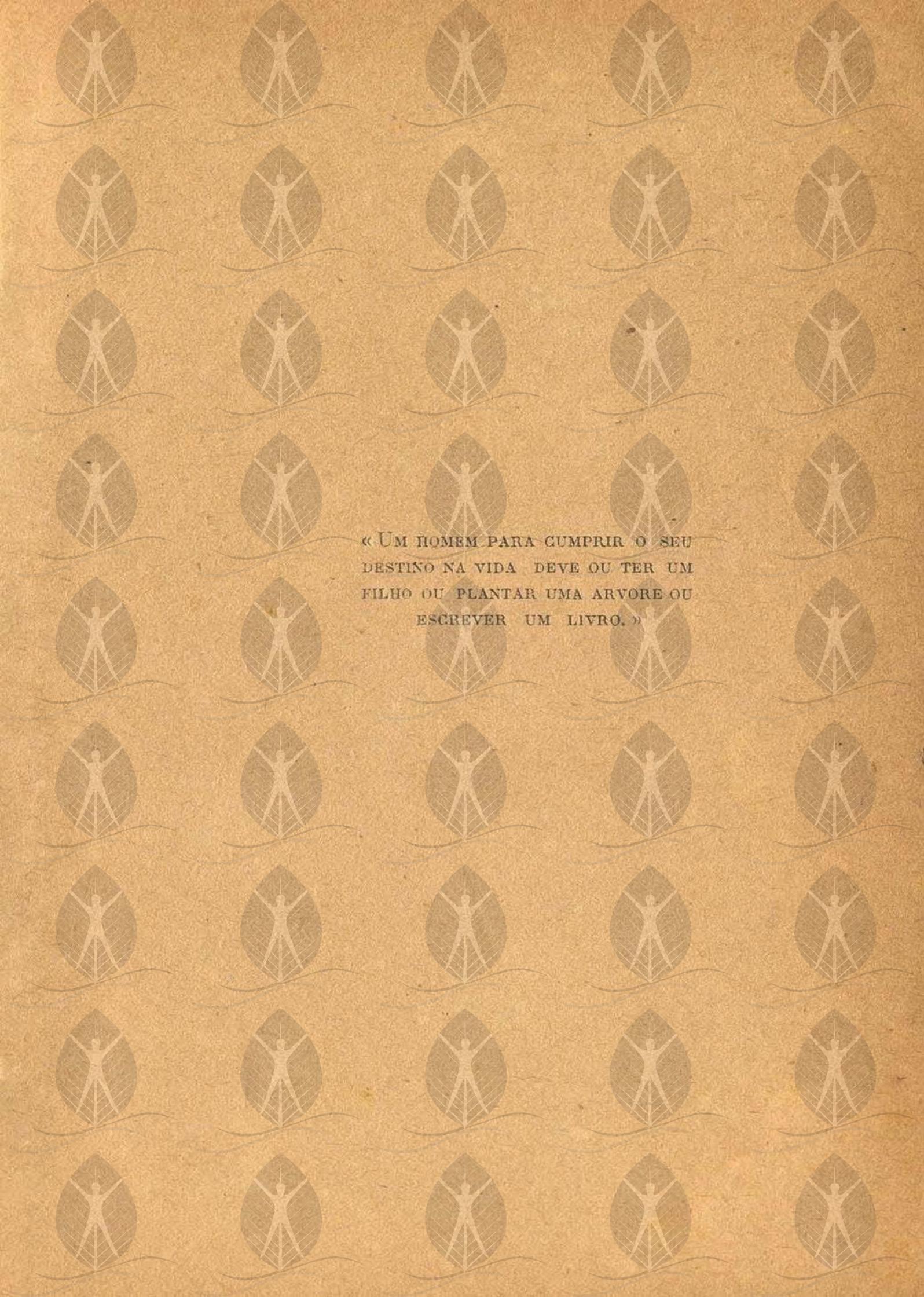
S685 869.93

TOMBO: 019432

*Propriedade exclusiva do auctor os direitos de
adaptação ao theatro e traducção em todas as linguas,
vivas e mortas, inclusive o Esperanto e Tupy
Guarany.*

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Dep. e No. 398
Vol. e No. 14719
No. de Classificação 154
Em. 15/4/1965



« UM HOMEM PARA CUMPRIR O SEU
DESTINO NA VIDA DEVE OU TER UM
FILHO OU PLANTAR UMA ARVORE OU
ESCREVER UM LIVRO. »

Como a verdade, porém, manda Deus que se diga, juro-te por esta luz que nos está allumiando que, reconhecendo muito embora na minha enxundiosa e peccaminosa pessoa esses irremediaveis defeitos, apontados por mestre Ramalho Ortigão, nunca me dei, todavia, por achado, como se costuma dizer. Mais cabeçudo do que o proprio Kéraban, desferrei as vélas do meu patacho litterario e puz-me a pannos (não d'arnica) para o turvo e cavado mar da litteratura e, impellido a trouxe-mouxe pelas ondas verdes e empoladas, perdido no clamôr oceanico das idéas, como um gemido d'alcyone em alvorada precursora de procélla, fui navegando a todo panno, isto é, fui escrevinhando pelos cotovellos, por quantos póros e juntas rheumaticas tenho. E empanturrei, indigestamente, as columnas de varios matutinos e jornalécos de Belem, com as minhas escassas e perras escrevinhadélas, nas quaes espalhei nababescamente o meu *talento*, numa fecundação assombrosa e tortulheira, causando involuntariamente o desespero dos compositores typographicos com a minha lettra em perninhas de aranha, symbolicos gafafunhos que qualquer franga a esgravatar a terra, á cata de minhocas, talvez indignamente repudiasse.

E queres saber? O unico elogio sincero que recebi na minha vida afanosa de *escriptor publico* foi o do sr. Luciano Magalhães, boa creatura, sã de character, coração ao pé da bôcca, enlão gerente administrativo d'*O Jornal*, onde eu mantive gostosamente e por espaço de um anno a secção *O Dia Religioso*, que o excellente velhôte nunca deixava de lêr e gabava, cheio de arroubo e de unção. Não imaginas o desvéllo com que, enfronhando-me nas paginas archaicas do *Flos Sanctorum* do padre Diogo do Rosario, eu destrinçava a vida dos Santos, narrava os supplicios dos martyres, morrendo ás guéllas hiantes das fêras famintas, com o sorriso nos labios, a tranquillidade n'alma e o perdão para os proprios algozes, nas arenas batidas pelo sôl romano, sôb o olhar dos Cezares devassos.

O tempo querido! O saudoso tempo! Deixa recordal-o, onfrade e amigo. E' um intimo prazer dos velhos reviver o passado pela recordação e pela saudade. Revejo e recomponho perfeitamente, em retrospectividade enternecida, o meu convivio nesse jornal que conseguiu ser, sem contestação, de-

pois d' *A Provincia do Pará*, a mais bem feita e a mais distincta folha diaria de Belém. Penetro na espaçosa e abafada sala de redacção: lá vejo o Elyseu Cezar, duma perfeita concretisação jornalística, escrevendo duma assentada, a mordiscar a lingua inspirada e vermelha, os seus magistraes artigos politicos e de polemica, nos quaes reservava sempre segredos que o adversario não podia adivinhar, ferindo de morte, de um jacto, o contendor, e abespinhando-se deveras, quando se fallava do seu primeiro e ultimo livro de versos *Algas*, composto typographicamente por elle proprio; o Tito Franco, espirito formoso, alto e profundo, jornalista formidavel, seguro nos conceitos, logico nas opiniões, um dos nossos mais fortes intellectuaes, a fitar a gente com o seu olhar agudo, conhecedor do mundo e... dos parvos, o toucinheiro toutiço salpicado de brotoejas bravas, supurando humores de intelligencia...; o Enéas Pinheiro, jornalista criterioso, um desses raros que conserva ainda intacta a formosa alma que Deus lhe deu, a tagaréllar, com a sua unctuosa falla entaraméllada, fumando charutos excepcionaes e propugnando, com ardor, pelos interesses agronomicos de Bragança, inclusivè Quatipurú; o Licinio Silva, (o braço direito daquelle matutino), a esse tempo cultivando uma barriguinha aristocratica, sempre com os vincos arrenegados da testa, alfinetando o proximo nas *Aguilhas e Alfinetes*, dando bordoadas de cégo na *Cégarrega Politica* e zurzindo os zoilos que abundavam naquelle tempo, como ainda hoje abundam e eternamente abundarão, como varejeiras esfomeadas sobre o cadaver dum burro; o Benjamin de Souza, bojudo e rebarbativo, as mangas arregaçadas da camisa sobre os braços roliços e cabelludos, sempre a calcar nervosamente em cima do nariz tresuante a móla do pincevez, preso a um enorme cadarço preto, burilando phrases no *Album*, sobre almoços e anniversarios elegantes, com o geito especial que sempre teve para essas papafinas cousinhas da vida social e escrevendo graciosas phantasias litterarias e chronicas, sob os retumbantes pseudonymos B. de S., Grindemil e Oscar Petrovich; o Agostinho Vianna, a tossicar fortemente—anh! anh!—por entre a fumarada do cigarro, grudado nos beiços, muito curvado sobre a sua mesa de trabalho, explorando a selva bati-da do noticiario e cousas de theatro—Juca isto, Juca aquillo—

resingando sempre com os *reporters* que pagavam o pato, por não colherem a seu contento as notas policiaes e encafuando avaramente, a sete chaves, como o tio Gaspar dos *Sinos de Corneville*, os jornaes do sul, de que fazia revista dos Estados e recortava enredos de peças, magicas e apreciações theatraes; o Pereira de Castro, professor de linguas, correcto no fallar, a delicadeza em carne e osso, enchendo, com uma cuidada calligraphia, os seus vernaculos linguados redaccionaes; o Generino Maciel, miniatura humana, de fallas mansas e de muito talento, dando optima conta do seu recado; o Almerindo Silva, de sangue na guélra, apreciado chronista, confabulando impetentementê com as muzas e com o astro melancholico dos namorados e trovadores; o Olavo Nunes, o estheta do verso, d'alma illuminada, hoje incumbado entre bafientos autos no fóro; o men excellentê companheirão d'*O Cegonha*, o nosso ponto nobre, onde, em reuniões alegres e ruidosas, manducavamos gostosamente *alentados* sandwiches de requeijão do Ceará e chuchurreavamos aguados cafés, acompanhados dumas amstrasinhas de pão, com idéaes de manteiga rançosa... Alguns dos desse tempo alegre, que te venho contar como uma ventura, estão no cemiterio: o Alberto Dias, o José Chaves, o Alvaro Fausto, o Armando Paiva, o Galdino Chaves, na noite infinda do sepulchro, á sombra protectora dos cyprestes rumorejantes, longe do contacto envenenado da vida e das fragillidades terrenas, não recebendo nunca mais as travosas desillusões dos homens máos e viciosos.

E, risonhos, despreocupados, serenos, viviamos então para a Vida, para o Amôr ou para a Gloria, com a recordação jovial do dia de hontem e a jovial imprevidencia do dia de amanhã, bebendo pelo mesmo pucaro a mesma agua tão limpida e tão clara para a bôcca dum nababo como para os labios dum mendigo. Quantas vezes, as nossas bôtas rôtas pareciam esmagar um estendal de rosas, pelas ruas e praças da cidade, rosas cujo aroma nos embriagava os sentidos, a carne, o pensamento. Ninguém, que humano seja, deixou de ter na vida a sua hora de bohemia. Ninguém, ao ouvir a alma de Murger, cantando no Sentimento, a alma de Puccini, cantando na Melodia, deixará de surprehender nos que elles immortalisaram com a Melodia e com o Sentimento alguma cousa do que

fôra, nessa hora em que andavamos, como elles, erguendo os braços, erguendo os olhos, erguendo a alma

em busca da ventura fugidia...

Mas, deixemos de divagações, confrade e amigo, e re-ateemos o fio do objectivo principal, que visa esta minha humilde e desataviada carta.

Os annos escoaram-se um atraz dos outros na ampulheta do tempo e eu, como o Judeu Errante da litteratura, ia sempre escrevinhando, escrevinhando sempre, té que um dia, assim do pé p'ra a mão, não sei porque cargas d'agua, espiritado por um genio do Bem ou pelo diabo mais velho e barbaçudo do inferno, se me encasquetou na emperdenida cachóla a idéa de dar á luz um livro! E dei-o á luz! Tal qual o parto da montanha! E' este que tens entre as macias e papudas mãos.

Ah! Entrevejo os dez mil exemplares do meu livro, completamente esgottados; o sr. Eduardo Tavares Cardoso, à frente duma commissão de livreiros de Belém, a querer comprar-me insistentemente a propriedade da obra; dinheiro que farte, abastança, inscripções, apolices do governo, juro avultados na Caixa Economica, nos Bancos do Pará e Credito Popular; garrafas de cerveja, caminhando em pelotões cerrados e despejando o topazino e espumoso liquido na minha voraz guéla e na do pantagruelico amigo Jesuino Bernal, de riço buxo; a pança atulhada de petiscos acirrantes, iscas e pescada d'escabeche do *Café Lisbonense*, á falta de outro melhor; bons charutos, passeios de automoveis, patuscadas e estroinices, emfim, o meu corpo ou antes, como diz Xavier de Maistre, a minha *besta*, regaladinha, feliz, saboreando os gosos faiscentes da vida e etc. e tal pontinhos.

O meu livro! Deixa que te eu fale no meu livro, o meu sonho mais dilecto, a suave alegria do meu hypertrophiado coração. Como é garrido e vistoso o meu livro, todo *smart*, na sua cuidada brochura, in-8.º, corpo 10, em papel assetinado! Parece um sátrapa de livraria, benza-o Deus! Ser auctor! Que palavra assucarada, como a fructa do angá! E até faz coegas n'alma da gente! E' uma destas glorias tocantes,

uma destas emoções subtis, uma destas requintadas lisonjas, que é melhor experimental-as, do que julgal-as, como diz o poeta.

Aqui para nós, confrade e amigo, baccreja-me que, toda a vez que eu vir o meu livro nas montras da Livraria Alfacinha e da Agencia Martins, entre jornaes de modas e maggazines de guerra, junto d'*O Malho*, do *Fon-Fon*, d'*A Careta* e da *Caraboo*, hei de sentir dulçurosa satisfacção, impando de orgulho e basofia, como um Perú, quando dispara o leque—pouf!—para o lado da Perúa. Mais vale um gosto do que quatro vintens—diz acertadamente a sabedoria popular. Em breve, se Deus quizer, terás tambem occasião de experimentar esse prazer de que falo, quando o teu reputa lo nome, em lettras de fôrma, encabeçar os succulentos e substanciosos volumes *Aspectos Urbanos* e *No Paiz da Cabotinagem*, livros de que poderá orgulhar-se a lingua patria e vernacula e em cujas paginas fervilham, em borbolões, as ondas do teu opiparo e fogoso talento, do teu espirito investigador e perscrutante, que acompanha *pari-passu* as sciencias e as lettras nas suas multiplas e variadas manifestações.

O meu livro (declaro-te a tempo) não está isento de defeitos, como nenhum o está. Conheces de sobra as minhas debéis forças litterarias e jornalisticas... O aço do meu cerebro, oxydado por muitos annos e pelo acido salicylico, já não espelha imagens bonitas. Sou como que um pôço de sabedoria entupido. Depois, fazer um bom livro, segundo um philosopho chinez, é tarefa mais arquejante do que fabricar uma nova Theoria Social ou desenrolar uma nova fôrma d'Arte. Entretanto, tentando um esforço e, tendo na memoria a moralidade da fabula das rãs, levei a cabo a edição do meu livro, com o auxilio da audacia, que é o verdadeiro genio dos insignificantes, satisfazendo assim os vividos desejos dos meus admiradores de ambos os sexos e de varias nacionalidades.

Uma cousa, porém, te affianço, confrade e amigo: a pachorrenta e bisbilhoteira creatura, que se affoitar a metter dente no meu livro, não encontrará nelle imprecações, gritos contra a humanidade, phrases assombrosas de imprudencia, maximas de injurias e obscenidades, tudo, emfim, que pôde verter uma alma desterrada do mundo, por odio e vingança. O

meu livro não tem peipecias medonhas, facadas nos bandulhos, tiros de revolver, mascarados embuçados, maridos enganados, gemidos, trevas e lagrimas; não abocanha a religião, os bons costumes do paiz, não desacata a moral, não transgride a lei, não esfuracha a circumspecção humana, não espiólha o que se passa nas casas dos outros e nas consciencias alheias; não fundbula vultos politicos, não desrespeita a policia, os Poderes Publicos, não desanca o jogo do bicho e nem os jaburús das barbeatas. Ao contrario, é um livro sorridente e pacato, sem funaradas de estylo, aberto a toda a sorte de idéas, de gostos e de sentimentos risonhos, sem rumo e sem preocupações, empinturrado com alguma *purée* humoristica, mal cosinhada; um livro que espera transpór, a paz e salvamento, a bahia Marajó dacritica, sem se afogar, um livro de méro brinquedo carnavalesco, escripto por um jornalista aposentado, de grisalha meia idade, já entrado no periodo fatidico de reumatismo e d'achaques, nas sem pés de gallinha e com forças ainda para certas rapaziadas e para rostar impavidamente com as *más companhias*; um livro, finalmente, forgicado por um madraço que, longedadas podridões urbanas, no refugio sereno do seu querido lar, sanctificado pelos cabellos brancos de seus velhos e adorados paes, não faz outra cousa senão brincar com a filharada, ouvir Chopin e Liszt, comer, fumar, lér, dormir e... digerir, sem a dura preocupação do fim do mez e do caderno das compras, deixando fugir a vida e os dias sem contratempos, cantantese joviaes, como um bando de abelhas douradas que zumbem, fulgurando ao sol, numa tarde azul e serena de verão...

Tu, confrade e amigo, que, incontestavelmente, tens mais pratica do que eu no namejc da maviosa e cantante lingua portugueza, que possúeso verniz dos mestres, escrevendo com tão perfeito conhecimento das nossas regras grammaticaes e com tão bom senso, enendarás os erros de syntaxe do meu livro, a má collocação *uma* pronome, um adverbio repetido, qualquer alfinetada em principios rudimentares de Dona Grammatica, por causa de quem lbôas e merecidas palmatoadas chucheí de monsenhor Domciano Cardoso, meu venerando parente e erudito mestre de portuguez, para que os meus tenros e rosados dedos de adolescente se acostumassem a escrever com

acerto as intrincadas conjugações dos verbos irregulares e os dictados classicos dos padres Antonio Vieira, Manoel Bernardes e frei Luiz de Souza. Como vês, confio-me cegamente á tua unha experiente: gripba, virgúla, pontúa, modernisa a orthographia, se és apologista de Candido de Figueiredo; expurga os termos archaicos, esgaravata os neologismos, os solecismos, os francezismos, os anglicismos e todas as churuméllas que terminam em *ismos*; descobre idéas assimiladas ou algum plagiosinho, faze, emfim, o que entenderes, a teu bél-prazer, sem cerimonia, como se estivesse sob o tecto do teu lar feliz, no repouso da lucta de mais um dia.

E se, no decorrer da leitura, esboçares um riso, não amarello, mas de bom humor, por bem recompensado e grato eu te ficarei, pois nutro fagueiras esperanças de, com o teu pisto-lão, embarcar para a Gloria pelo porto litterario da invicta cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará e de tratar pro *tu*, em dias não remotos, os teus illustres confrades do Sillogeu, que é, como quem diz, a Academia Paraense de Lettras, onde as tuas calças e o competente recheio afôfam uma poltrona de immortal.

Ter fé e esperar!—as ultimas palavras do Conde de Monte Christo. E' o que eu faço, confrade e amigo, com paciencia e resignação evangelicas, esperando, com a justiça que me é devida, a corôa de louros de *biscuit*, recompensa das minhas locubrações litterarias, tendo sempre em mente uma das boas e consoladoras sentenças da Biblia—de que os ultimos serão os primeiros. A's vezes, porém, sentindo-me tão acalcanhado de desprezos, a desillusão, como o simum adusto do Sahara, me atórresma os toucinhos d'alma e eu, então, por horas mortas, no silencio do meu gabinete, em ceroulas, expulgando-me e bebendo o meu chá de herva cidreira, por causa d'azia, contemplo os meus livros *virgens*, repousando nas estantes de cedro antigo e cheiroso, avaramente furtados á gula encyclopedica das traças pela minha precavida bibliomania e, como o pçeta de sempiterna memoria, exclamo, desoladoramente, com um profundo *suspiro*, vindo do mais fundo dos meus intestinos grossos e finos:

« Neste campo solitario
Onde a desgraça me tem,
Chamo, ninguém me responde
Olho, não vejo ninguém ! »

E me deixo ficar, olhos em extases, até alta noite, cogitando-me e ouvindo o *sól* e o *dó* dos vagabundos violões serenistas e os triunphantes cócórícos dos gallos; annunciando jocosamente aos ventos d'alva mais um dia de dôr anonyma para os infinitamente humildes da vida. O que me vale e fortifica é ter eu um bom fundo, que me faz esgottar calado, como é do condão das almas superiormente temperadas, esse calice de amarguras que precede a glória.

Mas, não fallêmos de cousas tetricas. Adeus. A nossa velha camaradagem sempre será de pedra e cal, aconteça o que acontecer, chova agua, fogo, canivete ou arroz. Abraça-te, numa grande cordialidade de barrigada, o teu ex-companheiro, mas não ex-amigo.

Agapito Solenne



I

Dos penates ao aposento régio

Escravo da moda—Provas de affecto—Verificando a *pose*—Bello como Adonis—A apreciação do moléque Desiderio—Desdem pela crise—O Walk-Over-taxi—Tratos á bóla—Continencia militar—No atrio da vivenda de El-Rei Momo 40—Segundos de indecisão—Conselho ajuizado—Furo de reportagem—Carangueijo de imprensa—Gramophone salvador—Um arrôto—Coceira significativa...—Um mestre-sala desconfiado e... cabuloso—Interrogatorio inquisitorial—Assomo de energia!—Agua na fervura—Gentileza a... muque—Desconfiando sempre—Um gesto pouco amavel...—Nos braços de Morpheu—Silencio!—As tres pancadas do estylo—Entrada solemne.

No meu gabinete de trabalho, estylo a Carlos Magno, em frente ao espelho oval do lavatorio de marmore, eu ultimava, com cuidados tafúes, como se fôsse a uma primeira entrevista amorosa, o meu apurado traço de litterato e jornalista do bom tom, que sempre se vestiu pelo ultimo figurino do mundo janóta de Paris e Londres, mantendo correcta e fidalgamente a «linha».

Afinal de contas, a muita instancia de amigos e camaradas de imprensa, resolvera, nessa quinta-feira, dia de sól, em começos de fevereiro, entrevistar sua Magestade Fidelissima El-Rei-Momo 40, que aportára

a Belém, com sua comitiva, a vinte do mez anterior, em excursão de estudos scientificos pela Amazonia e... incognito.

Emquanto o moléque Desiderio, um dos vinte creados particulares que estão sempre ao meu serviço, me abotoava as polainas brancas sobre os sapatos de verniz, mexericando de *cousas assucedidas* com a visinhança, provando assim que andava em dia com a vida alheia, eu concertei mais uma vez o garbo da melena, arricei, em arrogancia cavalleiresca, as pontas do bigóde á Remigio Fernandez, retorquei o laço bem catita da gravata tricolor, *tout-a fait-chic*, envergando o mais *up to date* dos meus fracks, de primoroso córte e magnifico chevióte inglez, reservado sómente para as grandes solemnidades da patria e com que, de quando em quando, como derradeira prova de affecto, vou a Santa Izabel levar piedosamente á paz consoladora da cóva fria o cadaver d'algum amigo.

Em seguida, flori a botoeira com um bello ramo de violetas, perfumei-me, tomei as luvas côr de telha e a bengala de unicornio, encastoada em ouro fôsko e, de cartóla Delion á cabeça, o monoculo insolentemente entalado na orbita esquerda, mirei-me de frente, de lado, a tres quartos, verificando a dandynosa *pose*. Como, de facto, me achasse elegante e bello como o fallecido Adonis, indaguei do Desiderio, que me olhava de bôcca aberta, coçando a carapinha hirsuta, ninho conhecido de protosoarios incommodos:

—Franqueza, franquezinha, ó Desiderio? Que tal o teu patrão, hein? Olha o frack, o vinco das calças, a elegancia, a esthetica!

—Hum! No trinque do luxo! Com essa rodéla no olho, o *seu* doutor parece um calunga de figurino!

—ripostou o moléque cametauara, mostrando, num sorriso adulator, duas galerias de dentes brancos, muito eguaes e dum esmalte opalino, que o cirurgião-dentista João de Deus da Costa invejaria, para os expôr no mostruario do seu concorrido gabinete.

Sorri com a apreciação patusca do pernóstico Desiderio, accendi um charuto caro de dez mil réis a caixa de cem, muni-me dum lapis e dum *block-notes* e, cantarolando alegremente o estribilho *Sapêca, povo, sapêca*, sapequei-me, com um supremo desdem pela crise, para um Walk-Over-taxi, da garage *Vá A Pé Se Não Póde Pagar*, rumo da Conceição, onde se installára Sua Magestade numa pittoresca e confortavel vivenda, em fórma de castello medieval, escondida discretamente entre frondosas mangueiras centenarias, a curta distancia da garapeira.

Pelo percurso da viagem, sem exaggeros sportivos de velocidade, dava tratos á bóla, recompondo, afinando, burilando os elegantes e tersos periodos do substancioso discurso, fumegante de imaginação, impecavel de prosodia e syntaxe, o qual preparára duas semanas antes com todo o meu talento e suor cerebral e que pronunciaria de cór, quando me encontrasse, respeitoso e attonito, na presença de El-Rei e Sua Magestade, num sorriso acolhedor e prazenteiro, me estendesse os cinco dedos de sua augusta e magnanima dêxtra que eu, em curvatura reverente e cortezanesca, teria a grande e ufaneira honra de beijar.

Minutos depois, deante do portão de entrada da residencia real, encimado por dois cachorros de louça amarélla, o *taxi*, fonfonando, fez um *tróóó-rraque* de *landaulet* de luxo, que pára subita e estrepitosamente. Apeei. E, todo empertigado, pisando duro como o Raymundo Moraes, atravessei o jardim por sob um

caramanchél de madresilvas em flôr. O jardineiro que varria as folhas sêccas duma alameda com uma vassoura de piassaba, deparando commigo, deu-me passagem e, perfilando-se como um garboso soldado prussiano em parada militar, apresentou-me as armas com o seu pacifico instrumento de limpeza, que só é arma, e isso mesmo às vezes, no lar conjugal... Acenei-lhe com dois dedos um cumprimento moderno e vagarosamente, em passo de cortejo civico, galguei os degrãos da larga escadaria de granito, que conduz ao atrio, envidraçado a côres cambiantes, onde estaquei, meio desconfiado de que Sua Magestade me não recebesse aquella hora, uma e tres quartos da tarde.

Durante segundos, fiquei indeciso, sem saber o que fazer. Não apparecia viv'alma, a não ser um gato preto, de rabo estolado, passeando sobre um muro bolorento e humido, no demorado e sacerdotal passo dos felinos em calma. De dentro da vivenda, cerradas janellas e portas, não vinha o menor ruido. Bateria ou não? Receiava incommodar El-Rei que talvez estivesse em conferencia reservada com alguns dos grossos triumphos da nossa politicagem de todos os gostos e feitios, ou dormindo beatificamente a sua sêsta digestiva. Pelo sim e pelo não, não bati. Bem quizera eu solicitar, por escripto a Sua Magestade me designasse o dia e a hora, para me receber, em audiencia, como é de praxe entre pessoas de certa preponderancia, mormente tratando-se de testas coroadas, dum monarcha illustre, de tradições gloriosas, ou, então, *cavar* uma apresentação em regra d'algum dos valorosos pistolões da situação politica actual. Culpado disso, porém, fôra o confrade Raymundo Trindade, que, em palestra, no *High-Life*, me aconselhára, num tom co vincente, chupando a

sua laranjada por um canudinho de palha, que de nada valiam essas formalidades, porque El-Rei acolhia cortezmente os jornalistas, era despido de etiquetas, simples e chão, á maneira antiga, não ligando absolutamente importancia a essas cerimoniaes sociaes e tôlas da nossa época.

E, comtudo, não tive coragem de bater. Descorçoado, pensei em retroceder, adiar para occasião mais opportuna a minha importante entrevista que, certo, seria um grande *furo* de reportagem e a nota sensacional do mez no jornalismo indigena, pois semelhante e luminosa idéa não occorrera á esclarecida cachimonia de nenhum dos meus conspicuos confrades, a quem queria dar quináo, quebrar-lhes a castanha na bôcca, por fazerem pouco caso da minha intelligencia uberrima—modestia á parte—do meu talento renovador e forte, excepcional em tudo, e das minhas irrecusaveis aptidões jornalisticas, chamando-me accintosamente e por inveja—carangueijo de imprensa.

Resignado a prescindir do meu intento, prevenido o commentario desairoso do meu liasco nas rôdas cervejeiras e bohemias, ia-me pondo ao fresco com uma cara de quem enguliu, sem querer, uma barata cascuda, quando ouvi os sons fanhosos dum gramophone, berrando um langoroso e repinicado maxixe. Criei animo. Atirei fóra o charuto que já estava a findar, e, pausadamente, fortemente, o coração aos tremeliques, bati as tres palmas da pragmatica—*pá-pá-pá*.

Dum compartimento contiguo, um *já vae* aborrecido, um arrastar de cadeira, um arrôto, passos apressados chegaram aos meus ouvidos. Não esperei nem meio minuto. Uma porta de persianas miudinhas abriu-se e defrontei-mé com um cidadão já ma-

duróte, de pernas cambadas, magricélla, muito alto, bochechudinho, com um olho vasado e ramellento, de suissas arruiviscadas, ladeando-lhe a cara raspada e riscada d'engelhas á semelhança de genipapo maduro, e com uma cabeça optima para um páo de vigilante nocturno, de tão calva que era. Uns oculos, d'aros de latão e quadrados como os do sr. Araujo, da Garantia da Amazonia, encavallavam-se-lhe no ossudo e gordurento nariz em fórma de gancho que, para maior belleza, tinha uma grande verruga na ponta, com tres fiositos de cabello, espetados e rijos como piassá. Envolucrava-se numa desengonçada e sebuda sobrecasaca de lustrina, ornada duma condecoração de veterano da Cabanada e abotoada até o pescoço, que se enchumaçava numa gravata de merinó preto de duas voltas, subindo-lhe até ás orelhas espalmadas, de onde irrompiam pastos grisalhos de pêllos. As calças cinzentas de xadrez, esfiampadas nas bainhas e serzidas nas joelheiras, chegavam apenas ao meio cano duns acalcanhados borzeguins de couro amarello e que parecia nunca terem travado conhecimento com escovas nem graxa.

Era o secretario do sub-secretario do secretario geral de Sua Magestade e accumulava as altas e honrosas funcções de mestre-sala. Fez-me um ligeiro cumprimento de cabeça, jogou fóra a ponta sarrenta do cigarro de tauary, chupada até á raiz, soltou uma cusparada para o lado e, coçando-se com uma careta nas approximações do umbigo, rosnou, com ar d'embezerrado, medindo-me desconfiado d'alto a baixo:

— *Qué qui há?*

Com o sorriso classico das amabilidades convencionaes, que mandam sorrir, mesmo quando um alfinete nos atravesse, ou um laerau nos aferrôe em

certo sitio melindroso, dei-lhe as boas tardes, dizendo-lhe muito amavel, os dois dedos pégando na aba da cartóla:

—Desejava ter com Sua Magestade um pequeno *interview*.

—Um... que?!

—... pequeno *interview*. Peço-lhe o obsequio de me facilitar a entrada.

—Sua Magestade não é hoje visivel, cavalheiro. Sua Magestade soffreu hontem uma indigestão de maniçoba com cabeça de porco, está impliquento e até queixou-se-me de um pouquito de dôr de cabeça, sentindo a bôcca sarrabulhenta e o estomago como que embrulhado, isto é, com sabor a papel amaréllo e barbante... Aconselho ao cavalheiro que venha em outro dia, de preferencia antes de Sua Magestade almoçar...

—Perdão—objectei-lhe em tom cortez.—Eu tenho urgente e inadiavel necessidade de falar agora com Sua Magestade. Cousa breve, poucas palavras.

—Além d'isso, cavalheiro, Sua Magestade trabalhou hoje como um burro de carga. Pela manhã, assignou uma penca de decretos e nomeações, tem requerimentos a despachar, rascunhos de artigos, correspondencias esboçadas e, não ha de haver meia hora, conferenciou longamente com os presidentes dos Clubs Velhos Esponjas, Filhos da Pindahyba, Amôr do Paraty, Filhos dos Páos d'Agua, Irmãos da O'pa, Tire a Mão d'Ahi, Arranca Tôco e com uma comissão do Blóco do Resurgimento Nacional e Comité de Propaganda dos Interesses Brasileiros...

—Faça-me, comtudo, o favor de annunciar-me a Sua Magestade. Tenho certeza de que Sua Magestade me receberá.

—O cavalheiro é influencia politica, ou delegado d'algum municipio?

—Nem uma nem outra cousa.

—O seu cartão de visita?

—Não uso. Queira ter a bondade de dizer a Sua Magestade que eu vim pel'*A Alavanca*.

—Pela... que?!—interrogou o secretario, com a bôcca muito aberta e a mão encornetada na orelha.

—Pel'*A Alavanca*, um jornal de que sou proprietario, editor, redactor principal, gerente e cobrador.

—Chii!—fez o meu interlocutor, assobiando prolongadamente e estalando, á guisa de castanhólas, os dedos tartarizados do cigarro—O cavalheiro é jornalista?

—Com muita honra e gloria para a classe.

—Sua Magestade desconfia muito deste negocio de entrevistas com jornalistas...

—Não ha nenhum inconveniente na minha entrevista, pôde crêr. Vá annunciar-me a Sua Magestade, faça-me o obsequio.

—Deseja o cavalheiro entrevistar Sua Magestade sobre politica, crise financeira cotações e cambios? ou pretende conseguir do reino de Sua Magestade alguma pensão a titulo de cultivar bellas letras?

—Não é nada disso.

—Quer o cavalheiro tratar com Sua Magestade do povoamento do sólo, da divida fluctuante, da emissão de apolices, da criação de ligas femininas, sociedades de resistencia, syndicatos profissionaes, ou da fundação d'algum banco hypothecario para salvar a agricultura, a industria da borracha, da banana ou do côco babassú?

—A minha entrevista é absolutamente diversa d'aquillo que acaba de citar.

—Oh! diabo! Então é cousa muito séria.

—Sim e não.

—Sim e não? Que será? Deseja o cavalheiro impingir a Sua Magestade algum bilhete para beneficio de cruces vermelhas e flagellados, obra de combate á miseria, serata musical, conferencia litteraria, festa de caridade, rifa, subscripções entre amigos e outras *churumélas* que cheiram a boró? Não péga, cavalheiro! Sua Magestade está escabriado e os arames andam vasqueiros! Vá para o Acre; lá, talvez, o cavalheiro cave alguma cousa, sem ser preciso *grande esforço*.

—Bolas! Não tenho que lhe dar satisfacções. Leve-me á presença de Sua Magestade.

—O cavalheiro pertence a alguma sociedade secreta? Usa armas prohibidas? Tenciona fazer algum mal a Sua Magestade?

Ao ouvir isto, subi ás ortigas e chegou-me uma gana de passar-lhe uma rasteira em que sou mais ou menos exercitado e amolgar-lhe os tambos com um formidavel *goddeme*. Contive-me, porque me prézo de ser um homem bem educado. Tomei, porém, um aspecto amedrontador e, num assomo d'energia, rabido e sanhudo, floreado a bengala e dando sapatadas no pavimento emmoisacado do atrio, gritei com a vóz gorgolejante nas guélas:

—Ora, *seu cousa!* Quer saber duma cousa? Não metta o bedelho em cousa que não é de sua alçada, percebeu?

—Mas...

—Qual mas, nem pera mas—respondi em cima da fivéla, os olhos phosphorentes d'ameaças—Veja lá bem com quem se mette!

—O cavalheiro...

—Bico! Não me replique, percebeu? Pensa você

que eu sou algum lagalhé? Acha-me com cara de anarchista? Está muito enganado. Eu tenho nome na historia, percebeu?

—Perdão...

—Não amólle. Vá dizer a Sua Magestade que um representante da imprensa paraense deseja urgentissimamente entrevistar Sua Real Pessôa. Que está você para ahi pasmado, a olhar para mim? Mexa-se. Não estou para o aturar! Quando não, pôde haver aqui muito sangue, percebeu?...

E bufei, estalfado. Foi agua na fervura: o secretario não disse chús nem bús, enguliu em sêcco, metteu a viôla no sacco, esticou os punhos da sobrecasaca, sungou as calças, levantou os hombros repetidas vezes á altura das orelhas e, com a cabeça curvada, o braço espichado, recuou dois passos, facultando-me gentilmente passagem:

—Digne-se o amavel e sympathico cavalheiro conceder-me a subida honra de entrar...

Não esperei segundo convite. Limpei as chancras num capacho de côco e transpuz o batente da porta, parando ao meio da sala de espera, de mobiliario simples e de bom gosto e ornamentada de panoplias, com lanças e frêchas indigenas, cheias de misangas e pennas de arara, gavião, tucano e papagaio. Sob um espelho esguio, de moldura d'ebano, biselado, via-se a *Illustração Paraense*, emmoldurada por um caixilho artistico, com o retrato de Paulo Maranhão em photogravura, fidalgo e austero, o olhar classico dum tribuno, amotinando uma turba. Depuz a cartôla e a bengala nas mãos retintas dum laçao, mal encarado, de gaforinha lustrosa de Oriza, e vestidô de libré azul-ferrete, com botões amarellos, collete de ganga encarnada, gravata branca, gommada a lustre, sapatos de fivêla d'aço e bicos arrebitados.

O secretario, sempre risonho e amavel, depois de coçar-se mais uma vez no mesmo logar e pedir-me ainda por obsequio que assignasse o livro de visitantes, tomou de sobre um piano de cauda um bastão alto de marfim, tendo por castão uma aguia de ouro, d'azas espalmadas e, mal eu zig-zagueava o rabisco da minha assignatura, pingando os tres pontinhos mysteriosos, fez-me signal para que o seguisse. Segui atráz d'elle. Enveredamos por um longo e claro corredor, ladeado de quartos de dormir e de paredes rodapisadas de azulejos, illustrados com patifarias mythologicas e cupidinhos nús, rechonchudos e rosados, cavalgando alegremente um esquadrão fogoso de borboletas azues.

De vez em quando, o meu guia, rabujando por entre dentes e pisando sem o menor barulho, voltava-se, para me lançar olhadélas de desconfiança e eu, em represalia ao desacato á minha dignidade jornalística, fiz-lhe á surrella, por baixo do track, um gesto de ante-braço e mão, a que chamam *manguito* na terra do vinho verde, das castanhas e das azeitonas. Ao fundo, sahido o corredor, entramos na sala de jantar, cheia da claridade de fóra e dum canto festivo de canarios e curiós, empoleirados em douradas gaiolinhas de mirity, pendentés do tecto. Um carafuz, carrancudo e feroz, derreado mollemente numa cadeira de verga, as pernas esticadas, a bôcca aberta, a braguilha desabotoada a mostrar um pedaço de fralda suja, roncava como uma vara de porcos. Vi-lhe na cinta uma grande pajehú, enfiada numa bainha de sóla, e a seus pés jaziam o chapéo de palha, queimado de sól e encardido de poeira e um grosso cacete quimado de massaranduba, com uma grande bóla de chumbo numa das extremidades.

Paramos por um momento, enquanto o se-

cretario, de cócoras, apertava o nastro da ceroula. Em seguida, ganhamos uma escada em espiral e estacamos por fim, no andar nobre, ante uma porta, velada por um pesado reposteiro carmezi adamascado com o escudo das armas reaes a prata. O secretario pôz um dedo ao longo do nariz, recommendando-me silencio e, depois de benzer-se, pôr largo, da testa á barriga e de hombro a hombro, bateu com a ponteira do bastão do seu cargo palatino tres fôrtes e intervaladas pancadas no soalho, como se batesse maçoicamente á porta do templo.

Acto continuo, levantou o reposteiro e, convidando-me a entrar primeiro, penetrei, grave e solenne, no aposento, onde Sua Magestade faz o seu costumeiro chylo, após o empanturro do almoço, e despacha o... expediente.



O Ghylo d'El-Rei

Abelhudice de jornalista—O aposento régio—Quadros históricos...—Um artigo do Código Penal—Bustos celebres—O Deus da bebedeira—Um retrato fiél—Maxixe descabellado—O numero tres dos inimigos da alma—Um pachá no seu serralho—A onça—Monoculizando a Borboleta—Belleza de fórmãs!—A leitura de Sua Magestade—A Deusa do Amor—Um macaco de estimação—Arsenal bellico—Odor de femina—Um papagaio trovador—Picada de môsca varejeira—Grélendo umas panturrihas—Aprumo oratorio—Um discurso de truz—Mulheres enthusiasmadas—Um palhaço malcreado—A commoção de Sua Magestade—Coração perto da bôcca.

Abelhudo como todo o jornalista que se présa, désorbitei o monoculo para vêr melhor e circumvaguei o olhar pelo recinto régio, esquadrinhando-o arguta e minuciosamente. Vasto, mobiliado dum luxo sobrio e soalhado de pequenos polygonos de pão amarello e acapú, recebia a claridade por duas amplas janellas, atravéz das quaes se avistava, faiscando ao sól, um trecho do rio Guajará, em cuja agua remançosa escorregava docemente uma canôa, de velas enfunadas.

A meio do aposento, uma columna negra, de cannelluras douradas, sopesava um jarrão de Yeddo, d'onde emergia, numa pujança de vegetação tro-

pical, a palmeira gracil dum assahyseiro. Do tecto, estucado a verde-turqueza, pendiam aranhões de serpentinhas multicores, festões de verduras e flôres artificiaes, bandeirolas de todas as nações e cestinhos de junco com parasitas floridas, presos a finas correntes de nickel. Pelas paredes, escaioladas a branco, com florões azulinos, exhibiam-se, por entre ventarólas de côres mirambolantes e mascaradas brejeiras de jograes e arlequins, quadros raros de lithographia e desenhos a *fusain*, em largas molduras de lacca, representando corpos nús de éphebos e scenas dos festins da Babylonia e das Bacchanaes de Roma, dum desalorado sensualismo, que eu vos não descrevo, ó innocente leitor, com temor de offender a vossa angelica pudicicia e um certo e inflexivel artigo do Codigo Penal da Republica. . .

Nas jardineiras de jacarandá, abarbadadas de *bi-belots* e quinquilharias galantes, viam-se candelabros de prata, com stearinas côr de rosa e bobeches de papel azul em recórtés, e os bustos em terra-côta e saxe dos homens mais eminentes nas lettras, nas armas, nas sciencias, no jornalismo, no magisterio superior, na politica, na diplomacia e na administração publica do paiz de Sua Magestade Augusta Fidelissima El-Rei Momo 40. A um canto, de cima duma columnata de cedro, com filetes aureos, um grande Baccho, de bronze, escarranchado numa pipa, com um dos tamos arrombado e uma aduêla de menos, careteava, ébrio de phalerno, bohemio e cynico, enfeitado de folhas de parra e d'uvas maduras. Frenteando com o galhofeiro Deus da bebedeira, num cavallete, meio afogado nas préguas duma colcha secular da Bahia, ostentava-se, dentro duma moldura rica, uma vultuosa têla a óleo, assignada Theodoro Braga, com o retrato de El-Rei, corpo inteiro, admiravelmente parecido, en-

trajado de brigadeiro da Guarda Nacional, fardalhão bordado a ouro, o bigode kaiseresco, pêra mephistophelica, meia careca á Eustachio de Azevedo, o olhar fixo e arrogante, bello e imponente ar, resumando intensa e bellicosa marcialidade, o peito largo coalhado de condecorações estrangeiras e gran-cruzes, bótas altas de polimento preto á Chanttilly, a mão esquerda pousada nos punhos d'ouro da espada e a direita segurando o chapéo bicorne de pluma escarlata.

Um *valet de chambre*, vestido de palhaço, com a cabelleira ponteaguda, a metade do rosto preta e outra metade encarnada, junto a uma meza pé de gallo, coberta por um panno de crochet, dava corda a um gramophone que rechinava o *Garoto*, do maestro Raffaello Segré, enquanto as damas de honor de Sua Magestade, em trajos de *romanas da decadencia*, penteadas á grega, os pés nús protegidos por chinellinhas vermelhuscas, maxixavam em requebros de voluptuosa molleza, desnalgando-se numa escandalosa exposição do numero tres dos inimigos da alma, o peor de todos. . .

No desvão de duas janellas, recatado por um biorrbo de setim branco, com dragões assanhados e diabinhos chifrudos, bordados a matiz, El-Rei parecia um pacha—no á vontade—do seu serralho. Mettido num pyjama de papae abre-olho, debruado de verde, os pés sem meias numas sandalias de tapete vermelho com caras de gato na face superior, a cabeça abaçada num barrete de retróz, enfiado pelas orelhas abaixo, estirava-se, apopletico e bojudo, de bandulho para o ar, muito espapaçado de enxundias, sobre um largo e fôfo divan turco, e arrotava, empanzinado e farto, as mãos cruzadas sobre o touço, as pernas abertas em losango, os olhos p'ro tecto, com modos de quem cogitava na morte da bezerra, ou

na quadratura do círculo. . . Debaixo do divan, esparrimava-se uma pelle de onça, das pintadas, d'olhos accêsos e guêla escancarada, com formidaveis presas salientes, desdobrando-se sobre ella um exemplar da *Folha do Norte*, que Sua Magestade estivera a lêr e que, sem duvida, lhe tinha escapado das mãos insensivelmente. . .

Uma deliciosa mulher, phantasiada de Borboleta, dessas de fazer viravoltar o juizo da gente e crescer agua na bôcea, arejava El-Rei com um flabêllo de pennas, de garças e guarás. Eu a monoculisei. O collo nú, coroado das espumas valencianas dum decôte de gorgurão azul, deixava vêr a intumescencia ondulosa de dois seios claros e turgidos, arfando num movimento de vagas serenas. Dos pés mignons e fidalgos, elegantemente calçados nuns sapatinhos de tacões a Luiz XV, subiam, numa lisura impeccavel, as meias pretas de fio de Escossia, que as ligas encarnadas, com fechos de ouro esmaltado, atavam pouco acima dos joelhos, realçando o nevirroseo levissimo, quasi branco, do *maillot* das côxas roliças que, numa pompa sensual, emergiam d'ahi, erectas e firmes, como « dois grandes lyrios pallidos, aflorando na penumbra duma estufa, da bôcea estreita de dois esbeltos jarrões de marmore negro ou de onyx. . . »

Das hombreiras do corpete espalmavam-se-lhe graciosamente as azas, de escumilha branca, numa alvura de mymphêa, salpicadas de lantejoulas douradas e malacachetas. Um diadema de brilhantes, em fôrma de crescente musulmano, fulgurava na sua magnifica cabelleira, dum louro phosporescente, cujo penteado lhe descobria a nueca, duma brancura de louça. Nos braços nús, de roseas e gorduchitas covinhas nos cotovellos, enroscavam-se duas serpen-

tes d'ouro, com olhos de rubis e escamas d'esmeraldas.

Numa estantezinha portátil e rotativa, haviam livros e revistas de arte. Levei longe a minha bisbitheca jornalística, buscando a leitura de Sua Magestade pelo relancear das lombadas, vendo, entre outras, as notáveis e raríssimas obras dum alto valor bibliographico: *Evolução Política*, de Valente de Andrade, *Alma e Coração*, de Hygino Amanajás, *Livro de São Cypriano*, *Carta do A. B. C.*, de Lucilio Pfaender, o *Orador Popular*, *Mensageiro dos Amantes*, o *Cosinheiro Brasileiro*, *Brocatellos*, de Rocha Moreira, *Fogos Fatuos*, de Antonio Silva, *Manual do Copo e do Botequin*, *Vigôr Viril*, de Williams Boller, *Ponderações* de Emiliano Frade, *Arco-Iris*, de Carlos B. de Souza, o *Trovador da Malandragem*, de Eduardo das Neves, *A Devassidão de Pompêa*, de Alfredo Gallis, *Limbo*, de Romeu Mariz, *Serões do Convento*, *As Diabruras de Zésinho*, de João Felipe, *Nevoeiros*, de Eustachio de Azevedo, *Conferencias*, de Martins Bessa, *O Principe Perfeito*, de Mecenas Rocha e *Forças Secretas da Natureza*. Num sachet escarlata de setim, servindo de almofada, dormia a sua sonnêca um gordo macaco de prégo, de pêllo amarello, e vestido de jaqueta azul e calças brancas, com as necessarias aberturas, para quando o bicho estivesse apertado...

Uma Venus de marmore, sorrindo voluptuosamente na sua nudez victoriosa, e reclinada na concha que arrastavam sobre as ondas golfinhos ligeiros, pousava sobre uma secretária americana, inteiramente aberta, mostrando o seu interior, cheio de escaninhos e pequenas gavetas. Numa mezinha axaroadada, espalhavam-se cartões de visitas e, remexendo-os, descobri os de Carlos B. Noronha da Motta e Eliezer Francisco Leite, com os respectivos postos militares, cancella-

dos modestamente por um grosso traço de tinta, e nos quaes aquelles distinctos cavalheiros enviavam a El-Rei as mais effusivas e cordiaes saudações de boas-vindas, e lhe offereciam os seus «fracos prestimos».

Sobre um sofalete adamascado, lobriguei, de relance, um socó e um coandú, empalhados em attitudes de museu, um violão, uma luva branca de manopla, uma espada de Toledo, um baralho de cartas, uma lingua de pirarucú, um thermometro, um pedaço de guaraná, buzios, cuias pintadas de Santa-rém e as photographias de Sergio Olindense, Hamilton Barata, João Friza e Adamastor Lopes. Como motivo decoral (!) a um dos cantos, amontoavam-se carabinas Winchester, pistolas, punhaes, facas, terçados, sabres, fueiros, cunhetes de balas, um arsenal bellico, emfim, capaz de intimidar a creatura mais impavida e valentona deste mundo. Errava no ambiente um adocicado aroma, mixto de essencias activas e transpirações femininas—o *Odor de femina*—que aguçava os sentidos, provocando lembranças, fazendo brotar desejos... Lá fóra, no quintal, perús grugru-lejavam e um papagaio cantava a *Cabocla de Caxangá*...

O secretario, com passadinhas respeitosas e salamaleques servis, abeirou-se de El-Rei e, batendo-lhe de vagar num dos hombros, chamou baixinho:

—Meu Amo e Senhor!

—Que é!—berrou Sua Magestade, na sua vóz de canna rachada, levantando-se a meio corpo no divan, com um estalido d'ossos, e coçando um dos lóbulos da orelha, entumecido por picada de môsca varejeira—Outra vez?! Puxa que você é cabuloso!

—Saiba Meu Amo e Senhor que não!—ajuntou o secretario, inclinando-se reverentemente, a espinha arqueada, como a barba de baleia dum es-

partilho — Este cavalheiro, que é da imprensa, deseja ouvir a Vossa Real Pessôa.

Curvei-me numa dengosidade galante de espinhéla e braços, grélando na curvatura as carnujosas panturrilhas da Borboleta:

— Salvè, Magestade!

— Silencio! Dêm uma fólga na maxixada! — ordenou El-Rei Momo, batendo as palmas que estralaram pelo bôjo do aposento. E, risonho, estendeu-me a mão gordalhona, de phalanges cabelludas, que eu não beijei, para não macular os meus bigódes irisados e perfumados de brilhantina, convidando-me a sentar ao seu lado numa das poltronas de marroquim vermelho, que flanqueavam o divan. Depois de se desfazer em desculpas, por me receber tão á frescata, perguntou-me num sorriso baboso, fitando-me com os seus olhitos brilhantes e finorios a se enterrarem agarotadamente no ádipo das palpebras papudas e sensuaes:

— Então, que ha de novo, meu caro amigo?

Eu não disse a Sua Magestade o que havia de novo e nem tão pouco me sentei. Avancei dois passos, estendi primeiro um braço, em seguida o outro, puxei para baixo as mangas do frack, dei um esticão ao collarinho, passei o lenço pela bôcca, desentupi a garganta do pigarro classico, tomei a *pose* oratoria do Severino Silva, esbocei um sorriso e larguei o verbo, numa dicção *sympathica* e *communicativa*:

— Magestade! Eu serei breve. Embora não merecedor de tão alta distincção pela minha fraca erudição e ainda menor aptidão oratoria, eu ergo a minha debil vóz, para vos saudar neste momento solenne em que me encontro perante Vossa Magestade. Vós sois o unico Rei e ao mesmo tempo o unico Deus que gósa da maxima popularidade neste seculo

do radium, dos raios X, do telegrapho sem fio, dos aeroplanos, dos dreadnoughts, dos submarinos, do canhão 420 e d'outras conquistas das civilizações requintadaãs. A multidão vos ama e delira, acclamando-vos, incomparavel Soberano. Emquanto, pertinazmente, procuraes conquistar o poder com o estrugir das gargalhadas, os outros vossos collegas tratam de conquistal-o com o ribombar das metralhas e dos obuzes, com o pallor sinistro dos incendios e a rapina insaciavel dos saques! Jamais, para vencerdes, invocastes o principio das injunções politicas. Para dominardes, basta-vos apenas essa radiante e estonteadora alegria com que a flux contaminaes os mortaes.

—Muito bem!—applaudiram com enthusiasmo as damas de honor.

Eu respirei. Fiz uma pequena pausa, limpei o monocalo, orbitei-o, sacolejei a memoria e, fechando os olhos para a contensão do espirito, prosegui, com rajadas d'eloquencia, reflectida e nitida:

—Magestade! Vós chegaes a assumir as proporções dum gigante! A vossa rija envergadura de luctador avulta dia a dia, num crescendo assombroso. O governo dos povos, no vosso saber, não é mais uma formula empirica. Proporecionando á humanidade a alegria e o goso, vós resolvestes, divina e genialmente, esta questão capital. Os outros vossos collegas promettem aos povos um milhão de cousas e, coitados! não podem cumprir a mais modesta destas promessas. Vós, extraordinario Rei, Senhor do mais glorioso throno da Terra, apenas prometteis, como programma de governo, uma só —o prazer! D'ahi resulta o cumprimento exacto da vossa palavra; d'ahi a submissão de vossos subditos. No campo da politica, estabelecestes uma fórmula de governo que serve para

todos os povos e todas as nações; no campo da philosophia, daes ás multidões a logica da loucura; no campo da hygiene, desopilaes a humanidade da neurasthenia e do arthritismo; no campo da philanthropia, a vossa obra se integra, rutilante e perfeita, scintillando e fulgindo através á doçura infinita duma piedade sem par; no campo da sciencia, as vossas viagens e descobertas boquiabriram o nosso seculo, o seculo dos prodigios e das grandezas; finalmente, no campo da divindade, impondes soberamente a religião sobrenatural do Goso e da Alegria!

—Apoiado!—estrugiu, ainda mais enthusias-mado, o auditorio feminino.

Fiz nova pausa, temperei a garganta, enguli a saliva e, gravemente, magestosamente, espichando o braço num gesto esthetico de advogado de jury perorei, com estas phrases de effeito :

—Magestade! Sêde, pois, bemvindo a este rincão fertil e abençoado do mundo, banhado pelas aguas barrentas do Guajara e permitti que eu, enrolado na curva helicoidal do respeito, quebrado no angulo genullexivo da veneração, acclame neste recinto o Vosso Nome que até á consummação dos seculos dos seculos viverá cercado duma sympathia universal, dentro dum halo fulgido de homenagens e apotheoses. A posteridade é vossa, Magestade! No dia em que o Vosso Real Corpo, chupado pelas larvas vorazes, dormir o somno pacifico da morte, nas regiões mysteriosas do desconhecido, Vossa Magestade receberá na fronte austera o beijo luminoso da Gloria! Viva El-Rei Momo 40!

—Viva!—corresponderam, numa prolongada salva de palmas as damas de honor, lançando sobre a minha cabeça mancheias de *confetti*, que esvoaçavam como enxames de insectos multicores.

—Eu disse asneira, han?—interpellei anciosamente o secretario que me olhava por cima dos oculos, com o nariz franzido e um sorriso velhacaz e ironico nos sumidos beiços, a mão direita enfiada entre o primeiro e o segundo botão da sobrecasaca.

—Cá na minha, parece que sim—respondeu o interpellado, voltando-me as costas e retirando-se do aposento régio, depois de fazer a El-Rei uma profunda mesura palaciana.

Fatigado, ainda tremulo de enthusiasmo, sentei-me sobre a poltrona que Sua Magestade antes tão gentilmente me offerecera. Então, as mulheres, á porfia, apertavam-me as mãos, dizendo-me, entre sorrisos e denguiços: «Parabens! Esplendido! Magnifico! O sr. fala bem! Que lingua!» e eu, sentindo-me espiritado por dulçurosos effluvios, os labios tremulos de alegria, o rosto illuminado pelo talento dos predestinados, agradecia modestamente a inequivoca e grandiosa demonstração de apreço, enxugando da fronte inspirada as gôttinhas de suor, que a commoção do momento exigia que apparecessem. O palhaço do gramophone fazia-me gaifonas com a lingua de fóra e o dedo pollegar no nariz, sacudindo os outros com tregeitos de garôto. Eu dardejei-lhe furibundamente uns olhos deste tamanho e tive ganas de lhe escavar a bezuntada focinheira.

Sua Magestade, sentado no divan, os pés pousados na cabeça da onça esteve um pedaço engasgado (as engasgadélas attinentes aos momentos solennes) e, com as lagrimas a lhe escorrerem como gotteiras pelas bochechas gordanchudas, pintalgadas de borbulhas herpeticas, balbuciou, commovido, apertando-me demoradamente as mãos:

—Muito... obrigado... caboclo!

— Não ha por que, Magestade. Disse pura e simplesmente o que sinto. O meu coração está muito perto da bôcca. Eu nunca engrossei ninguém. Sou mesmo avêssô a todo o engrossamento.

E pigarreei mais uma vez, endireitando as joelheiras das calças e dando um esticão ao collete de seda amarélla, sarapintada de pintinhas roxas.



Mundos e fundos...

As mulheres divertem-se—Pensamento de amor—Palavras cabalísticas—O *Seu Nicolau*—Queixas amargas—Um pão d'agua—As pupillas de El-Rei—Conselhos paternaes—Ameaça terrivel—Lombroso e Ferri—Um heróe de 29 de agosto—Os *mordedores* e o dinheiro—Vocação jornalística—Um jornal moderno—Fortuna fabulosa—Grandes emprezas—A loquêla e o espirito bonanehão de Sua Magestade—Medo da guerra—Choradeira geral—A exposição do Tricentenario de Belém.

Parenthesiou-se um silencio. Eu estabeleci sobre as damas de honor, que se retiraram para um dos cantos do aposento, um cêrco d'olhares curiosos e vigilantes, como os das vedettas dum acampamento... Não perdia pitada dos movimentos da mulherada. Algumas remexiam nos livros da estante, outras folheavam albuns de retratos, revistas e illustrações, tasquinhando bonbons de chocolate. A Borboleta, de braços erguidos, concertava, deante dum espelho, o seu diadema, deixando vêr os feixes mimosos duma pennugem avelludada e curta, que lhes escurecia as axillas. Uma dama, de olhos olheirentos e buliçosos e duma bella côr entre o moreno e o claro, pediu-me, com inflexão dengosa e um sorrisinho travesso, que escrevesse no seu leque japonéz um pensamento de amor.

Sentada no sofalete, uma mulher gordalhona, loura como umã bonéca de milho, de nariz arrebitado e buço petulante, botava as cartas sobre um taboleiro de xadrez e eu ouvi distintamente as cabalísticas e mysteriosas palavras: *Por esses caminhos... por cinco sentidos... pela porta da rua... paixões d'alma... por camas e redes... dinheiros grandes...* Os perús, no quintal, pararam de grugrulerjar. O papagaio mudara de modinha: cantava o *Seu Nicolau*. Nos ares, em grande gralhada, passava um bando de periquitos, em busca da comedia. A passarada, no jardim, enchia o ar de canticos festivos. Cigarras chichiavam e o catavento rãngia numa cantilena plangente. Ouviase o zumbir das môscas, que esvoaçavam pelo aposento, illuminado com a luz viva e saudavel do sôl, entrando, alegre e creador, pelas janellas abertas. Um relógio bateu fanhosamente tres horas. Como Sua Magestade continuasse a gorgolejar uns soluços tamanhos que pareciam vomitos, foi preciso, para lhe attenuar a crise, que uma das damas de honor lhe dêsse a beber um pouco d'agua carmelitana. Ao cabo de segundos, eu aproveitei o ensejo para dizer a El-Rei que se assoava aos dedos, limpando-os depois á manga do pyjama:

—Peço mil perdões, por ter vindo importunar Vossa Magestade, em hora tão impropria.

—Qual o que! Deixa-te disso—atalhou El-Rei com um ar affavel e bonacheirão—Eu não sou homem para essas formalidades e etiquetas e tão pouco tenho horas especiaes, para receber os meus amigos, ou quem quer que deseje falar-me ou conhecer-me.

—No emtanto, Magestade, o velhôte que me recebeu e introduziu perante Vossa Real Pessoa é

chibante, emproado e muito puxado a sustancia. Parece que tem o rei na barriga, como se costuma dizer: fala de papo. Só faltou indagar o lugar em que nasci, a minha idade, sexo, filiação, residencia, nacionalidade, profissão, tendencias e predilecções artisticas, a seita religiosa a que pertenco, a cifra dos meus rendimentos, se era filho familia, se sabia lêr e escrever, se tinha folha corrida, signaes dactyloscopicos e attestado de bom comportamento... Duma exigencia damnada! E até desconfiou que eu fôsse anarchista!

Sua Magestade deu um ar de riso e explicou com bonhomia, arrancando um arrôto do fundo do esôphago:

— Ordens terminantes, caboclo. Bem sabes o que são ordens. O Barnabé Trovão é, realmente, um respeitavel chaleira, tapado como uma duzia de portas. Mas é um homem digno, recto como um fuste, muito dedicado, trabalhador e um austero cumpridor de ordens. Só tem um defeito... lastimavel.—E Sua Magestade levou a mão, toda aberta, á bôcca, mettendo o pollegar entre os labios, com um signal expressivo:

— Gôsta da pinga?!... Eu logo vi, Magestade! Que horror!—exclamei, com um gesto d'asco repellente.

El-Rei fitou-me por muito tempo com os seus olhos encarquilhados, como se eu fôra um bicho estranho, mergulhado num aquario e, depois de alguns instantes, proseguiu, mordendo um sorriso esphingico:

— Mas, como ia dizendo, não é todo gato e sapato que eu recebo neste aposento. Só os jornalistas, de bôa familia e reconhecida probidade.

Tive que curvar a cabeça, agradecendo a parte que me tocava. Sua Magestade explicou gravemente, indicando as pupillas:

— Tenho essas meninas e vamos e venhamos! receio que lhes façam olho e lhes digam cousas assucaradas... Sempre é bom tirar o lume de ao pé da estôpa. São orphãs. Desde a infancia que estão sob a minha tutela. O meu dever é protegê-las desveladamente, cobri-las com o meu manto protector.

— Vossa Magestade tem carradas de razão — corroborarei, com um pigarro, limpando negligentemente o monoculo no lenço. E ajuntei, a meia voz, soslaiaando as damas de honor, com receio de ser por ellas ouvido :

— As mulheres, realmente, são perigosas, Magestade. Só não namoram o carrapato, por lhes ser humanamente impossivel descobrir qual é o carrapato de espartilho e qual o calçado...

— Felizmente, não são dessas as minhas pupillas. Coitaditas! Umas pombinhas! Tão sensitivas, tão innocentes, como aquellas creanças da Historia Biblica que o malvado Herodes mandou passar a fio d'espada. A não ser eu, não têm ellas ninguem quem lhes dê a mão, quem as guie e quem as afaste do máo caminho deste mundo, cheio de maldades e armadilhas. Por isso, todas as manhãs, antes do café, eu as aconselho e lhes rezo a cartilha: «Olhem, meninas, cuidado! Façam de conta que vocês caminham sobre o fio duma navalha. Se derem um passo em falso—catrapuz!—é uma queda mortal... Para desencabeçar e perder uma donzella, os bonifrates sem coração e sem entranhas, injectados de 606, fazem mil juramentos e acabam promettendo mundos e fundos e até um pedaço do céu e da lua. Depois—bábáu—lá se vae tudo quanto Martha fiou. Em vez de mel, dão-lhe fél a beber e as pobresitas ficam abandonadas, como cachorro sem dono, a comer o pão que Satanaz amassou com o cotovello». Estou

muito velho, muito acabado, para pouca vida e quero deixal-as amparadas, quando esticar as canéllas. Só assim poderei apodrecer tranquillamente nos sete palmos da minha cóva—rematou Sua Magestade, com um prolongado suspiro, arrancado do imo de suas entranhas. E, de repente, remexendo-se no divan que rangeu com o seu corpanzil, cravou o redondo queixo na ampla e mólle papeira e, avançando contra mim um terrível dedo pollegar, que meneava dum modo assustador, jactitou, com a cara sombria como um céu de trovada, a vóz tempestuosa... de perdigotos:

—Ah! Mas o patife que tiver a petulancia de engambelar uma dellas, não sahe daqui com vida. Mando-lhe tirar o couro a laça, como se tira o couro dum boi, no curro. Nem o cadaver se lhe aproveita. Eu tenho um genio peor que o de Jack, o Estripador.

— !!!!

—Felizmente, eu me acho cercado de auxiliares valentes, decididos e... todos eunuchos, á excepção do secretario. O meu creado tem no costado para mais de trinta mortes, capitaneou nos sertões pernambucanos um bando de cangaceiros e foi um dos *herões da jornada gloriosa* de 29 de agosto de 1912, por cujos feitos recebeu uma medalha, mandada cunhar nas officinas Krupp. Tem um muque...

Eu forcei-me inquieto na poltrona e senti um calafrio percorrer-me a espinhéla para baixo e para cima, como o embôlo duma bomba de pôço, lembrando-me das caras patibulares do dorminhoco e do laçao, dignas da galeria photographica de Lombroso e Ferri. Sua Magestade arrotou duas vezes e proseguiu ao cabo duma pausa, já com o semblante desanuviado e reassumindo a sua vóz natural:

—Outra cousa de que muito receio são os

mordedores. Tenho-me visto apepinado com esses sujeitinhos, mais perigosos que os bacillos de Kock, e que andam com comichões nas algibeiras, sentindo furibundos desejos de avançar... nisto—E o meu real interlocutor esfregou uma na outra as cabeças de dois dedos, de unhas roidas.—Estou farto até os gorgomilos de espremer o bolso em proveito de amigos e caloteiros. Não que eu seja forreta, mas sou cauteloso. Eu não me sustento de ar como camaleão e nem visto as pupillas com fôlhas de figueira. Até hoje, não é para me gabar, tenho sido exacto no cumprimento dos meus deveres. Nunca retardei um minuto que fôsse os meus pagamentos. O Mundico e o Amandio, da Casa Carvalhaes, servem-me a contento, são moços sérios, têm balanças exactas, não addicionam particulas de chumbo aos pesos, após a aferição, e nem misturam grão de bico no café; mas, mal péréréca o mez... Depois, por maior que seja a minha fortuna, ella não chegará nunca para attender os *mordedores*. Estou experimentado e traquejado na vida! A experiencia é uma triste lição! Bem sei o valor do dinheiro. Não posso ser agora *mordido*... E com o dinheiro deve-se tomar todas as precauções, não achas?

— Perfeitamente, Magestade. O dinhelro é carne, é sangue, é vida. E' cousa que se não arranca sem dôr, sem um gemido profundo e sincero. E' a móla real, o « centro de todas as engrenagens sociaes, o motivo exclusivo de todas as nossas cancelas e labutas ». E' o emblema mais poderoso da ventura na terra, o deus do mundo!

E, como não tivesse muito tempo disponivel, disse a Sua Magestade, que attentamente escutava as minhas *argentárias* palavras, ao que ia e qual o fim da minha entrevista.

— Estou ao teu dispor, caboclo. Ora essa! Os amigos são para as ocasiões.

El-Rei gracejou bonacheironamente com as pupillas que se desfizeram em gargalhadinhas sonoras. Por meu turno, ixei da algibeira do frack o *block-notes*, cruzei as pernas, pouzei-o sobre os joelhos, lambi a ponta do lapis e, dispondo-me a tomar as minhas notas, accrescentei, impado de orgulho:

— Sem querer gabar-me, Magestade, eu possúo desde o berço uma privilegiada e decidida vocação jornalística, nutrindo fagueiras esperanças de que, em dias não remotos, arrombarei triumphalmente as portas da immortalidade, fazendo jús a que a Associação da Imprensa ou a Sociedade dos Homens de Lettras me eleja, unanimemente, seu presidente honorario. Ha muito que penso em fundar um jornal de vulto, limpo e escoreito, modelado por processos novos, que destóam da fórma sedicha dos cengeneres. Porque, com franqueza, a respeito de jornalismo, como bem diz o illustrado dr. Alfredo Chaves, ainda estamos com tanga, arco e frécha. O vocabulario do meu jornal será mais opulento do que o de Ruy Barbosa e Camillo Castello Branco.

— E o nome desse jornal?—inquiriu El-Rei.

— *A Alavanca*, Magestade. Será matutino e publicará *articles à sensation*, mofinas, catilinarias, sueltos, verrinas politicas, diatribes, chacótas, escandalos, telegrammas verdadeiros, crimes sensacio-naes de todas as especies, sensações fórtes no noticiario, *carnet-mondain* mexido, vivido, animado. Terá uma lista asseada de collaboradores, correspondentes em todos os paizes da Europa, Asia, Africa America e Oceania, criticas de todas as novidades litterarias e scientificas apparecidas e por apparecer no mundo inteiro. A secção de charadas, logo-

gryphos, enygmata e receitas culinarias ficará a cargo de Eustachio de Azevedo. A chefia da reportagem será confiada ao dr. Agostinho Vianna, Manoel de Azevedo e Estephanio Nunes. O meu jornal possuirá officinas proprias de estereotypia, prélo rotativo Marinoni, secção de photogravura, zincographia, machinismos de cintagem e estampilhagem para a expedição do correio. Um jornal que exgótte a edição de 30.000 exemplares em vinte e quatro horas e em que os 50.000 assignantes tenham o direito de ser tratados por «o nosso excellente e dedicado amigo» e com direito ainda a noticias sympathicas, quando chegarem, quando partirem, quando fizerem annos. O gerente será o Gama e Silva que tem um *quid* especial e aperfeiçoado, para lidar com dinheiro e cousas de responsabilidade. Os redactores, reporters, auxiliares da redacção, compositores, o pessoal do prélo, os empregados da administração, chefes de typographia e de badernas terão todas as noites, á sua disposição, automoveis e ceias no Grande Hotel ou no Café da Paz. O meu jornal, emfim, do qual depende a salvação geral do paiz que está á beira dum abysmo, terá, por anno, cinco concursos pastoris e tres sorteios de casa e armazenará um sortimento de armas, bombas dynamitadas, para o imprevisto de algum empastellamento, ou incendio por parte do *povo*.

—Safa!—exclamou Sua Magestade, enrodihando a pontinha da pêra e abotoando sobre mim os seus olhitos sagazes e piscos—Grandiosas intenções, não ha duvida. E os capitaes para essas altas cavallarias?!

—E a minha fortuna, de oito heranças, Magestade?—repliquei sem jactancia, que não entra no numero dos meus numerosos e feios vicios.—Sou o maior contribuinte das decimas. Em Belém, é publico

e notorio que eu usufrúo avultadissimos rendimentos de dois contos por hora, em apolices e papeis do governo, além dos predios e propriedades piscícolas e agricolas, das melhores do Pará, onde se cultivam alcaçuz, assucar candi, ventosas, bicho de seda, mól de abelha e mixira. E o meu credito na praça de Belém? Todos confiam em mim. A minha assignatura tem mais valôr do que uma solida garantia hypothecaria. Além disso, estou em vista de metter-me em especulações, que devem render mundos e fundos: fabricas para confecção de caixinhas de phosphoros, de palitos para dentes, papel *couché*, pavios e pomada mercurial. A maior quantidade de lupulo e cevada, consumida pelas Fabricas de Cervejas do Pará e Amazonas, é fornecida pelas minhas vastissimas e uberrimas fazendas. Ultimamente, adquiri, no Amapá e no Araguaya, jazidas de ouro em barra, em pepitas e em pó, diamantes, areias auríferas, cascalhos enriquecidos, ferro, cobre, calcareos, carvão de pedra, manganez, radio, tudo quanto dá de rico e forte a natureza. Mas, voltando á vacca fria, o que me interessa é o jornal, Magestade.

—E quando sahe?—indagou El-Rei, tossindo e arranhando um braço, depois a ilharga.

—Depois da paschoela. Eu queria, para o primeiro numero, que Vossa Magestade...

—Já sei! Já sei!—interrompeu-me El-Rei vivamente—Queres apontamentos sobre a minha vinda a Belém? Foi mais ou menos assim, e isto muito por alto, muito pela rama: prevendo o perigo a que me expunha na Europa com a guerra, desnorteei-me a parafusar mil cousas, a fim de escafeder-me de junto daquelle medonho açougue humano. Tudo me assustava, tudo me mettia medo. Fervilhavam-me no cerebro os receios de tór o meu bandulho furado,

como se fôra o dum poreo, por algum ehanfallo allemão. Vi-me em palpos de aranha. Sim! Eu não trago lettreiro. Todo o santo dia, parafusava o meio de vêr pelas costas o meu reino, sem causar desconfianças á Camara dos Pares, aos ministros, aos aulicos e subditos. Verdade, verdadinha, eu não queria brigar. Um brigadeiro não se deve metter em brigas. Consultava os meus botões que, aliás, não eram muitos, e nada. Uma quarta-feira, lembra-me bem, estava tomando um semicupio, quando repentinamente exclamei em portuguez, por não saber grego — Eureka! Mas não corri nú em pello pelas ruas, como fez Archimedes em Syracusa, ao descobrir a base para a formação da balança hydrostatica. Tinha finalmente descoberto o ambicionado pretexto: dar um gyro pela Amazonia, estudar a moriçoca transmissora da febre amarélla e o veneno dos escorpiões e centupêas. E tratei de pol-o em execução, enquanto o diabo esfrega um olho. Em palacio, quando, pelos jornaes, souberam dessa minha resolução, foi uma chora-deira geral: o chanceller, dignatarios, auctoridades, o mordomo, o reposteiro, o capellão, mulher, sobrinhos, parentes, amigos e até os creados, o escudeiro, o cozinheiro, o palatreneiro, o hortelão, o padeiro e o limpa-chaminés lavaram-se em lagrimas, como se já me vissem nas tripas dos tupiniquins ou das giboias. «Mal vae a musica», disse eu, que já principiava a desafinar as cõrdas do violoncello da paciencia. Insensivel, porém, ás lagrimas e, como em materia de teima nem a mulher do piolho pôde comigo, afivelei as correias das malas, preparei o rancho e as pupillas, abracei a mulher e, a modos de quem diz — vou alli e já volto — metti-me num Zeppelin, fretado pela agencia Cook e, sem cartas geographicas, sem taboa de logarithmos, sem sextante, sem bus-

sola e sem piloto, aqui aportei a 20 de janeiro deste anno e ainda a tempo de assistir á Exposição Universal do Tricentenário da Fundação de Belém, sobre que pretendo dar á luz uma monographia, esclarecendo o facto, pois possúo documentos stenographicos de Caldeira Castello Branco, que fôra afinador de pianos e professor de primeiras lettras no reinado de meu bisavô, vinte annos depois que, por politica, o exilaram desta cidade.



Campeão do ar

Tempestade de neve—O *record* da altura—O fakir—A salvação duma mulher—Documento celebre—Objectos rarissimos—O jejum do Ramadan—Um radiogramma de Marte—Chegada a Lisbôa—Nas costas do Brazil—Um « madrijó » monstro—Um aeroplano allemão—Combate aereo—Incendio no espaço—Imminencia dum naufragio—Baixa função organica...—Atestado de chegada—Herbe da sciencia—Exigencia alfandegaria—Conferente prestativo—A origem da póróroca—Attento e curioso.

Eu ia dizer não sei o que, mas Sua Magestade que falava pelas tripas de Judas, interrompeu-me com a sua torrencial loquela e tive de recolher precipitadamente a fala ao bucho.

— A minha viagem foi tormentosa. Mas, graças a Buddha, correu tudo muito bem. Nunca poderás imaginar o que soffri, que força de vontade, que perseverança, que fé em meu idéal foram necessarias, para chegar ao ponto ambicionado. Agora, que a sorte me deu compensações, confesso-te francamente que, na minha travessia, desanimei muitas vezes, debaixo de chuvas diluvianas de neve, nas costas septentrionaes de Alaska, sempre impellido pela « pôpa » por um vento de 100 kilometros, que me levava desamparado, atravez dos espaços interstellares,

como as correntes invencíveis arrastam um pedaço de palha. Eu tinha a impressão de ser um personagem das Mil e Uma Noites, carregado pelos ares, por genios furiosos. Viajava com uma velocidade de 1.200 kilometros por hora. Até o carbureto dos motores ficou gelado. As caimbras me contrahiam os musculos. Eu mandava o secretario beliscar as minhas nadegas com toda força e nada sentia. Meus pés pareciam dois dolorosos pedaços de gelo, collocados nas pontas de pernas de páu. Tinha o corpo em sorvete e a saliva em carapinhada. Visões retrospectivas de muitos aviadores, mortos em circumstancias identicas, passaram pelo meu cerebro gelado.

— Horrivel, Magestade!— exclamei, para dizer alguma cousa, pois eu estava cuira para falar.

— Embora com o tempo borrascoso e a temperatura que reinava, eu me sentia calmo. Os nervos humanos habitua-se a tudo. As pupillas não deram accôrdo de si, enjoaram muito, durante a viagem e ficaram cheias de perebas. O secretario foi atacado de escorbuto e dança de São Guido, que quasi o levam desta para melhor. Felizmente, cinco dias depois que parti do meu reino, o vendaval amainou. Por precaução, porém, sempre me mantive numa altura de 10.000 metros, farejando o ar, manobrando com cuidado e pericia o *guidon* e as alavancas directrizes, de olho alerta no barometro e nos propulsores. A temperatura mais alta que experimentei foi de 99°,6, maior do que a observada por meu sogro Burckard, em Esoné, no alto Egypto. Creio que bati o *record* do mundo da altura. Bati ou não bati?

— Bateu, Magestade.

— Com vento favoravel, atravessei as Indias Orientaes, pelo Cabo da Bôa Esperança, onde tornei

a encontrar altaneiras *vagas* de vento e o acaso me fez descobrir, depois de uma chuva de estrellas cadentes, bolidos e meteoritos, na constellação dos Gemeos, um novo cometa esverdeado, em feitio de lyra, muito maior do que o afamado Halley. Posso, se queres, provar-te por $a+b$ que esse viajante do céo é absolutamente desconhecido dos astrologos e até de Dalge, da Universidade de Roma.

— Não é preciso, Magestade.

— Voei sem accidente para Gôa, Cochim, Syria, pelo golpho Persico, Calicut, Meliapor, Jaghernat, no golpho de Bengala. Nesta cidade, aterrei e des-cancei algumas horas na casa dum fakir que se lavava todos os dias na agua sagrada do Ganges, comia fogo, brincava com cobras e dormia nú, num leito todo ericado de longas pontas de prégos, rombudas e enferrujadas, onde se voltava, com a mesma naturalidade com que nos revolvemos nas nossas camas. Salvei da fogueira tradicional uma viuva, ainda nova, de olhos verdes e cabello louro, fornidi-nha de carne e que tinha a lingua tatuada, em signal de pezar pelo passamento do marido.

— E que fim teve essa mulher, Magestade?

— Eis um ponto que não gosto de recordar.

— Morreu?

— Sim, duma indigestão de marmelada ao terceiro dia de viagem. Era atirada á leitura de romances de cavallaria e dançava divinamente o maxixe brasileiro. E estava no seu estado interessante...

Depois dum silencio meditabundo, Sua Magestade proseguiu, coçando o seu nó de guêla e limpando o ouvido direito com o dedo mendinho:

— Um asceta hindú, de grande nomeada e meu aparentado, presenteou-me com um autographo de Brahma, um documento celebre que constitue uma

completa e elucidativa monographia ácerca do archivo nacional da India. Demorei-me alli apenas dois dias. Ao cahir duma noite, aproei para o Egypto, pelo golpho Arabico, descendo perto da pyramide de Cleops, não longe de Memphis, proximo de Thebas, e acampeí á sombra da maior esphinge até hoje descoberta e que mexe com a cabeça, quando o vento lhe dá. Tem dezeseite metros de altura e parece esculpida num unico blóco de granito. Diz uma inscripção que essa esphinge é o retrato do meu avô torto, Thutmoses, que viveu 1.700 annos, antes de Buddha. Almoçámos tutú de feijão e, numa digressão archeologica que fiz pelos arredores, descobri, no fundo duma gruta, objectos rarissimos.

— Algum dente queixal de hippopotamo, Magestade?

— Cousa superior: um vaso Etrusco, carcomido pelos seculos, uma moeda de cobre, que foi do Rei Ataces; um chifre do boi Apis, um esqueleto de beduino, esboroado, cheio de esterco de camello e annos e uma ferradura do cavallo branco, que o grande Napoleão montava, quando, em frente ás pyramides, proferiu aos seus soldados a celebrada phrase historica. Dois dias depois, como o vento de que precisava, o sudoeste, muito frequente no Egypto, então se declarasse, rumei para Yeddo, Tokio, Congo. Ahi salvei da morte um monstruoso gorilla, enlaçado por um python e atirei contra um bando de cynocephalos. Passei á ilha de Monte Christo, Robinson Cruzoë, onde uns cannibaes, que estavam a assar um homem num espeto, atiraram contra a aeronave; e, largando, então, duzentos kilos de lastro, ascendi mais uns quinhentos metros, e ancorei, horas após, em Marrocos, para me abastecer de viveres, pois as provisões estavam muito resumidas. Passei ahi o Rama-

dan; que é um jejum de trinta dias, durante os quaes não se fuma opio nem tabaco, celebrando-se, cinco dias depois, uma festa que degenera muitas vezes em verdadeira saturnal. Nesses dias, eu me fechei em casa com as pupillas, a resar o Alcorão, pois se me atrevesse a botar o nariz fóra de casa, depois dessa hora, expunha-me a insultos e talvez á morte.

— Que brutos! grunhi, para não ficar calado.

— Passado o jejum, ao romper do dia, arribei em direcção á Europa, atravessei a França, a Belgica, a Hollanda. Na latitude 60, perto de Amsterdam, recebi de Marte um radiogramma da senhora minha sogra, que alli está fazendo uma estação de aguas, por causa de erysipela, e no qual me participava que o carnaval, custeado pelo governo, decorria animado naquelle planeta. Depois, naveguei, á mercê do vento, para o norte de Portugal, percorrendo todo o seu pittoresco littoral. Em Lisbóa, perdi dois dias, concertando um dos compartimentos estanques do dirigivel e, como não tivesse senão sete kilos de viveres; comprei algumas barricas de chouriços de Alentejo, brôas e rapé. Revigorado de coragem, levantei ferro por uma clara madrugada e abri vôo, rumo do Pará.

— Bello itinerario de viagem, Magestade!

— Na Bahia, na altura de Caravéllas, harpoei, com um canhão de ar comprimido, uma baleia de cem metros de comprimento. Era um «madríjo», nome que alli dão ás baleias femeas. Quando o harpeu se cravou no flanco emergente do monstro, o cetaceo, com um rugido terrivel, desarvorou a toda velocidade atravez do oceano, rebocando o Zepellin pelo cabo preso ao harpeu. Não encontrando, porém, allivio, o bicho mergulhou a pique nas te-

nebrasas profundezas do oceano, dando ao mesmo tempo uma serie de violentos esticões, que imprimiram ao dirigivel balanços desordenados. Depois de haver descido algumas centenas de metros, a baleia teve de voltar acima, para respirar, e emergiu á superficie com uma rapidez prodigiosa, erguendo-se em todo o comprimento ao alto das vagas, como se houvesse sido projectada do oceano por alguma erupção vulcanica. Soltava bramidos que se podiam ouvir a muitas milhas de distancia, fazendo espumar as aguas com os açoites furiosos da sua poderosa cauda. Icei-a, com um guindaste, para a *nacelle* do Zep-pellin. Esquartejei-a, procedi á extracção da gordura, puz de vinha d'alhos a carne, de que gosto muito. Da mandibula superior, tirei as laminas da barba e, do craneo, o espermacete, para fazer velas. Em Pernambuco, fóra dos arrecifes, fiz mantimentos de saborosos guayamús, porque então só nos alimentavamos de chouriço, brôas e carne de baleia. Em Cabedello, abasteci-me de côcos, como tambem de sururús em Maceió e de jerimús no Rio-Grande do Norte. No Ceará, uns jangadeiros receberam-me com manifestações extraordinarias de entusiasmo, presenteando-me com rapadura, aluá e requeijão. A dynamite, matei, no Maranhão, um tubarão enorme com tres fileiras de dentes, e uma serpente marinha, de duas cabeças, monstro capaz de engulir um navio, com mastros, chaminé e tudo. Finalmente, ao amanhecer do dia 20 de janeiro, a uma hora da madrugada, avistei, por bombordo, a barca-pharól de Salinas.

O régio viajante fechou, por um momento, a torneira da sua loquêla, tomou folego e proseguiu calorosamente nas documentadas e minuciosas descrições de suas aventuras, que eu ouvia com cinco sentidos, num silencio attencioso.

— Entre os 159 e 178 grãos de longitude do Pará, encontrei um aeroplano allemão, bordejando. Fiz-lhe signal para retrogradar. Não sendo attendido, desrespeitei as leis da neutralidade, virei bicho, o tempo fechou e a cousa ficou preta de pagóde. Precipitei-me para o porta-voz, que me punha em comunicação com o secretario, que ia no carro posterior e gritei: « Depressa, Barnabé! Prepara os canhões! Temos allemães pela prôa! » E, com um apito, dei alguns signaes ás pupillas que não sahissem de seus beliches. O canhoneio rompeu vivamente. A minha bateria vomitou galhardamente metralha que não foi brinquedo. Subito, ouviu-se um medonho estampido, linguas de fogo envolveram a aeronave inimiga: o motor acabára de explodir. Minutos depois, sómente a fumaça persistiu no ponto, onde desapparecera o aeroplano allemão. Não escapou nem rato! Esta scena, na immensidade da noite, sob o clarão pacifico das estrellas, tinha alguma cousa de phantastico. No tiroteio, morreu-me uma excellente vacca leiteira, que dava um leite de nata grossa que era um regalo. Em seguida, rumei de léste e naveguei em direcção á barra de Belém. Outra vez, vi-me zonzo na travessia da bahia Marajó. O vento soprava em rajadas agrestes e irregulares, produzindo perigosos torvelinhos. A noite era breuosa, e eu não enxergava um palmo deante do nariz. Graças aos fados, finalmente, horas depois, buzinando e projectando o holophote, eu entrava, ao amanhecer, na bahia Guajará, por sob um céu que parecia ter vindo das fôrmas magicas de Sevrès, balouçando-me serenamente por sobre o Valha-me Deus. E, por um triz, que o Zeppelin não ficou espetado no mastro do telegrapho sem fio. O aparelho apanhou um choque brutal. O secretario, que vinha num pifão

de geropiga, a olhar, por um binoculo, o lindo panorama da cidade, rolou de cambalhada por cima de mim, quasi quebrando a caixa do catarrho. Reinou a bordo a mais assombrosa das confusões. As pupillas, em trajos menores, corriam soffregas e desgrenhadas, cingindo-se com colletes salvavidas e a gritarem desesperadamente: « Bateu na pedra! Furou o costado! Socorro! » Rapido, como buscapé, eu desparafusei uma das valvulas inferiores do involucro do dirigivel, dando escapada ao hydrogenio, cortei a *allumage* e, depois de alguns estampidos alarmantes que alvoroçaram os inglezes da estação radiographica e os moradores do local, os motores detiveram-se, detendo-se os propulsores, e baixei lentamente, numa *atterissage* segura e calculada. Devidos á minha coragem e ao meu sangue frio, não soffri nem um arranhão. Raspei um susto dos diabos! Devo ter uma lesão cardíaca.

— O caso não é para menos, Magestade.

— Se eu fôra outro, estaria a esta hora no hospital. Apenas, porém, puz o pé em terra, apertado pelas exigencias da natureza, acocorei-me sob um aningal alli existente, e fiz ás pressas uma baixa função organica, pois tinha as visceras em pessimo estado... Em seguida, fui procurar o balonista Viana Coutinho, pedindo-lhe que me dêsse um attestado da minha chegada, consignando o dia e a hora. O dirigivel entrou, horas depois, para o dique de Val-de Cães, com um rombo no casco. Agora, com franqueza, caboclo, põe a mão na consciencia e diz: sou ou não sou um heróe da sciencia, um factor importantissimo no desenvolvimento da navegação aeréa, um campeão no ar?

— Pois não, Magestade.

— O meu nome fica ou não fica immortalmente gravado na historia da aeronautica?

— Fica, Magestade.

— Posso ou não posso ser guindado ás culminancias da consideração dos Institutos Scientificos?

— Póde, Magestade.

— Conheço ou não conheço as leis e as regras da aviação?

— Conhece, Magestade.

— E não foi só isso—acudiu El-Rei, fungando.—

Atomatei-me deveras com a demora da visita sanitaria e da policia do porto. E a exigencia da Alfandega, farejando, desconfiada, que eu trouxesse contrabando nas minhas bagagens e em cada sacco de roupa servida das pupillas? Reaes e inapreciaveis serviços devo ao conferente Martins Junior, que, no galpão das bagagens, mexeu os pausinhos, facilitando-me tudo. Que homem amavel e prestativo! E' a bondade em carne e osso! Com as meninas, então, foi dum extremo desvello e ainda hoje ellas fallam nelle com reconhecimento. Emfim, cá estou, vivo e são, longe da tal guerra dos demonios. Morrer por morrer, morra meu pae que é mais velho! Já pedi ao Luiz Nascimento que transmittisse um radiogramma á Nóca, minha cara costella, ordenando-lhe que embarque o mais breve possivel, a fim de cá passar um bom semestre. Etenciono, por estes dias, seguir para o Guamá, onde vou estudar o phenomeno da póróróca, cuja origem, segundo os calculos dos mais celebres mathematicos do meu reino, vem dum vulcão que acaba de apparecer no rio Mojú.

Aprumei-me, então, na poltrona e, orientando a conversação para um trilho escabroso, perguntei, decorrido um instante, pigarreando brandamente:

— Vossa Magestade tem gostado do Pará?
E, sacudindo, com um piparote, um fiapo de
lan da manga do frack, esperei a resposta, attento e
curioso, d'olhos prégados na bôcca de El-Rei, e a dêx-
tra mettida pela cava do collete numa attitude distin-
cta è elegante.





A cidade de Belém

Entre os urubús—Bairrismo—Um grande homem—As belezas de Belém—O mecanismo do progresso—Assistência e Protecção à Infancia—A Vigilancia Nocturna—Juizo!—Fructo do tempo—Os aleijões de Belém—Commentarios justos—Arraial do vicio—O kiosque da Praça Republica—A prova de fogo—A vida noctivaga de Belém—Reuniões ruidosas—Buscando desfastio...
—Cargas ao mar...

Sua Magestade franziu as sobrancelhas com evidente perplexidade. Fitou-me demoradamente e, coçando o nariz abatado e borbulhento com a unha do indicador direito, em fórma de anzól, respondeu:

— Eu te digo: a vista panoramica de Belém, do alto, entre os urubús, impressionou-me agradavelmente, correspondendo á minha expectativa. Ainda não tive occasião, porém, de visitar minuciosamente, como desejo, os edificios publicos, o bosque, os arrabaldes da cidade, para melhor te falar della. Sahi de casa apenas duas vezes e, isso mesmo, a negocio pecuniario.

— Belém merece uma demorada e attenciosa visita de Vossa Magestade. Observe-a com olhos de *touriste* intelligente e imparcial. Uma das cousas

reprováveis dos estrangeiros que nos visitam é o pouco conhecimento que têm da cidade, malsinando-a depois, *lá fóra*, com injustiça e ingratidão. Esses viajantes conhecem Belém—porque desembarcam durante algumas horas e percorrem o centro da cidade, ao acaso, e nada mais.

E, como na ocasião me não occorresse outra cousa, impingi a El-Rei, enxertando-o a meu modo, este succulento pedaço descriptivo que decorara, de uma chronica de Jacques Rolla:

— O viajante, Magestade, quando chega a Belém, se não fica maravilhado pelas suas bellezas, pois já as viu maiores em outros centros mais adiantados do velho e novo mundo, surprehende-se de encontrar aqui, não o indio de arco e frêcha em offensiva; não o negro de tanga, pés e braços nús, tresandando a *almiscar* e mostrando os dentes num sorriso alvar de anthropophago; não macacos a comer bananas por entre gritos de azucrinar; não uma terra inculta e primitiva, uma curiosa malóca de selvagens, tendo por unica edificação cabanas e casas rebocadas—como muito europeu lamentavelmente ainda nos julga; mas uma cidade que acompanha *paripassu* os surtos de luz da civilisação, uma cidade moderna, remodelada no começo deste seculo por Antonio José de Lemos, um grande e benemerito cidadão, politico arguto, administrador honestissimo, que elevou muitos homens, que o hostilisaram e abertamente o perseguiram, e que foi atirado do Capitolio á rocha Tarpeia por um dos seus mais *dedicados* amigos. Belém é bella, Magestade, já não é a cidade de ha vinte annos monotona, ronqueira, preguiçosa e mólle. Ferem logo a retina do viajante, ao entrar na cidade, as grandes obras da Port of Pará e o movimento do nosso commercio; o viajan-

te observa os nossos bonds electricos, os nossos grandes armazens e bazares de luxo, a elegancia das *toilettes* das nossas gentis e lindas patricias que, numa animação mundana e chic, entram nas lojas, indagando do espirito da moda o que ha de mais novo em côres, em tecidos, em chapéos ou joias; interna-se na cidade e admira os nossos monumentos bronzeos, as nossas amplas avenidas e praças; elogia os nossos jardins publicos; visita, por entre exclamações de surpresa, o nosso theatro, a nossa cathedral, os nossos palacios, asylos e mais proprios do Estado, sumptuosos, hygienicos e bellos; vê as carruagens que cruzam, ouve o apito das sirenas dos automoveis que vôm, cortando a capital em varios pontos; penetra nos nossos clubs e associações recreativas, nos nossos centros de omnimoda permuta intellectual, nos nossos restaurantes de primeira ordem, onde a vida palpita, lembrando a dos europeus; respira a pulmões fartos no nosso aprazivel bosque municipal; passeia ás nossas estradas de ferro, extasia-se ante as bellezas da nossa flóra, exhuberantemente vigorosa, cheia de seiva, e estremece de prazer e vive e goza e ama sob o purissimo céu que a natureza nos concedeu, como um presente de nababo. Convicto já de que Belém não é a terra do cidadão de arco e frécha, organisa as suas notulas de viagem, faz funcionar o kodack, tomando empós o caminho do hotel em que se hospedára.

Descancei um pouco. A tirada tinha sido longa. Pigarreei, enguli a saliva e, como estivesse com a mão na massa—não na do Thesouro do Estado—proseguí calorosamente:

— Belém é uma cidade progressiva, Magestade. O mecanismo do progresso metteu o bedelho em tudo: escreve-se a machina, anda-se a machina,

toca-se piano a electricidade, ouve-se Caruso e Tamagno por manivella, come-se no restaurante um bife com harmonia, baila-se ao som dos discos simples e duplos, sobe-se por elevador, namora-se pelo telegrapho sem fio e por telephone, chócam-se pintos em machinas, realisam-se profundas e abracadabran-tes prophecias de horoscopos e astrolagos, lavam-se chapéos de palha em dez minutos, vae-se de auto-movel a casamento e a enterro, as duas ultimas tolices que se fazem nesta vida, consequencias da primeira—ter nascido... Ouve-se falar inglez, francez, allemão, italiano, turco, chinez e syrio, como se estivessemos na torre de Babel; á tarde, n'*A Brasileira*, principia a invasão dessa multidão elegante e frivola, iniciando um demorado ataque aos sorvetes, aos doces, ás gulodices, trocando-se a todo o passo cumprimentos affaveis com as pessôas conhecidas, que se encontram naquelle procurado e distincto *rendez-vous*. Os forasteiros, que aqui vêm mourejar a vida, encontram sempre a hospitalidade fidalga e o amplo e carinhoso conforto. A' noite é a vida dos cafés, cinematographos, ou dos passeios de automoveis, sempre brilhante, sempre animada, sempre artificial da gente que se diverte. A indole popular é lhana, bemfazeja e prodiga. Não falo da vida da rua, do bulicio e do valor organico da cidade, para não ir muito longe, para não entrar em considerações prolixas. Belém é, emfim, uma cidade nova, brunida, pinturilada, que se lez rapidamente, em poucos annos, como uma verdadeira transmutação á vista, quasi milagrosamente, como o grão de trigo que um fakir faz germinar, crescer, enfolhar e espigar no espaço de uma noite. Além de tudo, temos o Instituto de Assistencia e Protecção á Infancia, em pról das creanças pobres, desses entes ado-

rados que são os arrebóes da mocidade, a alvorada do futuro, todas as nossas alegrias, todos os nossos sonhos, todas as nossas afeições. Essa formosa irradiação do Bem, do Amor e da Caridade irrompe da alma da mulher. E a Vigilancia Nocturna, do Ismael de Castro e dr. Antonio Diniz? Bôa e útil corporação, creada para extinguir a raça amaldiçoada dos ratoneiros! Os vigilantes estão sempre alertas, de apito na bôcca e cacetinho na mão, livrando-nos de assalto á mão armada e velando pela segurança, riqueza e vida do contribuinte. Quando este tem dôr de barriga, á noite, é só chamar o vigilante que irá á pharmacia buscar a macélla. Que mais nos falta, Magestade?

El-Rei torceu o nariz e resmungou com um singular accento de gravidade, revirando os pollegares á volta um do outro:

— Hum! Tudo isso é muito bonito, é muito chic, é muito distincto, mas falta uma cousa essencial. . .

— Que cousa, Magestade?! Dinheiro?

— Não—juizo!. . .—ponderou o meu real interlocutor, com um arrôto e esbofeteando uma mutuca que lhe pousára na toucinhenta cachaceira.

Eu dei um ar de riso, encarando a Borboleta, que tambem sorriu, baixando os olhos—gentil tributo que me foi direito ao coração. Sua Magestade acrescentou muito judicioso, dando ás palavras inflexões de pessoa conselheira e pratica:

— Os paraenses pôdem com orgulho e sem desdouro abrir a qualquer civilizado as portas de sua cidade, mas. . . (o insupportavel *mas* de sempre) verifiquei que nella perduram ainda habitos grosseiros que depõem muito contra a sua civilisação e que pôdem ser evitados, se os poderes publicos quizerem ter

um pouco de energia e bôa vontade, prestando orelha investigadora aos clamores da imprensa sêria.

Abanei a cabeça, approvativo. El-Rei, depois de uma curta pausa, continuou:

— Quando sahi á rua, vi vagabundos dormindo, em pleno dia, á luz clara do sol, pelos bancos das praças publicas e pelos desvãos de portas, como se estivessem nas casas de suas sogras; carroças, guiadas por homens sujissimos, descalços e malcreados, a questionarem por dá cá aquella palha, numa linguagem de alcouce. Ouvi palavrões, entre sujeitos de baixa classe, na presença de senhoras e senhoritas, trocados em plena rua. Os bonds, nos pontos de parada, eram assaltados por uma chusma de vendedores de jornaes, maltrapilhos e sujos, gritando, uivando e latindo. Parece que nesta terra não se pôde pintar um muro, nem a frente de uma casa, sem que sejam cobertos nos dias seguintes por palavras obscenas ou desenhos immoraes, feitos a carvão, a tinta e a caco de telha. Dize-me uma cousa, ainda que eu mal pergunte: o codigo de posturas municipal é letra morta em Belém?

— Por que, Magestade?—inqueri, surprezo.

— Porque se atira tudo para a rua: o talo de couve, a tripa de peixe, carangueijos e ratos mortos, a casca de fructa, o rôlo de cabello que se arrancou no pente, e até... o substantivo de Cambrone. Das janellas se sacode a toalha de mesa, a roupa de cama, o penteador, o capacho e os tapetes. As ceroulas, as fraldas, os lençoes que se lavam em casa estendem-se a enxugar no capim das ruas. Cachorros famintos, em verdadeiras cohortes, assaltam os transeuntes, em flagrante desrespeito dos calcanhares e pernas do povo. Nas

vias publicas fazem-se creações de gallinhas, de pombos, de gericos, de cabras e de porcos. Na rua João Alfredo, passei por perto de um dos carroções que fazem o serviço da limpeza publica e quasi desmaio. Que horror! O máo cheiro que delle se desprendia foi o bastante para deixar as minhas delicadas narinas incommodadas por todo o resto do dia. Ao almoço, não consegui comer todo um leitão assado com batatas.

— Apesar de todos esses abusos contra a salubridade da cidade, a hygiene em Belém, Magestade, é ainda acatada rigorosamente. Não ha o minimo receio de febre amarella. Corremos com a flagelladora epidemia.

— Sim, mas não correram com os mendigos — replicou El-Rei, remexendo-se no divan e ageitando na cabeça o seu barrete de retróz. — E' uma verdadeira praga! Ha-os, a cada passo, a assaltar a generosidade do bolso alheio, exhibindo a repellencia de seus andrajos e o ascoroso de suas chagas. E um paralytico que é empurrado pelas calçadas e cujo carrinho de mão nos obriga a cortar a linha recta em que seguimos? Confrangeu-me o coração, quando vi menores de ambos os sexos pedir, pela contingencia de um pedaço de pão, o nickel dos passantes e o resto mesclado dos restaurantes, á hora da terminação do serviço, espiando os que nelles debicam... Não ha dia em que eu não cáia com o meu rico dinheirinho para enterros de creanças, festividades de santos e subscrições para viuvas, absolutamente inconsolaveis... A mendicidade já se não coaduna com o espirito da epocha, repugnando-nos que uma cidade, como Belém, soffra desses abcessos, que são um negrume no seu fastigio por todos reconhecido.

— Fructo do tempo, Magestade.

— Qual fructo, nem meio fructo! E o Asylo de Mendicidade? E' para inglez vêr?

Eu não tugi nem mugui, sentindo a minha alma estuar de dôr e vergonha, ao vêr que as patavas de Sua Magestade estavam carregadas de razão.

— Não ha duvida que Belém melhorou consideravelmente, prodigiosamente, sobretudo pelo lado esthetico—proseguiu El-Rei, momentos após, irisando intencionalmente as palavras—E' preciso, porém, expurgal-a quanto antes desses defeitos, que ameaçam sobreviver aos melhoramentos materiaes. Desculpa-me fallar assim. Eu tenho cocegas na lingua. . .

Depois dum pequeno silencio, Sua Magestade, inclinando-se para mim e approximando a cara da minha orelha, accrescentou em voz cautellosa, circumvagando a vista pelo aposento, visivelmente embaraçado:

— No coração da cidade, que é a avenida Quinze de Agosto, tem a prostituição o seu mais faustoso arraial. Dos bonds veem-se mulheres, em penteadores transparentes, com os braços e seios nus, sentadas pelas portas, em frente ás sordidas pocilgas, que permanecem escancaradas; exhibindo até nas salas as camas cortinadas. . . Uma noite, em que fui vêr o bóde, observei, na Praça Republica, pares muito chegados, procurando na tonalidade penumbrosa das pequenas moutas « a dupla volupia do silencio e da sombra . . . » Os autos passavam celeres, sirenando com furôr e conduzindo no fôjo escuro de suas almofadas casaes em escandaloso idyllio, unidos como bananas gemeas. . . E tudo isso era feito com a convicção de que não havia nada mais natural deste mundo. Sua Excellencia, o Preconceito, de braço dado á sua esposa, a Conveniencia Social, se um dia

sahisse dos penates a horas mortas, sentiria arrepios escandalizados e exclamaria desiludido, descrente talvez: « Terra idéal, por muito menos, Gomorrha e Sodoma fôram incendiadas. . . » E, mudando de tom, o meu real interlocutor, retomando a sua primitiva posição no divan, observou, de braços cruzados:

— E o estafermo daquelle kiosque da Praça Republica, encravado ao lado do magestoso theatro?

— Estafermo, o kiosque? Oh! Magestade, não diga isso! — protestei solemnemente, volvendo para El-Rei um olhar acerado, como a thesoura dum alfaiate. — E' a melhor cousinha de Belém, tenha santa paciencia. Um kiosque de tradições gloriosas! Foi o unico que, naquella praça, se salvou da voragem do incendio no agitado tempo do « queima kiosques » e das latas sanitarias do dr. Pontes de Carvalho.

— E', então, a prova de fogo? — interrogou El-Rei, arrotando.

— Parece. O seu antigo proprietario, que era cãtholico, apostolico, romano, mostrou ao povo irado a lithographia dum *Santo Milagroso*, canonisado pelo positivismo, e o populacho incendiador recuou, como por milagre, escapando assim o kiosque de ser reduzido a pó, cinza e nada. Chama-se *High-Life*. Quem o não conhece? Somente os que se não interessam pelas cousas typicas de Belém. E' um templo de libações, ao ar livre, tendo por cobertura a abobada celeste e as franças gloriosamente verdes e frondosas das mangueiras seculares.

— E não ha, por lá, alguma sarrafusca, han?

— E' muito raro, Magestade. O aspecto do kiosque é pacato. Nunca se reúne alli gente de má nota e não se vende agua branca que passarinho não bebe. Tambem lá se não senta pé rapado. E' um kiosque aristocratico! Faz jús á estima e á gratidão de to-

dos quantos cavam, de noite, o pão de cada dia. . . E' o oásis bemdito no deserto em que se transforma, depois da meia noite, a Praça Republica, que é o centro da vida belemense. Até essa hora, estão repletos os terraços do Grande Hotel e Café da Paz, funcionam os cinematographos, que são os logares, onde se passa a noite por dez tostões. Passar a noite por dez tostões é a solução do problema do gozo para muito *menage* paraense. Quando o ultimo electrico passa de corrida, guiado por um guarda-freio, exausto e somnolento, e as vassouras municipaes começam a varrer o lixo da praça, numa grande restolhada e levante de poeira e microbios, o movimento do kiosque começa. Reunem-se alli creaturas que, de dia, se não veem, confiando á cerveja as suas grandes maguas. Todas as noites ha reuniões ruidosas de poetas, jornalistas e bohemios da terra. E fazem-se apostas, espócam discursos patrioticos, discursos laudatorios, saúdes, vivas, gargalhadas, cantos marciães, risos, pilherias, historias picantes e de sentimentos e, ás vezes, alguma carraspana. . . Ninguem, nesses momentos, se lembra da carestia dos generos, da morte e nem sabe quando nasce o sol. . . E' no kiosque que primeiro se conhece « o que dirão, amanhã, os jornaes, » que se pormenorizam, entre a fumaça do charuto e a cerveja loura, os escandalos de toda a gente e os pôdres de algumas familias; que se contam historias de rapioca e de amor e que se sabe as quantias que o panno verde devora. Alta madrugada, quando os mais terriveis noctivagos se metteram em valle de lenções, ainda o kiosque está cumprindo o seu fadario, vendendo café, leite, pão com manteiga, sandwiches de queijo, de salame, ovos estrellados, que cahem na alma dos tresnoutados como a copahyba numa ferida. E quan-

tos escandalosinhos se não desenrolam allí, sob a paz serena da noite e do clarão opaco e crú dos globos electricos? Ah! se as bôrdas dos côpos e das chicaras do kiosque falassem!... Burguezes escrupulosos, muito tementes a Deus, muito misseiros, que não comem carne á sexta-feira, que trazem ao pescoço camaldulas e benninhos, buscam desfastio no kiosque, a horas mortas, ao lado de companhias *galantes*; e praticam cousas phenomenaes, cantam, têm ditos causticos, beijam, fazem cocegas, apalpam, mordiscam, quebram copos e garrafas, pagam o prejuizo e... deitam cargas ao mar.



Manias régias

O assahy e os quitutes do Pará—O prato predilecto—Um livro importante—Locubrações litterarias—Methodo de vida—Almoço ligeiro—Negocios do reino—Cultivo do espirito e do corpo—A pedra philosophal—Belleza de musculos!—Paixão pelo sport—O saber não occupa lugar—Grandioso problema—Phantasmas e almas penadas—O espiritismo—Evolução e metempsychose—Carandeiro espirita—Um trombone de prata—Curas importantissimas—Religião não se discute—Popularidade—A vida do campo—Amor pelas arvores.

El-Rei casquinou uma risadinha gostosa e eu, impertubavel e sereno, continuei a falar do kiosque:

— Bohemios ha, Magestade, que abandonam o kiosque, dia alto, para saborearem um somno *reparador*, durante as horas em que a vida da cidade trabalha, estuda, inventa, caminha, mexerica, espiona, intriga, disputa, calumnia, combina negocios nem sempre licitos e faz calculos para o bicho. Mas, deixemos socgado o kiosque, onde muita gente bôa já bebeu, não deixando, por isso, de subir a altas posições e falemos de outras cousas—conclui com um pigarro. O clima do Pará? Vossa Magestade goza saúde?

— De ferro, caboclo!

— E o nosso celebrado assahy? Vossa Magestade já o bebeu?

— Deliciosa e fortificante bebida! Pélo-me por ella. Todos os dias a saboreio numa bonita cuia, sarapintada de garatujas indigenas, presente do meu amigo Cyrillo Cruz. E as gulodices e os quitutes do Pará? Tenho comido e provado de tudo: pacas no tucupy, mussuans, pirarucú com pirão d'agua, casquinhos de siry, e tacacá. O meu prato predilecto, porém, é a maniçoba. Que manjar! E' de se lamber os dedos e chorar por mais. Tenho saúde p'ra dar e vender. Nunca tive uma doença grave. Nunca tomei remedio da botica, nem sequer uma purga ou um clyster!

— Vossa Magestade, incontestavelmente, é de constituição vigorosa e sadia.

— Por causa do meu methodo de vida. Não me satisfação em ser uma simples figura d'apparato. Estudo muito. Tenho na cabeça livros, idéas, cousas grandes. Falo sete linguas, oito com a minha. Em breve, pretendo dar á luz um livro que, ha dez annos, estou escrevendo. Mas tambem Roma não se fez num dia e Deus que era Deus teve de consumir toda uma semana na construcção do mundo!

-- O titulo do vosso livro, Magestade?

— « *Aguas potaveis e seu direito substantivo, ou como se prova que a agua do mar, por ser salgada, não serve para ser bebida a não ser quando se morre afogado* ». Com este livro de peso, espero cimentar definitivamente a minha gloria. Desejo publical-o em edição de luxo, in 4.º, com gravuras coloridas *hors-texte*, mappas demonstrativos e annotações em sãokrito e outras linguas vivas e mortas. O estylo é pausado, redondo, garrafal. Submettereí essa obra á douta apreciação da Academia de Llanfairpwllgwyngyllgogêrychwyrndroblltysiliogogoch, uma corporação ingleza de homens de lettras, que func-

ciona nas costas orientaes da Groelandia, a 45 grãos, abaixo de zero, e 85 minutos, lés-sueste, do Polo Norte. E estou preparando tambem a traducção duma obra de um auctor desconhecido sobre o escuro caso da maçã do Paraiso, escripta no latim fallado pelos celtas, e um livro sobre o positivismo, com estampas. Só admitto livro de positivismo com estampas. Estás admirado, hein?

— Locubrações litterarias, Magestade!

— Estudo e methodo de vida, é o que é. Não desperdiço o tempo. A ociosidade parece-se com a ferrugem. Levanto-me ás seis horas da manhã, faço as minhas orações, leio alguns capitulos das *Ponderações*, de Emiliano Frade, e das Lições Internacionaes da Escola Dominical, de Justus Nelson, e, para alliviar o espirito e crear sonhos gloriosos, devoro as viagens de Amieis e as divagações astronomicas de Flammariion e Dalge, tomando ás oito, com as pupillas, o meu primeiro almoço ligeiro e quasi sempre o mesmo: —sopa de cúscús, dez ovos quentes, lombo com ervilhas, salada de batatas, pastéis de camarões, almondegas, uma empada de lagosta, omelette *au sucre*, um prato de cangica, queijo, fructas e a confortavel e deliciosa cerveja Yankee. Em seguida, recolho-me ao gabinete de trabalho, onde dispendo a maior parte da manhã em negocios do meu reino, assignando papeis e mantendo do modo mais satisfactorio as relações diplomaticas com as chancellarias estrangeiras e com as auctoridades civis e militares deste Estado. A's onze horas, tomo o meu banho no rio, benzendo-me tres vezes, antes de mergulhar, por causa de candirús e puraqués. Depois, dou o meu passeio de tres quartos d'hora, fazendo appetite para o almoço, ao meio dia, do qual compartilham o dignatario da semana, o poeta Albano

Vieira e o secretario, que são bons garfos. E venho, então, para este aposento fazer o chylo e divertir-me com as pupillas até á hora do jantar. A' noite, enquanto espero o chocolate com torradas, reuno-me com ellas na sala de musica. Canta-se, toca-se, jogam-se jogos de prendas, entre os quae o conhecido « jogo do annel », e o « chicote queimado »; recita-se, conversa-se, lê-se em voz alta, fala-se mal do proximo, toma-se chá, comem-se bôlos; finalmente faz-se tudo o que é proprio de uma solemnidade festiva em familia. Uma vez por outra, o maestro Manoel Paiva, auctor da marcha *Eudoxia*, executa ao piano gavotas e minuets, de sua composição, e o Frederico de Barros toca na flauta musicas arabes e japonezas, que são um mimo de graça e de arte.

Sua Magestade conservou-se por alguns segundos calado e, em seguida, coçando um dos joelhos, continuou na sua taramelice, que eu ouvia com a submissão de um martyr num circo romano:

— Não julgues que eu vivo só para comer. Não, cultivo tambem o espirito e o corpo com exercicios physicos, que enrijam a musculatura e tanto concorrem para a correcção das fórmas. Nos meus momentos d'ocio, desço ao quintal, para examinar o chôco dos pintos, debulho milho aos xerimbabos, apalpo as gallinhas, dou comida aos porcos, ás cabras, aos cachorros e aos gatos, e estrumo a minha horta e o meu jardim. Hei de te mostrar os tomates, as couves, os nabos, os grelos, as beringéllas, os pimentões, os pepinos e os quiabos plantados por mim. Adoro a poesia, a musica, cavalgo, guio carruagens e automoveis, esgrimo, lucto, faço acrobacia, gyro em bicycleta, atiro ao alvo, jogo box, « cricket, lawn-tennis », foot-ball, competindo com vantagem com os melhores jogadores do Club

do Remo e do Paysandú. Desenho, canto, entendo de cosinha e de prendas de agulha, faço doce de compôta, trabalho de costureiro, recorto flôres, recito ao piano, leio a buenadicha, sou ventriloquo, astrologo, alchimista e ando enfronhado no problema da *pedra philosophal*. Sei içar uma véla, dar direcção a um barco, arribar traquete, suspender bujarrona, prender escôta e manejar a vara e a sirga. Apanho pedras e as atiro, para vêr a que distancia vão, a calcular a minha força muscular. Olha esta belleza!—E El-Rei, dobrando o ante-braço direito e retezando os musculos, mostrou-me os nós reforçados do biceps, que tulavam a manga do pyjama. —Hejn? Que tal!

— Bellos musculos, Magestade, dignos da Grecia heroica!

— E' conhecida mundialmente a minha predilecção para as cousas sportivas. Eu, aqui onde me vês, desde menino que tive inclinação para o sport. Aos seis annos, fugia de palacio e, em companhia de outros pirralhos temerarios, mettia-me por aquellas charnécas e ribeiras a matar grilos e a nadar. Era temivel. Chegando aos doze aunos, fiz-me um nadador emerito, disputando todos os campeonatos de natação, ao lado dos mais conspiciuos braçadores. Duma feita, quiz atravessar a bahia de Biscaia, quasi perecendo alogado nas ondas revoltas. Afinal, a muito custo, cheguei á beira, vomitando na praia quarenta canadas d'agua. Refeito dessa aventura arriscada, emprehendi outra ainda mais perigosa, tal a travessia do estreito de Gibraltar. Ahi, a minha bôa estrella me guiou e a minha victoria foi completa. O estreito foi transposto com facilidade, de modo que, por deante, ia todos os dias a Marrocos tomar gengibirra. Cresci, fiz-me homem, adquiri luzes e sempre com a mania do sport e

da cultura do espirito. Velho, como estou, ainda reser-vo duas horas para o estudo, em que anoto auctores antigos e celeberrimos.

— Vossa Magestade faz muito bem. O saber não occupa lugar.

— Todas as manhãs, passa commigo o dr. Baptista Moreira, explicando-me economia politica, historia universal, direito canonico, tactica, noções de artilharia, aviação, diplomacia, medicina legal, esperanto e mathemathica. Tenho feito progressos nesta ultima materia. Descobri o X do grandioso problema de duas linhas parallellas se encontrarem no mesmo plano e seguindo a mesma direcção. E pretendo formar-me em direito. E' o meu sonho dourado! Vivo enfiado no Lobão, nos repertorios e nos manuaes de legislação. Manejo alfarrabios, codigos e tratadistas. E dei até em estudar o allemão com o commandante Raymundo Moraes, para mais profundamente ficar senhor do saber juridico.

A folhas tantas, El Rei, sem quê nem para quê, disparou-me á queima roupa esta *bala*:

— Acreditas no mundo invisivel, caboclo, na existencia de phantasmas e almas penadas?

— Como não, Magestade? Actualmente, em Belém, a moda intellectual está toda virada para o materialismo. Nunca a nossa cidade esteve tão povoada de phantasmas como agora. Nunca prendeu tanto as atenções no occulto. Nunca pôz ouvidos com mais angustiosa expectativa a essa porta cerrada, atraz da qual se alargam mysteriosos silencios— a porta do sepulchro. Muita gente bôa tem escripto transcendentaes doutrinas sobre o espiritismo. Vossa Magestade não viu o retumbante succésso dos espiritas drs. Souza Castro e Angelino Lima?

— Sim. Mas admiro muito mais o outro Lima,

o Archimimo. A's terças-feiras, reuno-me com elle e com alguns socios da União Espirita Paraense e fazemos sessões mediumnicas typtologicas. Sou um excellente medium. Actúo com facilidade. Evoco os espiritos e elles comparecem, sem perda de tempo, a fazer-me gatimonias. A's escuras, sinto a cada instante mãos frias a apalpar-me a barriga e as nadeugas, a puxar-me as orelhas e a dar-me cafunés. Eu fui, durante seis mezes, importunado com ataques de larvas, que me segredavam sugestões perturbadoras. Eu acredito fundamente no espiritismo. Maravilhosa sciencia!

— Affirmam, no emtanto, Magestade, que o espiritismo é obra do Principe das Trevas—objectei, com um pigarro, agarrando-me a este argumento como um gato a uma posta de peixe, que lhe pretendem arrancar da bôcca—Que o espiritismo é uma historia. Quando nós morremos, morremos de vez e—babau!—acabou-se tudo!

— Lérias! «Os mortos governam os vivos. O tumulto é a porta aberta da vida nova. O espirito, depois que se desprende da materia, vae peregrinar pelo espaço até purificar-se, reencarnando-se depois no corpo d'algum ente terrestre, no corpo duma lesma, dum cachorro, dum burro ou então habitar algum planeta sublunar». «Sou evolucionista!»—ajuntou Sua Magestade, sorrindo superiormente—«Nós não terminamos na cóva. Seria uma estupidez se o homem nascesse, vivesse, soffresse e terminasse transformado em lama, em poeira. Nesse caso, a obra da Divindade seria incompleta, não achas?»

Eu disse que sim com a cabeça, desejando fugir ao melindroso assumpto, de que não entendia e nem entendo patavina. El-Rei proseguiu gravemente, numa grande exuberancia de gestos:

— « Eu me gabo de ser um espirito superior, tallhado para grandes acções na Terra. Adoro a theoria da metempsychose. Para eu ter chegado ao estado em que me acho, isto é, de homem, já fui microbio, passei a verme, encarnei-me depois no corpo de uma lesma, passei a borboleta, fui promovido a cachorro, consegui ser burro e, seculos depois, cheguei a macaco, até que, mettendo-me na pelle de um negro da Africa, morri para reencarnar no meu « eu », nesta belleza physica que todas as mulheres admiram e que os homens de Estado odeiam. » Mas, voltando á vacca fria. Em Syracusa, curei pelo espiritismo, movendo-me a medicina local uma guerra sem treguas. Os medicos, incommodados pela concurrencia que lhes eu fazia, abriram contra mim perseguições judiarias. Curava, limitando-me a collocar as mãos sobre as partes doentes do paciente e a implorar a intervenção dos espiritos. Toda a gente podia fazer a mesma cousa, pois que toda a gente possue « fluido ». Foi tal o meu successo que a população daquella cidade me fez uma significativa manifestação, offerecendo-me um trombone de prata, o meu instrumento favorito. Aqui, em Belém, o meu bom fluido se tem convertido em medicina, preparando a agua da torneira que, todas as manhãs, os moradores dessas redondezas vêm buscar em botijas, garrações e pótes. E tenho feito importantissimas curas de lombrigas nas creanças, talho do ar, ventre cahido, brotoejas bravas, catarrhos, reumatismos, dysenterias, cobreiros, máu olhado, caimbras, espinhéla cahida e outras molestias cutaneas.

— E' extraordinario, Magestade!

— « Adoro Allan Kardec, o grande propheta de uma religião verdadeira, que ha de resgatar os peccados deste mundo e... do outro ». Por falar em

religião, não ha cidadão mais respeitador das crenças alheias do que eu. Seja christão, positivista, budhista, adepto de Maíoma ou de Moysés, musulmano, brahmane, o meu respeito é identico para a sua crença. Não discuto a fé alheia, porque nunca vi cousa mais estapafurdia do que as discussões sobre materia religiosa. Depois dessas discussões, estou cimentalmente convencido, nunca nasce a luz. Podem nascer muitas outras cousas, acredito, até pancadaria de crear bicho. Absolutamente não desdenho da fé alheia, palavra de honra. Quando alguém me pergunta pelo meu credo, para evitar mal maior, sempre me declaro da crença do indiscreto perguntador. Faço mal ou faço bem?

— Perfeitamente bem, Magestade!—apoiei com um pigarro, indireitando as joelheiras das calças—Religião não se discute. Todo o homem educado tem o estricto dever de respeitar as crenças alheias.

— E é por isso que todos gostam de mim e está sempre da minha parte o favor de gregos e troyanos. Caminheiro infatigavel, tenho percorrido varias terras e conhecido varias gentes. Tenho cruzado o mundo em todas as direcções, mas sou obrigado a afirmar que ainda não encontrei gente melhor que a do Pará. Parece que todos me querem metter no coração. Não ha um santo dia que eu não receba presentes de beijús, passóca, passarinhos, galinhas, peixe moqueado, trabalhos de paciencia, feitos de missanga, paneiros com assahy, cará e macacheira. O Theotonio Araujo, um dos meus amigalhões, presenteou-me com umas lindas bengalas das mais exquisitas madeiras paraenses, com uma paca cevada, um carachué e um papagaio cantador, que vale ouro. Em toda parte me dou bem. Mas me acho venturoso, quando estou entre as arvores. Amo

os repousos campestres. A vida do campo é sadia e enche-nos de vigor. Já na antiguidade Regulo e Cincinato pensavam desta maneira. Odeio a calça, os telhados, os muros e o bulício da cidade. Sinto-me feliz, quando aspiro a plenos pulmões as largas e oxygenadas correntes de ar puro, ouvindo deliciosamente o farfalhar suave das ramagens, os cantos festivos dos passaros e o eterno sussurro das aguas das fontes, cheias de melancolias. As arvores são o poema da vegetação. Quando as arvores, rumorejando, trocam entre si as ultimas impressões do dia; quando, ao raiar da aurora, os gallos cucuritam, as vaccas mugem, as cabrãs bérram e o carilhão do templo lança no espaço...

Pensando que Sua Magestade se dispunha a injectar-me alguma intempestiva e substanciosa divagação poetica sobre as arvores, reprezei-lhe a eloquencia, inquerindo, com accento melifluo:

— Vossa Magestade não falou na caça? Não gosta, por acaso, desse salutar e apreciado sport?



O substantivo de Gambronne...

Caçador de raça—Medalhas de galardão—Pelo mundo a fóra—Terras caçadas—Monarchistas historicos—Aventuras de caça—A marcha atravez da matta—O café matinal numa clareira—Rebate falso—Horriavel debandada!—Em caminho do igarapé do Oribóca—Do alto dum mutá—A morte da onça—Regosijo geral—Surra a valentona—O banho no igarapé—Nadador emerito—O almoço—Brindes entusiasticos—Um murro pavoroso—A jararaca—Lingua de trapo—A volta da caçada—A lenda do irapurú—Um velodromo modelo—O Larousse na baila—Crise de colera—Tentação—Cupido tece-as...

— Extraordinariamente. E' um dos meus sports favoritos—respondeu El-Rei, esfregando as mãos, no que dava mostras de bom humor—Meus antepassados foram grandes caçadores. Eu tambem, em cousas de pontaria, sou um alho! Custei a aprender. Com trabalho, porém, tudo se alcança neste mundo. A vinte metros, metto uma bala pelo gargalo duma garrafa e os passaros que vôm não escapam á minha pontaria, ainda que descrevam as mais complicadas voltas no ar. Quando rapazola, a minha pontaria era muito incerta. No fim de pouco tempo, porém, eu já tinha feito progressos. Já era capaz de acertar com uma espingarda de dois canos numa casa a dez metros de distancia. Com chumbo,

hem entendido. Pouco a pouco, fui firmando a pontaria. Acertei numa porta, depois num boi, num carneiro, num porco, numa gallinha, num pinto, numa lagarta. No dia em que assassinei um passarinho, postado no alto duma arvore, foi um alegrão na côrte e meu pae admittiu-me na comitiva de suas caçadas reaes. Hoje, disparo até com a mão canhóta e considero-me um caçador de raça, como Nemrod. As minhas excursões cynegeticas estão annunciadas pela imprensa de todo o mundo, entre clamorosa e deslumbrada. Possuo 666 medalhas de galardão e merito, entre as quaes uma de Menelick, que Deus haja. Cacei na Argeria com Tartarin de Tarascon; arpoei phocas e morsas, na Noruega; matei, com Roosewelt, nas selvas africanas, leões, leopardos, rhinocerontes, elephantes, antilopes, zebras e girafas; atirei comorans nas montanhas frias da Suissa; em Canadá, abati buffalos; espingardeei condores nos Andes e abestruzes no Sahara; no Polo Norte, em companhia de Nansen, frexei pingoins; no Congo e no Zambeze, com Serpa Pinto, lacei e abati hippopotamos e nos sertões de Matto-Grosso matei muita onça com o coronel Rondon. E ha muitos annos já que me entrego pelo mundo a fóra em apanhar animaes ferozes de diferentes especies.

— Com que fim, Magestade?—perguntei, acirrado de curiosidade.

— Para as collecções zoologicas dos principaes museus da Europa e da America do Norte. Os bichos têm de ser apanhados vivos e sem nenhum ferimento. Se, durante a sua captura, ou pelos accidentes do seu transporte, soffrerem qualquer dano, serão immediatamente recusados pelos respectivos governos. Comprehenles, por consequencia,

facilmente, que á tarefa de apanhar vivos taes exemplares, anda adstricto muito maior perigo, de que se houvesse a faculdade de os matar logo no proprio lugar do seu encontro.

— Sem duvida, Magestade.

— Do Pará, pretendo levar, vivos, como encommenda, para o museu dos Estados-Unidos, veados, cotias, jabotys, onças, giboias, tamanduás, caimitús, jacarés, irapurús, macacos, peixes-bois, garças, socós, saracuras, puraquês e outras especies de que são ferteis a zoologia e a ornithologia desta terra. Não imaginas como as mattas da Conceição, Cacoalinho e Guamá são caçadas. Mandei construir tapadas, com armadilhas e arapucas, e nellas tenho apanhado bicharada de toda a qualidade. A minha Winchester tambem tem abatido muita caça grossa e nunca, em bôa hora o digo, encontrei um jacaré, um indio, nem gente vestida de pennas. Faz hoje uma semana que empreehendi uma sensacional caçada, para além do engenho Murutucús, em companhia dos bons amigos Eustachio de Azevedo, dr. Pombo e Ildelfonso Tavares, dois monarchistas de papo amarello.

— E historicos, Magestade.

— Que sortida venatoria, cheia de engraçadas peripecias!

— Conte lá, isso, Magestade, conte lá—pedi, com interesse, como um reporter, farejando um caso de sensação.

El-Rei ageitou-se no divan, puxou o pyjama para as pernas guedelhucas, arrotou e começou a desliar a narrativa da caçada:

— A informação que eu tinha era que, nos arredores do engenho Murutucús, havia onças como formiga e que ellas vinham até ao copiar da habitação pegar cabritinhos e gallinhas. Organizei, então,

a minha comitiva e partimos por uma madrugada clara, sêcca, annunciando um dia limpido, magnifico para uma caçada. Levei dez homens escolhidos, acarretando bahús com matalotagem, cartucheiras, balas dum-dum, medicamentos e utensilios de cópa. Caminhavamos cautos e vigilantes. O Ildefonso, armado de revolver, varejava o matto, abrindo trilhos e passagem a golpes de facção. O Eustachio ia no meio dos carregadores, carabina ao hombro, charuto nos beicos, expellindo deante de si pequenas baforadas de fumo, indagando delles se a matta era mal assombrada e benzendo-se toda a vez que ouvia um pio de coruja. Atraz de mim, seguia o doutor, caçadeira ás costas, polvarinho á ilharga, bôtas altas, largo chapéo serrano, parando aqui, alli, para inspecionar as espessas moitas, onde os grillos cantavam o seu irritante *cri-cri* e os pyrilampos, quaes pharões minuculos, mostravam com intermitencias a sua luz phosphorescente e baça. O meu illustre amigo tinha o aspecto dum Humboldt valoroso e triumphante que fosse, não caçar onças no Oriboca, mas trepar os immensos, incommensuraveis Andes. Depois de uma hora de viagem, ao amanhecer, chegamos a uma clareira com umas sessenta jardas de extensão, com vasta herva, de tres ou quatro pés de altura, onde estabelecemos um abarracamento provisório e nos foi servido o café matinal, com leite, biscoitos, queijo e salame. Eu despachei immediatamente dois homens de confiança, offerecendo-lhes gorda lambugem, se me trouxessem informações seguras do bebedouro d'alguma onça. Mais de meia hora, alli estivemos, de cócoras, em alegre palestra. O sitio era suggestivo. Pelos nossos narizes, passava, como delicia restauradoura, a exhalação balsamica dos vegetaes orvalhados. Nas moitas, já ruffa-

vam as azas, sahindo os primeiros passaros acordados que trinavam nos ares, nos seus ninhos, bendizendo o romper do dia, promptos e ávidos para procurarem alimento para os seus filhotinhos. Tudo nos despertava a maior attenção: as parasitas, que se alimentavam do ar, suspensas dos ramos annosos, os cipós a se enredarem como emmaranhadas teias, o sussurro do vento nas frondes altaneiras, o trinar metálico dos gafanhotos, o zumbir dos insectos, a ascensão do sol, vermelho no horizonte, e a luz serena da manhã, inundando tudo num banho liquido e transparente de ouro, de saphiras e opalas. E, enquanto saboreavamos o delicioso café, sentindo-nos fortes, tonificados pela photorrhéa solar, a conversação, em seus meandros, versou sobre emoções estheticas, litteratura e poesia bucolica.

Sua Magestade tomou folego e proseguiu, com um risinho brincão nos beiços polpudos e sensuaes:

— O doutor, trincando um pedaço de biscoito, falou: «E' verdade que na cidade temos os nossos prazeres, as nossas distracções—quem nos concede tudo é o dinheiro—e mesmo cousas artificiaes, ao passo que, na roça, como agora, assistimos a fitas reaes, naturaes, e sem troca de moeda. Que belleza não são estes logares nos seus lindos amanheceres? Podemos delles encher papeis com assumptos inesgottaveis e os mais apreciados e exactos. A natureza, assim adornada com as suas diferentes côres, nos abre a intelligencia e faz-nos propensos a escrever bonitas e inspiradas cartas monarchicas. O Eustachio, que dava banhos, de corpo inteiro, dentro da sua caneca, em grandes nacos de pão, breados de manteiga, ajuntou, desenhando um gesto amplo com a mão direita, como a abraçar o horisonte: «E' verdade, doutor; tudo é o emblema da graça de Deus

por meio deste espelho limpo e colorido. Ha lá em cima quem vê os nossos esforços, quem os espera, talvez, para nos recompensar. E' bellissimo o panorama que nos é aqui apresentado, descortinando-se de todos os lados bellos imans, cujos attractivos são de um poder immenso. E haverá nada mais delicioso que o céu? Com certeza, não. E' o céu que pelas bellezas, que em si encerra, faz voltar a fé ao descrente, fazendo-o exclamar: «Deus existe! E' impossivel que não exista!» O Ildefonso, mexendo o assucar na sua canéca com a colher—*shlóc, shlóc, shlóc*—acrescentou, com a bôcca atufalhada de bolacha e queijo: «Uma cousa que muito me chama a attenção, dentre estas muitas surpresas, é a fumaça grossa de certas nuvens escuras que, confundindo-se com a poeira da cerração, dá resultados tão magnificos que as nossas idéas não podem explicar. Uma pessoa aqui tem muito que vêr e mesmo, sendo um pouquinho intelligente, poderá descrever tudo com bellos phraseados. Em Marabá, quando eu era professor...» De repente, um dos meus homens que pela nossa retaguarda inspeccionava o abarracamento, perscrutando com a vista os arredores, gritou afflictivamente, correndo com quanta força tinha: «Fujam, brancos! Ahi vem onça!» Foi uma horrivel debandada! O doutor, lançando fóra a espingarda, deitou a correr para a arvore mais proxima, de mediana altura, trepando com maravilhosa promptidão e encarapitando-se, lá no alto, sobre a forquilha de dois galhos fortes. Eu dei um salto para o lado, pisando o callo do Ildefonso que, desesperado de dôr, começou a rodar e, em dado momento, embrulhando uns biscoutos e um pedaço de salame num guardanapo, desapareceu como um veadinho arisco, num capão de matto; o Eustachio

cahiu de trazeiro no chão, sobre uma moita de tiri-rica, com o calcanhar preso numas raizes occultas na herva, a berrar: « Soccorro! Soccorro! » e a disparar para o ar a sua carabina. Eu acastellei-me por traz de uma grande arvore, tomei a minha *Espress* 303, armei surdamente os dois *cães*, abaixei o cano, prompto a atirar. Passei por um segundo de agonia.

— E era onça, Magestade?

— Qual o que! — retrucou El-Rei, ás gargalhadas, que eram secundadas pelas damas de honor, que, em circulo, escutavam a narração de Sua Magestade. — Era o *Malhado*, o meu velho cão de guarda que fugira de casa e viera ao meu encalço. Minutos após, restabeleceu-se a calma. Assobiei. Respondeu-me um assobio semelhante e os meus homens se fôram approximando. Mandei que cortassem ramos e cipós, com que fizeram uma especie de escada para o doutor descer de sua pouca agradavel installação. Chegado que foi o Ildefonso, offeguento e cheio de arranhaduras, a comer um pedaço de salame, continuámos a marcha. Em caminho, encontramos um preto velho da casa do professor Salgado, que nos informou, com segurança, ser o igarapé do Oribóca o bebedouro da onça. « Patrão, cuidado, aquillo é um logar perigoso. Esta noite eu vi seguramente umas tres onças, alli rondando, á distancia de um tiro de espingarda. Vi os olhos dellas allumiando no escuro. Não chegavam por causa da fogueira. Vuucês tomem cautella ». « Olé, viva! A' onça! » — disse — « Precisamos fazer-lhe os nossos cumprimentos. Coragem, meus amigos! » Depois de nos orientarmos, continuámos a marcha em direcção ao igarapé do Oribóca. Ao fim de duas horas, chegámos e tomámos posse de um mutá, armado num colossal bacuryseiro. O sol ia alto. O doutor quiz atirar

nuns japiins e eu o aconselhei que tal não fizesse, porque a detonação da arma afugentaria a onça. Mais de meia hora, ficamos de alcatéa, os corações palpitantes, ouvidos aguçados e as mãos no gatilho das armas. Encorajei o Ildefonso que se chegou a mim, com os olhos esgazeados, a bôcca escancellada, cabellos em pé, tremulo e frio, limpando o suor da fronte que lhe corria em bagadas. Passámos dois quartos de hora, de tremula expectativa, espreitando, attentos, para todos os lados. Subito, um ruido me surpreendeu. Prestei vivamente attenção. Passado um instante, uma ramaria entreabr u-se da outra margem do igarapé, e vi uma onça malhada, de grandes dimensões. O bicho metteu o focinho n'agua e começou a beber—*Kum! Kum! Kum!* Batia-me o coração com impeto. O doutor, d'olhos lechados, parecia de cêra e cheirava um frasquinho de ether. A onça bebia lentamente, bebia e descancava, bebia e escutava. O Eustachio, com a physionomia espavorida, pigarreou forte, benzendo-se, e o bicho levantou immediatamente a cabeça para o nosso lado, olhando-nos. Rosnou surdamente, mexendo de vagar a cauda. Eu lhe espiava o movimento, attento. Visei-lhe o pescoço, apertei o gatilho—*pum!* e dormi na pontaria. Que tirão! Um hausto profundo respondeu ao estampido e logo ouvi rugidos entrecortados. Atravez da fumaça enxerguei o bicho cahido, em baixo dum aningal, mostrando as patas trazeiras e o rabo. Um dos meus homens aproximou-se cautelosamente, atirou-lhe um punhado de tujuco e disse: «Está morta!» «A terra lhe seja leve!»—proferiu o doutor á maneira de oração funebre. A féra tinha toda a parte deanteira mergulhada num mar de sangue. A bala quebrou-lhe a espinha dorsal e despedaçou-lhe o alto dos dois

pulmões. E Sua Magestade, batendo com o pé na pelle de onça, estendida debaixo do divan, ajuntou:

— Cá está a bicha. Tinha dentes cariados e falhas no pello, de tão velha que era. A lingua parecia uma groza de ferreiro, cheia de escamas que nem peixe.

El-Rei calou-se, como um narrador que sabe graduar os effeitos do que conta e, logo depois, proseguiu:

— Em signal de regosijo pela morte da féra, descarregamos, então, as nossas armas, atroando festivamente os ares. Feito isso, descemos do mutá e nos collocamos em face da onça estirada, olhando a ferida, d'onde jorravam gorgolhões de sangue. O Eustachio, não sei como, chegou-lhe uma gana, muniu-se dum cipó bem grosso e, furioso, exultante, surrou o corpo do bicho, que cavamente resoava, até que, cansado, se sentou num tóco de páo, o chapéo na mão, aberta as pernas, exclamando: "Arre! Apanhou a valentona!" Meus senhores —propuz— agora o essencial é escolhermos um logar para almoçarmos. A estas palavras um *bravo!* se ouviu. E' que tinhamos andado muito e a caminhada havia-nos dado uma fome devoradora. Depois de encontrarmos muitos logares bons, sentamo-nos sobre os mimosos tapetes naturaes—a relva, sob um docél de lianas intrincadas, onde a luz penetrava, coando como através dum cortinado verde. Perto, marulhava docemente o igarapé. Um creado trouxe, numa salva japoneza whisky, aguas mineraes, copos, gelo e, por muito tempo, a conversar sobre politica, ficamos bebericando num farniente aprazivel. Estava um tempo lindo. O sol ia alto no céu limpo de nuvens, de

um azul brunido, de esmalte, onde urubús passavam num vôo dominador e placido. Uma aragem perfumosa soprava de leste. As folhas farfalhavam e um rumor symphonico de insectos, casado ao chiar dos beija-flores, que zigzagueavam, avançando, recuando, aggreindo as flores silvestres, dava a paisagem um tom de paz amoravel e sedativa. O Ildefonso, engulindo gulosamente um sorvo de whisky, convidou o Eustachio para um banho nas aguas crystalinas do igarapé. O doutor recusou-se ao convite, allegando ter muito medo de piranhas... No emtanto, os dois, sem cerimonia, esquecidos de todas as conveniencias, despiram as fatiôtas e, desnudados, como dois faunos, exhibindo uma plastica opulenta e firme de marmore antigo, atiraram-se á agua, que se abriu, recebendo-os e fechando-se, ficando apenas de bubuia as cabeças dos banhistas, fluctuando como bóias. E começaram a nadar de bruço, de barriga para o ar, brincando jujú, dando saltos mortaes, rindo-se estridentemente e apostando quem mais tempo demorava no fundo, quem tinha mais folego. E' um bom nadador o Eustachio! Um peixe dentro d'agua: saltava para traz, para deante, ficava sobre as mãos, de cabeça para baixo, dizendo adeus com os pés e exhibindo á nossa vista uma feia região carnuda e bi-partida... O cosinheiro, cantando chulas e lundus, atiçava o fogo crepitante da improvisada cosinha. Ouvia-se o ruido caracteristico da fervura das comidas, cujo cheiro nos chegava as narinas, estimulando-nos o appetite. Realmente, a comida, nessas occasiões, tem um aroma especifico, capaz de abrir a fome ao maior dos dyspepticos. Instantes depois, um creado veio anunciar o almoço. O Eustachio e o Ildefonso, vestidos já se vê, tomaram mais uma *lambada* de whisky, para espertar a mãe do corpo. Eu destaquei

dois homens, com o fim de rondarem as immediações do nosso bivaque, com receio de que nos surpreendesse o companheiro da onça fallecida.

Sua Magestade descansou um pouco, coçou com força o toutiço e, arrotando, continuou a contar-me, tim-tim por tim-tim, os episodios da memoravel caçada.

— A meza era duas taboas de pinho, estendidas sobre forquilhas de arvores, fincadas no chão. Em pratos esmaltados, sobre alvissima toalha de algodão com franja de côr, via-se um almoço, realmente cuidado e de appetite. E tratamos, então, de comer e de beber á larga. O vinho era da Casa Carvalhaes, com certeza digno rival dos mais fins vinhos francezes. O repasto decorria expansivo, cortado de anedotas facetas e observações picarescas. As physionomias espelhavam o jubilo, que enchia a alma dos commensaes. Todos comiam de uma fórma devoradora, destacando-se o Ildefonso, verdadeiro sorvedouro. « Venha de lá essa gallinha assada, Eustachio » — dizia elle. « Que? Você vae comer a gallinha antes do peixe? » « Então! No bandulho não ha logares marcados; quer chegue a gallinha primeiro, quer o peixe, confundem-se como bons amigos. » E o Ildefonso encheu o prato e devorou-o, em meia duzia de garfadas. Depois, avançou no fiambre, nas costelle-tas panadas, na vitella, na carne de porco, nos bolinhos de bacalhão, no camarão, nas ervilhas, no perú! Finalmente, chegou o veado assado. « Excellentes fal-las! «E' o meu prato predilecto» berrou elle. E, armado de um trinchante, apoderou-se da metade do bicho e gritou para o visinhe: « Doutor, tenha a bondade de passar aquelle pão de meia pataca e a manteigueira! » A' sobremesa, o Eustachio tornou-se locaz. Falou... falou... A sua facundia terminou pela reci-

tação de versos de Musset e de Petrarca. Começaram, então, os brindes, na ocasião em que espumava nas taças o Champagne. Quem primeiro pediu a palavra foi o Ildêfonso. Numa fala pathetica, vermelho como um rabanete, censurou a Republica, «cheia de hypocrisias,» elogiando a minha dynastia e terminando com estas palavras: «Senhores, o meu passado responde pelo meu futuro... Saberei cumprir com o meu dever!» E, ao sentarse, suado e commovido, disse ao doutor: «Que tal? Falei bem? Passe-me aquelle prato de cangica.» Em seguida, levantou-se o Eustachio. Soltou o verbo inspirado, elogiando o Champagne, «essa preciosa bebida que é a alma do festim, o remate requintado do gozo, o companheiro do amor. Vinho alambreado que parece cantar nas taças um dithyrambo de ouro, vinho impaciente que ferve e espuma, vinho que tem as coleras do oceano—ambrosia de nova éra, vinho novo e intelligente, vinho que tem alma». E, por espaço de vinte minutos, declamou e gesticulou, a ponto de partir uma compoteira, dois côpos e o vidro de pimentas. Gostei muito desse brinde. Nunca pensei que um homem, já um tanto avançado na idade, tivesse tanta imaginação! Depois, ergueu-se o doutor e, austero, severo, braço esticado no ardor do improviso, discursou eloquentemente sobre hydrotherapia, terminando a sua oração, cheia de phrases latinas, por entre uma prolongada salva de palmas. Eu, por fim, empunhando a taça e fazendo das tripas coração, ia agradecer os brindes, com a vóz embargada pela commoção, quando o Ildêfonso, dando um pavoroso sôcco sobre a meza, gritou: «Olha uma cobra, pessoal!»

Risadinhas alegres e discretas das damas de honor interromperam El-Rei neste ponto da sua nar-

ração cynegetica. Com um aspecto risonho, e bonachão, Sua Magestade continuou a dar de lingua:

— Os commensaes, num apice, enquanto o diabo esfrega um olho, abandonaram atarantadamente a meza do almoço, derrubando moringas e cuias de farinha. O Ildefonso, como um bonéco de móla, deu um pulo e foi cahir atracado com o doutor, rolando ambos sobre um ninho de tucandeiras. Desprendendo um grito medonho, o Eustachio cahiu desmaiado nos meus braços. Eu não sabia que expediente tomar. Vi as cousas pretas, palavra! Efectivamente, no galho duma arvore que nos ensombra, uma cobra, de cabeça erguida, bôcca escancarada, lingua tremula de colera, e toda asanhada, se apromptava traiçoeiramente, para dar o bóte. Atarantado, encostei o Eustachio num tronco de cutitiribá, empunhei a minha arma pelo cano, segura com as duas mãos, como uma clava, e vibrei tal pancada que o ophydio se estendeu no solo, estrebuchando numa convulsão derradeira. Era uma surucucú, de cêrca de dèz metros de comprimento, e descommunal grossura.

— Terrivel cobra, Magestade, e das mais venenosas!

— Tratamos, então, de soccorrer o Eustachio. Levamol-o, em andas, para a margem do igarapé e fizemol-o sentar numa raiz de sapupema. O doutor tomou-lhe o pulso, observou-lhe a lingua, os olhos e a salivação, assoprou-lhe os ouvidos, bateu-lhe umas pancadinhas na bôcca do estomago, com o nó dos dedos, e resmungou: « Hum! »—E applicou-lhe umas esfregadélas com o lenço molhado em agua fria sobre o rosto e deu-lhe ether a cheirar. A vertigem foi demorada. Passados dois quartos d'hora, pôz-se o poeta a arregalar os olhos, a espumar grosso, so-

luçando palavras em lingua tupy: « Itá camuti pupé meiassucana pintaguê puranga ité. » Reanimando-se, por fim, olhou attentamente todos os objectos que o cercavam, e lamurioso, a suspirar, começou a falar nos caprichos do seu « imperdoavel temperamento, » dizendo que « desde a puberdade, quando travára conhecimento muito intimo com as Musas, tangendo a sua lyra, era attreito a ataques nervosos. » Serenado tudo, lembrei, então, que era tarde e conveniente voltarmos para casa. Reanimei o poeta, dizendo-lhe: « Vamos, confrade, o ar puro, que respirar, dar-lhe-á a precisa fortaleza. » Empardecia o céo, quando emprehendemos a marcha de regresso. Em caminho, um bando de qui-quiós se levantou d'entre os arbustos, onde se occultára. O doutor, para não deixar de dar um tiro, conforme declarára, detonou a sua espingarda e a alguma distancia fôram cahir sete daquelles passarinhos. Ao dobrarmos a curva da estrada da Conceição, o Ildelonso matou um irapurú, dizendo-me que o mandaria *temperar*, porque aquella avesita tem muitas virtudes e é um talisman precioso para o dinheiro. E contou-me a lenda desse passaro, que é a alma de uma india formosa, filha dum pagé, e que morreu de amor por um portuguez da Ilha da Madeira, cantando actualmente os *desastres* do seu idyllio, no silencio evocativo da floresta, onde a tal india deu á luz tres gemeos, que fôram comidos pelo curupira. . . Assegurou-me ainda o Ildelonso que nunca ninguem viu o ninho do irapurú e que nunca pessoa alguma conseguiu apanhal-o vivo e aprisional-o em gaióla. Se é mentira, vae para o sacco. . .

— Lendas populares, Magestade.

— Finalmente, era noite fechada, quando a nossa caravana aqui chegou. Vinhamos molhados

até os ossos. Apanhamos um grosso aguaceiro, acompanhado de coriscos e relampagos furibundos, que illuminavam os horizontes escuros... E, assim, terminou a nossa memorável sortida venatoria. Que dia tão fertil em aventuras engraçadas, não achas?

— Engraçadissimas, Magestade.

El-Rei calou-se, coçou, com phrenesi, o nó da guéla:

— Como vês, a minha vidóca no Pará tem sido divertida. Estou, como se costuma dizer, nas minhas sete quintas. Refugiei-me nesta socegada vivenda, longe da cidade, sem visinhos lateraes e arredado das estimaveis relações das pessôas finas. Que confortavel moradia! Creio que a sua construcção data do pombalino Marquez e é muito mais moderna do que a da chacara do meu visinho fronteiro, o professor Camillo Henriques Salgado.

— E quem é o dono desta esplendida vivenda, Magestade?

— O commandante Francisco Cavalcante de Albuquerque Torres. Tencionava até compral-a, mas elle pede cento e vinte contos, allegando que só os terrenos a ella pertencentes, divididos em lótes, dão mais de oitenta contos e que a União Sportiva projecta edificar, no terreno das trazeiras, um velodromo modelo para « foot-ball, » « waterpolo, » lucta romana e briga de gallos, do qual é concessionario o *sportman* e critico musical Ulysses Reymar e presidente o teu confrade Clovis Barata. F. Sua Magestade, depois de arrotar fortemente, disse com lentidão, batendo-me uma palmadinha amiga na côxa:

— Bem! Cessa tudo quanto a antiga musa canta... Tratemos agora de ti. Pódes formular os quesitos da tua entrevista. Prometto não te interromper e só abrir bico nas occasiões opportunas.

Endireitando as joelheiras das calças, remexi-me na poltrona e insisti, presto, com um risinho adocicado:

— Ha pouco, quando me referi ao meu jornal, disse a Vossa Magestade que eu queria, para o primeiro numero...

— ... apontamentos sobre a antiguidade da minha linhagem? E' um estudo de muito trabalho, caboclo. As raizes da minha estirpe mergulham fundo no pélago da historia. Se queres, eu te posso traçar a minha ascendencia até dois mil annos, com irrefragaveis documentos prehistoricos, obtidos pacientemente nos archivos de Syracusa, Babylonia e Egypto, pelo meu illustre amigo dr. Paes Barreto.

— Isso vem no *Larousse*, Magestade — interrompi, alardeando os meus profundissimos conhecimentos jornalisticos. — Eu queria, antes de tudo, ouvir a vossa sensata e auctorisada opinião sobre o proximo Carnaval.

— Está tudo avaccalhado! — commentou El-Rei.

— Com licença! — protestaram, em côro, as damas de honor, num murmúrio de risinhos suffocados.

— Silencio! — ordenou Sua Magestade, dando tres upas furiosos no divan — Já d'aqui p'ra lóra, suas lambisgoias! — E, num gesto d'arrelia, o braço estendido, com o indicador terrivelmente espetado, onde luzia um anelão de brilhante, indicou-lhes a sahida, proferindo por duas vezes, de sobrolhos carregados, as bochechas apipadas de raiva, o rebarbativo e porquissimo substantivo de Cambronne...

A's zumbaias, aos recúos, dando-se mutuos encontrões, para não voltarem as costas a Sua Magestade, as damas de honor sahiram, duas a duas, do aposento régio, com tregeitos lassos de corpo e der-

rengues de quadris. Uma dellas, ananicada, de boquinha gorda e cabellos avermelhados, sardenta, cheia de carnes e com um buço de menino de quinze annos, botou-me a lingua de fóra. Eu tambem, por gentileza, botei-lhe a lingua de fóra e, aproveitando uma distracção d'El-Rei que examinava, resmungando, um callo duro no dedo grande do pé direito, apertei furtivamente a ponta dos deditos da Borboleta, que foi a ultima a sahir, toda pudica, baixando os seus pestanudos e seismarentos olhos de saphyra humida, com ar de monja virgem, a quem o tinhoso aticou um pensamento máo no claustro. . .





O rapé em scena

Pitada cerimoniosa—Espirro formidavel—O elogio do cigarro—Presumpção e agua benta...—Contemplando a paisagem—Um trocadilho—A crise—Os autophagistas—*Tarrafeadores* de nickeis—A Urucubaca—O amuleto d'El-Rei—Uma caveirinha—O bicho—A hora caracteristica de Belém—O inventor do bicho—O *leader* dos banqueiros—O Carnaval—A época dos calótes—As mulheres—Recordações do passado—Sua Magestade tem saudades do entrudo antigo—Um passo da civilisação—De redea solta...—Modos de pensar—Uma scena de amor—A dentada do macaco—O da guarda!

Com toda fleugma, El-Rei tirou de uma das fundas algibeiras do pyjama uma caixa de rapé, trabalhada artisticamente em lacca. Deu-lhe pancadinhas discretas nos lados e na tampa, cuja pintura colorida representava um satyro, viril e tenaz, perseguindo uma nympha por entre renques de choupos. Abriu-a devagarinho e, chegando-m'a com o braço estendido, quasi ao pé dos olhos, offereceu-me, risosinho:

- Uma pitadinha?
- Obrigado, Magestade, não tomo.
- E' de pimenta do reino. O Paulo Cordeiro é um rapé fraco, não me satisfaz.—E, pegando com

a ponta dos dedos um pouco do pósinho escuro, chupou a pitada pelas largas fôssas nazaes, gretadas de nicotina, por onde enterrou as grossas cabeças dos furabolos cabelludos. Depois, tirou do outro bolso um vastissimo lenço d'Alcobaça, de vistoso encarnado, com ramagens amaréllas. Pegou-o pelas pontas e com elle fez uma verdadeira iricção no nariz, fechando os olhos. E, pelo bôjo do aposento régio estrondeou o formidavel ruido de um espirro formidavel—atschim!—que foi correspondido pelo grugruler dos perús, no quintal:

— Puxa! que é forte!

Perdi a cerimonia: esparramei-me na poltrona, espichando as pernas, em cujas tibias sentia concentrar-se medonhas doses de acido urico. Estalejei um phosphoro e accendi um dos delicadissimos cigarros orientaes, que o Lopes de Brito me remettera directamente, quando da sua peregrinação pela Terra Santa. Baforei farto e, litando o fumo azulado que, numa columna tenue, se espiralava pelo ar, exclamei, com os pollegares enfiados nos bolsos superiores do collete:

— Fumar! Que delicia! Todo o homem que não fuma é um homem incompleto. O cigarro vê-se em toda a parte. E' o complemento indispensavel a toda a vida elegante e desoccupada. O cigarro substitue hoje os romances e a leitura dos alexandrinos. Que estudo interessante se não faria sobre a origem do cigarro, observando as transformações por que passou, atravez dos seculos, e a acceitação que tem tido, para passar dos labios dos fumistas communs aos labios rosados dos moços *dandys* e mesmo de algumas mulheres! Era ou não era um estudo interessante, Magestade?

— Estudo muito mais interessante forneceria o

rapé—replicou El-Rei, com o lenço aberto, suspenso debaixo do queixo, esconchando o beijo superior, para aparar o pingo que lhe cahia do nariz, como o gottejar de um filtro.—O rapé é mais nobre e tem nos habitos da sociedade uma funcção altamente respeitavel. Quero mesmo crêr que o rapé participa um pouco da qualidade da fidalguia de quem o toma. O rapé impõe respeito e lembra conselhos. Quem toma rapé é ponderado e venerando. Cá na minha, penso que o gozo unico do fumador consiste em vêr a fumaça do cigarro ou do charuto desprender-se-lhe dos cantos da bôcca e olhar o fumo ennovelar-se e subir rapidamente, como se quizesse bradar aos ceos —opinou Sua Magestade, escorvando os dedos para uma nova pitada.

— E então? Não ha palavras que possam descrever o encanto, os sonhos, os extases, experimentados por quem fuma, ao contemplar a fumaça do cigarro ou do charuto. Um dos mais doces prazeres do fumador é estar deitado, de papo para o ar, numa larga e commoda rede, com a barriga impada de comida, em camisa de dormir, envolvendo o globo da lampada ou a branca e tenue claridade da véla com a fumaça de um cigarro ou de um charuto e deixar os pensamentos se elevarem, incertos e vaporesos, como a nuvem que o envolve. O fumar adormece a dôr, faz esquecer as horas amarguradas, pôvôa-nos a solidão de mil imagens graciosas, diverte-nos de cuidados, descança-nos o espirito, como que nos allivia o peso da vida. O cigarro é o confidente das nossas agonias, o companheiro fiel que nos segue por toda a parte, na sociedade, nas viagens, nos passeios, nos banquetes, nos cafés, nas cidades e nos campos. O cigarro é o iman da juventude, a distraecção do homem maduro, o recreio da velhice,

o companheiro do estudante, o desafogo do soldado, a necessidade do marujo. A solidão sem um cigarro é insupportavel.

— Hum!— resmungou El-Rei, com a pitada engatilhada ao nariz— Confesso que não conheço importação mais perigosa do que a do cigarro. Fumar é um vicio execrando para os moços, principalmente em presença dos mais velhos. O cigarro é odioso, é a perdição dos filhos-familia, e a immoralidade das casas de jogo e do vicio fica longe da do cigarro perverso. Quem fuma é melancolico, indolente, pensativo, inutil. O fumo prejudica mais do que a leitura dos livros eroticos e predispõe para a imbecilidade gerações inteiras.

— Vossa Magestade tambem maneja o paradoxo?

— Perdão, não é paradoxo, é a verdade. Reflecte maduramente e me dirás depois se o fumo não é um perigo latente para as almas fracas e impressionaveis, mormente para as creanças. Haverá maior escandalo do que se nos deparar uma creança de cigarro na bôcca? E, assoando-se, com pompa, Sua Magestade ajuntou, grave e sêcco:

— O fumo embrutece e faz com que o espirito do fumador fique deserto e arido como uma região devastada por uma praga de gafanhotos. O rapé, não. O rapé aclara as idéas e apura o olfacto. A prova é que os velhos tomadores veem longe e largo. O rapé, no meu reino, tem um verdadeiro dominio. Na Carta Constitucional, ha até uma lei expressa que obriga os ministros e os deputados ás Côrtes tomar rapé, sob pena de lhes serem vedado o accesso no paço. Eu não desdenho a minha pitadazinha nem nos momentos solemnes da exhortação do Throno e

no acto inaugural de cada nova sessão legislativa do Parlamento.

Como não quizesse, nem por sombras, contrariar Sua Magestade, não o repliquei, pondo assim ponto final no bate-bôcca. Fiquei, porém, de trombas, sacudi a cinza do cigarro com o dedo minimo e, engrolando um grosso pigarro, limitei-me a dizer:

— Presumpção e agua benta...

— ... cada qual toma a que quer... — completou El-Rei o proloquio, sorvendo a sua pitada com um prolongado ah! de satisfação e exclamando pirracentamente:

— Tomar rapé! Que delicia!

Por algum tempo permanecemos mudos, como peixes debaixo d'agua. Sugando o cigarro, enfiei a vista por uma das janellas e contemplei a paisagem envôlta numa poeira jalde de ouro, lembrando um pedaço de lithographia a côres, esfumada a grandes traços. A' margem do rio Guajará, em cuja agua serena e luminosa se via a alvura de uma vela, que fazia singrar uma pequena canôa, lavadeiras, cantando, estendiam roupa em cordas, retezadas em varas. Um cão latia ao longe. Japiiins cantavam numa embaubeira. Nas arvores do jardim cigarras chirriavam zinidamente e um bérro de locomotiva atroava os ares. Furiosamente, o papagaio cantava a popular modinha *Vem cá, mulata!* O macaco de Sua Magestade, despertado da sua somnéca, saracoteava pelo aposento, apanhando, com a mão em concha, as moscas que pousavam nos moveis e no soalho, trincando-as gulosamente. Fóra, na estrada, vindos da Usina de Cremação, rumo da travessa São Matheus, passavam carroções da limpeza publica, rangendo pesadamente, aos solavancos, e tilitando com fragor as campanhias. Um relógio, no

interior da vivenda, bateu cinco horas, com um som abafado e rouco. Subitamente, virei-me para El-Rei e, talhando a mudez, perguntei-lhe, ex-abrupto:

— Mas, afinal, Magestade, e o Carnaval?

— Ah! é que a porca torce o rabo!— respondeu-me El-Rei, dando um ronco dentro do lenço.— Nada posso adiantar sobre o Carnaval. Absolutamente nada! Bem reconheço que os meus dilectos e amados subditos têm vontade de me prestar o seu fervoroso e immenso culto, festejando, com pompa e entusiasmo, a quadra mais gloriosa da historia do meu reino. O entusiasmo delles, porem, desfallece e morre perante a crise, a falta de dinheiro. Póde-se, sem dinheiro, fazer um Carnaval de arromba? Responde, com todas as letras do alphabeto, póde-se?

— Está claro que não.

— Não está claro tal; para mim está tudo escuro!— trocadilhou El-Rei.

Tirei da carteira um novo cigarro que accendi no outro, quasi a terminar. Joguei este sobre a escaradeira e, como não acertasse, agachei-me, apanhei a ponta que atirei pela janella proxima e, de novo, voltando á minha commoda posição, rosnei:

— A crise é dura, é!

— Se a crise é mesmo dura, — recalcitou El-Rei — o melhor meio de conciliar a situação com o proverbio popular é rir com um olho e chorar com o outro...

— A situação mundial é melindrosa, Magestade, mormente nesta nossa muito amada terra da borracha que nunca mais esticou, encolhendo de uma vez, como cabeça de mussuan cozido... Nem dez « fundings » terão o poder de fazer as cousas entrarem nos seus eixos desazeitados. Abre-se, sob os nossos pés, uma

voragem medonha, capaz de nos engulir todos com couro e cabelo. Os tempos andam enfarruscados... O dinheiro está caro! Muita gente, de gravata lavada, piróca o joelho e súa as estopinhas na *angariação* dos arames necessários para a paparóca. Já se come pouco em Belém. Uma *Uicoria* de mil demônios rói devastadoramente as profundas e baixas cavidades de milhares de estomagos. Apesar disso, Magestade, pela Conselheiro João Alfredo, a nossa rua aristocratica, não desfazendo nas outras vias, enxameiam, como cupim em tempo de chuva, os sátrapas da elegancia—todos lirós, aprumando a linha austera e fidalga, de olhar sobranceiro e fronte altiva! Se os virassem, porém, de pernas pr'o ar e os sacudissem bem sacudidos, como se sacóde um *cocktail*, nem sequer lhes cahiria das algibeiras uma moedinha de cem réis, da Republica... Por arte de berliques e berloques, esses salta-pocinhas da moda sabem contrapôr a cara mais risonha e prazenteira ao maior vacuo da barriga, affrontando, impavidos, o rojão das eventualidades... Parece actuados pelo phenomeno da *autophagia* que outra cousa não é, como pittorescamente disse o insigne humorista Alfredo de Mesquita, senão pôr-se o sujeito a mastigar-se a si mesmo e a palitar-se em imaginação!... Como reverso da medalha, temos os *tarrafeadores* de nickeis. São creaturas de estimação, que conheceram os lados agradaveis de vida, que tomaram um fartóte de cousinhas boas, e que hoje, por um bamburrio da sorte, andam á piranga, isto é, a pão e a laranja, ainda mesino estando o pão caro como está e... roubado no peso. Com um olho no padre e outro na missa, enchem elles as calçadas das ruas, perambulando, macambuzios, no passo do jocotó, atravancando os botequins á espera da occasião propicia de *tarrapear* os nickeis dos amigos,

quando os amigos, por acaso, andam fornecidos de nickeis... Que perigo social, esses mécos! E' conveniente fugir-se delles, como o diabo da cruz, e calafetar os ouvidos com algodão ou cera, para não escutar o que elles dizem... A prudencia é mãe da segurança, diz o adagio. A' preciosa existencia dessas creaturas, dignas de melhor sorte, agarrou-se, como carrapato ao lombo de boi, a malandra, a vil, a impenitente, a arrelienta urucubaca!

— Uru... que?! — inqueriu El-Rei, muito serio, pisca-piscando os olhitos esbugalhados e abrindo a enorme bôcca, cujos dentes acavallados tinham uma crusta de carie.

— Uru... cu... ba... ca! E' uma palavra que está destinada a ter a celebridade da phrase historica de dom Pedro I. A palavra *urucubaca* é mencionada no dictionario de Candido de Figueiredo com o sentido de azar, caiporismo, macacôa e de outras multiplas e variadas encarnações da — ausencia de sorte... E' a palavra da moda, Magestade, pegou de galho, como se costuma dizer. Nasceu e cresceu da noite para o dia, como um cogumello. Ouve-se por toda a parte, a todos os propositos e mesmo sem proposito nenhum. E' assim como que um grito de entusiasmo, uma manifestação vibrante de patriotismo!...

Sua Magestade assoou-se estrepitosamente, estendeu o lenço tabaqueiro nos joelhos, desabotoou a gôla do pyjama e mostrou-me, pendentos do gógó, num trancelim de ouro, uma figa de páo de Angola, um pedaço de couro de tamanduahy, uma folha de mucura-ca-á, amarrada a um espinho de cuandú, um olho sêcco de bôto, um caroço de tucuman brocado, contendo complicada oração de São Cypriano, uma

mão de paca, um vergalho de jacaré e uma conta de prata, com azougue dentro. — Estás vendo ?

— Estou, Magestade.

— E' um amuleto contra os mãos espiritos e a... urucubaca. Nem imaginas. Seu uma caixa d'azar!

— Por que Vossa Magestade não usa antes uma caveirinha de móvito, como a do dr. Tito Franco, esculpida num osso de carneiro preto ?

— Peior a emenda do que o soneto. Já a usei. Fiquei ainda mais urucubacado, sahindo-me tudo ao contrario dos meus desejos. Nunca mais acertei no bicho. Falharam-me todos os sonhos e os palpites das pupillas. O cobre, que eu pude raspar do fundo da entysicada burra da Casa da Moeda do meu reino, creou azas e vôou, tal e qual aquella barata que um individuo viu na casaca do vôvô... E, com um suspiro agudo, atufalhando as ventas de rapé:

— O jogo! Eu sempre tive o meu fatacaz pelo jogo! Em Estoril, cheguei a perder, certa noite, uma fortuna superior á de Simões Coelho. No meu reino o jogo é franco. Jogam-se todos os jogos de cartas, dados, inclusivè o loto, a roleta, o pipo, o xisplandim, o trinta e um de bôcca, a capoeira, o jogo do pão, a pétéca, o pincho, o triplice, o rapa e outros jogos de *rapar* com geito o dinheiro do proximo... Mas hei de implantar, com as mais francas regalias, com o bafejo social, legalisando-os devidamente, por um decreto real, o jaburú e o bicho.

— Sobretudo o bicho, Magestade. Será uma *bella e util* instituição, que honrará sobremodo o vosso governo! — ajuntei com o entusiasmo dum aliadophilo, quando fala da guerra. — O bicho é o progresso duma cidade civilisada! Vossa Magestade já transitou, das tres ás quatro horas da tarde, pela

Conselheiro João Alfredo ou pela travessa São Mathheus, entre a Sete de Setembro e aquella rua? E' a hora caracteristica de Belém. O touriste, ávido de emoções e aspectos novos, ao passar por aquelles trechos da nossa cidade e, nesse espaço de tempo, ficará admirado de vêr uma bufadora massa de gente, suada e quente, alli agglomerada, monologando em vóz baixa, fazendo calculos, absorvida em raciocinios complicados, e exclamará com os seus botões: Que é isto? Transacções bancarias? Que terra! Que commercio! No emtanto, mal suspeita o despreoccupado e endinheirado viajante que aquelle pessoal—muitos com a barriga a dar horas—está á espera do dinheiro, que, incértamente, por um rodar caprichoso duma esphera de loteria, o bicho lhe poderá proporcionar. O certo é, porém, que essa hora é uma das horas anormaes da nossa vida. Naquelles sessenta minutos, ha como que uma interrogação em toda a intensidade da vida diaria de Belém. Tudo pára nesse momento quasi tragico, ou se não pára, pelo menos detém sua marcha regular e espera o bicho, o grande dominador da emoção paraense. E' o momento em que a grande maioria da nossa população se deixa embalar na suavidade consoladora da Esperança. Terei ganho? Terei perdido? Nas secretarias do Estado, nas repartições publicas, estaduais e federaes, nos estabelecimentos de instrucção, no interior das casas familiares, nas sachristias, nos quartéis, a bordo dos vapores e das canôas, nos xadrezes policiaes, nos lupanares, nos carcerees de São José, nos hospitaes, no Asylo de Alienados, nas redacções dos jornaes, nos bonds, nas ruas e nas praças, á luz do sol, ás barbas da policia, só se ouve esta afflictiva interrogação: Que bicho deu? o milho? a centena? Quantas esperanças! Quantos

corações aos pulos! Quantos grandiosos planos, alimentados pela poule — esse pedacito de papel, garantido a lapis, todo picado de carimbos, e que pôde ter gordas pelegas! E logo, meia hora depois, quantos desenganos, quantos castellos desfeitos! Uma illusão a mais e uns nickeis a menos. E' assim a vida, esta vida que afinal não é mais do que um jogo do bicho com pouquissimas centenas premiadas... A hora do bicho é solemne e tragica, Magestade. E' hoje uma das horas mais profundas do dia paraense e faz parte integrante dos nossos costumes, do nosso progresso e da nossa civilisação...

— Quem inventou o jogo do bicho, caboclo?

— O Barão de Drumont, no Rio de Janeiro. Teve no inicio, ao que dizem escriptores de mais renome entre elles Paulo de Tarso, pelo *Correio de Belém*, nas suas magnificas *Epistolas a Sergio*, um fim recreativo e, ao mesmo tempo, protector dos animaes. «O jardim zoologico estava sempre ás moscas, diz aquelle magnifico escriptor patricio. A bicharia, por falta de verba, delinhava, sem sustento: vae, então, o titular, que era director do estabelecimento, matuta uma noite inteira e descobre, afinal, não a polvora, mas o jogo. Assim, chamaria freguezia para instruir-se na sciencia zoologica e arranjava dinheiro, para dar de comer aos pobres irracionaes. As gazetas annunciaram, como aqui fizeram com as milagrosas aguas ferro-sulfureas do Utinga, e para logo uma romaria se dirigiu para aquella até então inhospeta paragem. Pela manhã, o barão engaiolava em certo ponto o bicho que ia dar, ou a effigie do cujo, não sei bem. A multidão vinha, instruia-se comprava *poules* e aguardava. A's tantas horas, o barão abria a gaiola e apparecia o desejado animal... Era o delirio! Os bichos engordavam. Por seu lado,

engordava também o barão: a sua bolsa recheiada começou a produzir invejosos, que deram de clamar contra a exploração. Drumont, coagido, abandonou a industria, mas a boa semente fôra lançada em humoso terreno, e germinou intensamente. Os 25 bichos fôram adaptados ás terminações da loteria, assim podendo correr mundo, amparados pela sua illustre irmã mais velha.»

— O bicho tem agora um imposto, não é verdade?

— E! Obrou, com muito juizo, a Intendencia, creando esse imposto, aliás não oneroso, para cada Banco Commercial do Bicho, ou *book-maker*, como está graphado, com precisão, na lei do orçamento. Assim com' assim, foi uma idéa ultra-luminosa, espremida da esclarecida cachóla dos conspicuos páredros municipaes. O jogo do bicho, Magestade, foi tenazmente perseguido nesta heroica cidade. Os bicheiros andavam muito por baixo, não pisavam em ramo verde. A policia dava com páo e com pedra em cima dos respeitaveis cidadãos bicheiros, que era uma dôr de coração e uma grossa patifaria... Viam-se em palpos de aranha, com os subprefeitos e agentes que, diziam aleivosamente as más linguas do mundo, estabeleciam para elles a regra de jogarem só no bicho que dava... e um rôr de cousas pretas... e nada, noves fôra, nada, quem matou o cão foi o Baeta!... Francamente, não sei por que era que a policia perseguia o bicho, um jogo tão *innocente*! Para que e com que fim? Pois a gente não tem o direito de gastar o dinheiro que é seu como e onde quizer?

— Perfeitamente.

— A prohibição do jogo era um attentado á liberdade individual! uma violencia feita á indepen-

dencia da vontade e suzerania populares! uma infracção dos preceitos constitucionaes! Decididamente, a policia não sabia o que fazia, entrava como Pilatos no Credo, quando varejava as casas dos honrados bicheiros que, em troca de uma nota de cincoenta, dão á gente duas notas de quinhentos e uma de duzentos!... Infelizmente, nos tempos de hoje, a cousa mudou de figura. Os bicheiros estão a salvo dessas violencias, sob os olhares paternaes da policia. O imposto os garante, tornando-os até *commerciantes* matriculados... Agora é que se vê o bom e o bonito. A inauguração dum *book-maker* constitue a nota de espavento no ramerrão da vida cidadina de Belém. Ornamenta-se o estabelecimento com balões á veneziana, dependurados das guirlandas de flôres. Papócam foguetes do ar, estruge a musica de pancadaria, ha comes e bebes para os convidados e os representantes da imprensa, e o dono do « banco » é copiosamente felicitado por meio de cartas, bilhetes e telegrammas. Lá, fica, desde então, na parede da sala bancaria, como uma mascote, o recibo do imposto, num rico quadro, á vista do publico, entre grandes taboletas explicando, em letras garrafaes, as condições de pagamento do jogo e o modo como se deve jogar o *Combinado*, o *Norte* e o *Salteado*, novos jogos, variantes do do bicho, inventados pela fecunda e ardorosa imaginação dos jogadores.

— O bicho é um jogo serio, pois não é?—perguntou El-Rei, assoando-se.

— O que ha de mais serio debaixo do céu, Magestade. E razoavel. Pouco resultado dá aos pobres banqueiros...

— Por que?

— Ora, porque. Os jogadores do Pará são bichos béleches no bicho; *acertam* na certa. Pa-

rece que adivinham as centenas. E pá, tiro e queda! Quem me contou isto foi o *leader* dos banqueiros, o Alfredo Grandi, excellente homem. leal e sincero, de physionomia aberta, de alma debruçada dos olhos e da bôcca. E é uma verdade. Ha jogadores que possuem maravilhosas tabellas de calculos. fructos de paciente estudo, feitos no calmo e doce remanço do lar, onde quasi sempre escassêam, as cousas principaes á perfeita subsistencia da vida, emquanto as mulheres, por *economia*, cozinham o tutú de feijão, ou o jabá rançoso, indo depois, pespontar, á luz do candieiro de kerosene, os casabeques já um tanto usados, serzir meias e pregar novos fundilhos ás calças dos maridos. Agora, a minha opinião, como a de muitos bachareis e doutores que hoje são ornamentos cathedraticos, desembargadores incorruptiveis, é que o bicho é a maior doença moral de Belém, a maior miseria de que não ha exemplo na Amazonia e um dos factores mais importantes para a dissolução dos costumes.

— Ora essa! Também manejas o paradoxo?

— Não é paradoxo, Magestade, é a verdade. Ninguem em Belém quasi trabalha. O jogo é tudo. O lucro, que ás vezes dá, gera desmarcadas ambições em quem nem por sombras póde tel-as; os prejuizos, que depois sobrevêm, hão de levar certamente os jogadores, mais dias, menos dias, ás grades de São José, ou a uma das mezas de marmore do necroterio, com o craneo partido por uma bala ou com a carotida cortada a navalha. E' dissoluto o jogo—exclamei, com energia, jogando fóra o cigarro que se apagára.

— Não acho.

— Como não, Magestade? Se um empregado

publico, ganhando pouco, e recebendo com tres e quatro mezes de atrazo, gasta a rodo, ninguem lhe pergunta aonde arranjou dinheiro:—foi o bicho. Empregados do commercio, de magro ordenado, frequentam clubs, gastam às mãos cheias com mulheres e automoveis. Porque? São jogadores callejados. Quando o patrão abre o olho e acha o biguâne desfalque, já Ignez é morta... Pequenos proprietarios vendem a unica casa que têm, as joias ou os moveis, para jogarem no bicho, na esperança de triplicarem o dinheiro, a fim de comprarem mais casas, joias de mais valor e moveis luxuosos e... lá se vae tudo quanto Martha liou... Não ha conforto nos lares, porque as familias gastam todo o dinheiro do mez, *amarrando* o «jacaré» e o «cachorro» e estes bicharôcos não dão nem a sarro de cachimbo... Creados furtam os patrões. Creanças furtam os paes. E' um pandemonium de furtos! As economias vôm, fenecem, acabam-se, como as estafadas rosas de Malherbe, num só dia... O caixeirito da taberna, alem da encommenda de dez tostões de carne sêcca, um tostão de vinagre, dois vintens de cominho e duzentos réis de batatas, ainda recebe a encommenda de dois mil e quinhentos no «macaco» ou de tres mil réis no «burro.» O alimento e o vicio!—a carne para *enganar* o estomago e o joguinho para satisfazer a alma... Mas, deixemos o bicho chupar avidamente o suor e a energia do povo, como um pedaço de esponja chupa uma gôtta d'agua, e falemos do Carnaval, o motivo exclusivo da minha entrevista com Vossa Magestade.

— Adeus, minhas encommendas. Outra vez o Carnaval á baila? Olha, o melhor que temos a fazer é atirarmos sobre o Carnaval a nossa pá de cal.

— Deixe o barco correr, Magestade. Não é a tão falada crise que ha de liquidar com duas palhetadas uma festa que vem atravessando os seculos e as edades, impavida, buliçosa, cheia de risos e alegrias, bizarra e fresca, pontuando de luminosidades alacres essa carcassa velha e gasta, refractaria e impenitente ás fadigas e ás canceiras, a que chamam alma! Vossa Magestade será recebido, em Belém, com o culto mais fervoroso, com o mais convicto dos enthusiasmos. Nenhuma outra festa, depois da festa de Nazareth, póde-se comparar ao Carnaval na cidade de Belém. E' a unica que faz vibrar a alma do povo e o desloca de suas casas para a Praça Republica, onde se concentram os festejos consagrados a Vossa Magestade. E' mister attender que só o poder de arrastar o povo ás ruas, retirando-o da morriinha, do tedio, da tóca de suas insalubres habitações já é cousa extraordinaria, porque não ha povo que mais se apégue á casa do que o paraense. Neste ponto, elle é singularmente parecido com o caramujo agarrado á casea. Nada de desanimo, Magestade. Havemos de ter, para honra e gloria do povo paraense, um domingo gordo de alto lá com elle, barulhento, animado, tumultuoso, ensurdecedor, electrizante, um domingo de Carnaval, emfim, com todos os *ff e rr.*

— Os anjos te ouçam, caboclo.

Accendi um cigarro, baforei fartamente uma fumaça e, quebrando a cinza, prosegui, de perna cruzada com um ar doutoral, brincando com o monoculo entre os dedos:

— Para o tempo ruidoso do Carnaval, Magestade, economisam-se todas as energias. Estamos no tempo em que não ha tempo para pensar em cousas serias. O Carnaval consola as dôres, as penas, os

soffrimentos, as angustias, as decepções de trezentos e sessenta e cinco dias no prazer de tres dias gordos e de tres noites ainda mais gordas... A gente esquece as nórmas austeras, desempena as physionomias, desenruga os vincos hostis do rosto e diverte-se á farta, *briga* até queimar o ultimo... *nickel*, embora viva a sentir durante o resto do anno o cheiro dos lança-perfumes e a catar *confetti* no fôrro do chapéo, na costura mais ignorada dos casacos, no interior das botas e até no fundo da consciencia... O certo é que a alegria carnavalesca espanta azucrinadoramente o microbio da casmurrice, sanifica a corrompida atmospherá moral e é salutar exemplo a muitas cavalgadas empavesadas que andam por este mundo, de orelhas bambas, querendo em tudo metter o bedelho com as suas moralidades balientas e rançosas... Ha de haver folgança a ufa, empanturramentos de folia, mofando-se da gravidade da vida e dando-lhe piparótes na caraça austera... Que a serie-dade vá plantar figos!

— E o dinheiro para essas folias? O dinheiro que é o « faz-tudo, » o « póde-tudo? »

— Arranja-se, Magestade. Pelo Carnaval ninguém quer saber de desgraças e nem de preocupação alguma desta vida! Desgraça pouca é bobagem! O que se quer é ir para a Praça Republica pandegar, jogar *confetti*, bisnagar o moçaima a torto e a direito, dar vivas até perder a vóz, rir como um perdido, gastar o ultimo tostão das economias ou da receita do bicho e contrahir dividas até á ultima migalha do credito. Os que não têm credito, que é actualmente uma cousa tão rarissima como a virtude, visitam as casas Cahen e Brazil, cujos proprietarios são tão *gentis* e *prestativos* com os seus freguezes...

— Falas como um livro aberto.

— E' isso, Magestade, sem tirar nem pôr. Depois das Cinzas, inicia-se, então, a epocha dos grandes e pequenos calótes. Verifica-se, afinal, que se gastou mais do que se devera gastar e, dado o balanço, só ha constipações e... contas a pagar. E, começa-se a dar tratos á bola, resolvendo-se, numa philosophia marralheira e fatalista, o meio engenhoso de arrear o *peso* na humanidade, isto é, nos credores. Debalde, o padeiro cobra a conta do pão e das rôscas, durante tres mezes. Tempo perdido será para o alfaiate receber uma conta de fatos de linho H. J. e vestidos *tailleur*. Prêga no deserto a lavadeira de cada vez que vae cobrar a importancia da ultima barrélla. Choram na cama, que é logar quente, o açougueiro, o taberneiro, o sapateiro, o homem do leite, mais aquelle que foi *mordido* em 200 bagarotes, e até o senhorio e o bicheiro que fiou o jogo, em ultima instancia, são obrigados a esperar, com promettimentos para *indemnisações* futuras... E, pigarreando:—O dinheiro arranja-se e havemos de ter um domingo gordo, de truz! Confie nos jornalistas, Magestade. Por minha parte, farei o que pudér e pedirei aos excellentes confrades Francklin Palmeira, Angyone Costa, Antenor Cavalcante e Raymundo Trindade, cavalheiros de escudo e cóta no jornalismo indigena, para açularem os animos dos amigos da folia, guiando-os na senda espinhosa da lucta pela alegria, pelo delirio, pelos perfumes e pela victoria desses dias de regabofe. Depois, basta-nos a delicia de vêr-se como as mulheres ficam adoraveis e appetitosas, sob a fuzilaria gélida dos lança-perfumes e da alluvião dos *confetti* e serpentinas.

— Ah! as mulheres! as mulheres! exclamou El-Rei, com os olhitos em alvo, remexendo-se sassa-

riqueiramente no divan. E com um suspiro, arrancado das enxundias do peito, aflautando a voz, todo melloso:

— Tocaste, sem querer, com o dedo na chaga, na minha fibra sensível, caboclo... Nem suspeitas o mal que me causaste...

— Mal porque, Magestade?

— Porque se me avivam as saudades melancolicas do passado, dos bellos tempos da minha mocidade, do entrudo antigo, do valente entrudo dos meus avós, a seringada, a pó, aos bérros, aos pulos, aos gritos e vivas, a muque, com gargalhadas largas, estridentes, vermelhas, gritos estridulantes, chalaças grossas, clarins estrugidores, ruídos brutos, batuques epilepticos, zabumbas, requechêques, tantans, cantigas estertoradas, tangos aphrodisiacos e acanalhados das fanfarras e dos prestitos, onde explodiam o esplendor e a victoria da carne, a luxuria tentadora dos *maillots*, ateando-nos no sangue o fogo da avidez e da lubricidade... As mulheres! E' a melhor obra do Creador que, duma *costella*, soube fabricar um tão bom bocado... As mulheres! Eu sou ainda tolinho por ellas... Para mim, não ha como as espanholas! — E apinhou os dedos na bôcca, para colher um beijo. — São de estaio! Calou-se, baixando a cabeça a fitar a caixa de rapé que tinha entre as mãos papudas, porque ha horas e situações, como diz mestre Alexandre Herculano, que obrigam o espirito a acolher-se dentro de si mesmo. E, soltando novo e demorado suspiro, recordou:

— E o saudoso Zé Pereira, atroando os ares com o seu incançavel zabumbar, alegre e forte? Punha uns formigueiros nas pernas da gente, remexendo-nos o corpo em desengonços e bamboleios e acendendo-nos no olhar a chamma rubra do prazer...

A gente se comprimia, se apertava, se machucava, de cara alegre, folgazão, rindo e brincando na melhor das harmonias innocentes, dando apertos lascivos, propositaes, e, por vezes, palmadas maliciosas, apal-padelas e beliscões *torcidos* nas mulheres e... *tal e coetera*. Percebeste o meu *tal e coetera*?

— Até de mais, Magestade.

— E o Carnaval contemporaneo?—proseguiu El-Rei, esbofeteando uma mutuca que lhe pousára na bochecha. — Não vale dez réis de mel coado! No meu tempo sahia-se de casa com capa impermeavel para os esguichos e os baldes d'agua, um bengalão para os barulhos e um chapéo velho para os cartuchos de farinha de trigo, pós de sapato ou vermelhão. A gente chegava em casa, satisfeito, molhado, empoadado, sem chapéo, com as roupas em frangalhos a tresandar de ovo chôco e agua mal cheirosa, a cabeça em pontos falsos e o braço numa tipoia. E hoje? Anda-se na rua, de sobrecasaca e cartóla, bengala e luvas brancas. E' um Carnaval de bons costumes, que sahe para as vias publicas, como quem entra numa sala, verdadeiro ensaio geral de um futuro entrudo que distribuirá premios á virtude e ao bom comportamento... E' um Carnaval sem sabor e, além de tudo, regulamentado pelos editaes da policia. Nem um disturbio, nem um sôcco, nem um callo pisado... Os editaes, civilisando o Carnaval, fôram como uma sangria que o esgottasse. O Carnaval gostava de brincar rijamente e, desde que lh'o prohibiram, emmudeceu como uma creança que quizesse saltar e a mandassem estar tranquillamente voltada para a parede. Amuou. O Carnaval era alguma cousa, em tempos idos. Uma cousa brutal, talvez, violenta mesmo, perturbadora da ordem se querem, mas era uma época anormal. Hoje, o

Carnaval perdeu a sua graça e belleza e deve ter o lemma que a quaresma usava antigamente: Pó, terra, cinza e nada. E, num rompante, entesando o busto:

— Ora bolas!

— E' mais um passo da civilisação, Magestade.

— Muito fatigada deve estar a civilisação que vive dando mais um passo de... carangueijo! Qual civilisação, qual carapuças!—E concluiu, num gesto largo de desolação:

— Um Carnaval que obedece ao ritual dos editaes da policia não é em nenhuma parte do mundo um Carnaval! Quando afivelamos no rosto uma mascara e enfiamos o corpo numa roupagem de disfarce, é para fazermos aquillo que não usamos fazer sem ellas; é para vencermos a nossa timidez, quando somos timidos ou para arrojarmos a excessos, para os quaes a nossa audacia não podia bastar. E esses excessos, conforme me asseverou o meu illustre amigo dr. Caldas Xexéo, tem em grande parte uma sancção no Codigo Penal. O Carnaval foi sempre um periodo de licença, durante o qual a tal *civilisação*, de que me falas, alargou um pouco o bridão das suas convenções, das suas leis e deu á besta humana o direito de se desencabrestar, de re-dea solta e folgada cilha...

Soprando uma baforada de fumo do cigarro, cortei pela raiz o verbo de Sua Magestade, retrucando estugadamente:

— São modos de pensar. O Carnaval de que Vossa Magestade tão ardorosamente fala é indecoroso, immundo, réles, tenha santa paciencia. Precisa-va mesmo de um freio.

— Qual freio! De freio precisam os burros, com licença da palavra.

Ergui-me, porque o sol, ainda quente, varejando o aposento régio, batia-me de chapa nas costas. Em passo grave e solemne, approximei-me de uma das janellas e debrucei-me sobre o peitoril. No jardim florido, um pavão real se espennicava, junto ao tanque de repuxo, em cuja agua clara dois patos do matto, grasnando, ensaiavam uma scena de amor... O jardineiro, assobiando um fado portuguez, aparava, com uma grande thesoura de ferro, a gramma de um canteiro, ao centro do qual se erguia uma estatua de Flora, por entre macissos de bogarys. Cofiado o bigode, retirei-me da janella e ia sentár-me novamente na poltrona, quando ouvi um grande guincho, ao mesmo tempo que, embaixo de mim, rangia qualquer cousa como um pastellão que se despedaça e eu sentia agulhas afiadas, que penetravam na nutrida banha das minhas delicadas e preciosas nadegas... Dei para frente um pulo de mais de quatro metros, como se fizesse uma péga á unha, atirando ao chão com um moleque barrigudo e opado de tanto comer terra, que entrava com uma bandeja de café, e botei a bôcca no mundo, bérrando com toda a força dos meus pulmões sadios:

— O' da guarda!



Então, á nossa!

Attitude feróz—As... amabilidades do Jujú—Uma *injuria* líquida...—Frouxo de riso—Gazes concentrados...—Medico a muque—Será figado?—Receitas caseiras—*Sub fides gradus*—Um perfeito «gentleman»—O jornal e o jornalista—O elogio da bebedeira—A garrafeira de El-Rei—Liga Dramatica Contra o Alcool—Um juramento solemne—Forte como polvora!—Em mar de rosas—A dynastia de El-Rei—A lingua de Tito Livio—Um latinista de pulso!—Homem de letras *comme il faut*—Febre de producção—Altos planos—Caldeira Castello Branco.

Com todo o peso dos meus sessenta e oito kilos e picos, eu me sentára, de rijo, em cima do macaco de prégo, que, por sua vez, ferrára os dentes na toucinheira d'aquella parte do meu corpo... Guinchando desesperadamente, como se o dr. Rhossard de Lemos lhe estivesse arrancando um dente sem dôr, o bicho, a coçar-se com phrenesi, pulava, de rabo em pé, ora sobre uma cadeira, ora sobre a secretária, espalhando papeis, derramando tinta, até que, de um salto, quebrando um jarrao de porcellana, cheio de tajás, despencou para o cóllo de El-Rei, com a dentuça arreganhada para o meu lado, numa attitude aggressiva e feróz.

— Coitadinho do Jujú! Coitadinho do Jujú!—

exclamava, penalizado, Sua Magestade, amimando-o e lamentando-se, como se fôra sobre a sua real espinhela que houvesse desabado as tres panellas, cheias d'agua, da rua Lauro Sodré, ou o tremebundo corpanzil do sr. Lourenço Sampaio, o que seria muito peor... Assaralhopado, deixei-me cahir na poltrona. Ora me torcia, ora mexia uma perna, ora mexia a outra, pigarreava, dava esticões ao collete e ao collarinho, não sabendo para que lado me virar, de que freguezia era, nem como sahir-me d'aquillo... Não sei que olhos fiz, nem côres que mostrei. Sentia damnicamente arder-me as protuberancias polpudas, carnudas e reboludas, que ha no fundo das costas, num logar que o leitor muito bem sabe o nome, como se nellas se agarrasse a patas e dentes um formigueiro de jiquitaias assanhadas...

De repente, o Jujú pulou para as minhas pernas, já completamente restabelecido, em pleno uso das suas tropelias. No dever de ser amavel, para reparar a offensa e não desagradar a El-Rei, deixei-o agir: puxou-me os bigodes, desfez-me a pastinha e o ramo da lapélla, trincou o monoculo com os dentes, quebrando-o, metteu-me um dedo no nariz, desatou-me o nó da gravata, tirou-me o lapis do bolso e deu-me com elle uma cachóletada na cabeça. Revistando-me depois as algibeiras, apoderou-se da caixa de phosphoros e da carteira dos cigarros, espalhando-os, desembrulhando-os pouco a pouco, deixando cahir o tabaco, estracalhando-o entre as patas, cheirando-o e, finalmente, para requintar as suas... amabilidades, esguichou-me nas calças novas de casemira côr de lyrio uma morna *injuria* liquida...

Sua Magestade desatou a rir, ás escancaras, fazendo um ruidoso *cuó-cuó-cuó-cuó*, rebolando-se pelo divan, a espernear e a bater com as mãos nos joelhos.

— Ora, o Jujú! Cuó-cuó-cuó-cuó-cuó!... E a dentada? Cuó-cuó-cuó-cuó-cuó!... Doeu, caboclo? Cuó-cuó-cuó-cuó-cuó!...

Encafilei. Enguli cuspo, para não estourar. Fiz uma cara feia, como a dos judeus que se veem nas gravuras da Historia Biblica, de dom Antonio. Deu-me vontade de dizer as ultimas a Sua Magestade que, aproveitando as curtas intermittencias da hilaridade, exclamava, segurando a barriga, que tremia debaixo do pyjama, como um enorme pudim de creme:

— Ai! que arrebento! Cuó-cuó-cuó-cuó-cuó!..

E, com um movimento brusco que fizera, para sentar-se, bambearam-se-lhe certos musculos e ouviu-se fortemente, seccamente, uma fuga rapida de gazes concentrados, que *perfumaram* o aposento regio... E, de subito, El-Rei ficou serio, a olhar desconfiado para mim. Não me pude conter e disparei tambem uma gargalhada:

— Quá-quá-quá-quá!... Ai! que papé!... Quá-quá-quá-quá!...

— Estou ruim das tripas, caboclo—desculpou-se Sua Magestade, batendo com a mão espalmada, perto da região hypogastrica, o que produziu um som de tambor.—E foi duma maniçoba, com cabeça de porco, que comi ao almoço. Tenho arrotado hoje p'ra burro. Ando precisado duma receita, para me desintupir.—E com o indicador, arregalando a palpebra inferior do olho direito—Não vês aqui um amaréllo d'ovo nos olhos? Será figado? Ha occasiões em que eu dou quarenta espirros por minuto...

— Ponha a lingua para fóra, Magestade—pedi, solícito, todo interessado.—Mais, mais um pouco...

El-Rei espichou um palmo de lingua saburrosa. Tomei-lhe o pulso, bati-lhe tres vezes com os

côtos dos dedos na barriga, arregacei-lhe os beiços, mandei que contasse até cem, retendo a respiração, recolhi-me em mim e disse:

— Nada de anormal. Tem coceiras nas pernas? dyspnéas?

— Han?!

— E' um começo de infecção nos tubos intestinaes, esses preciosos órgãos physiologicos, que são os esgôttos do corpo humano...

— E é molestia grave, caboclo? Ando com tanto medo de morrer... Se eu soubesse de um paiz, onde se não morresse, lá é que queria ir acabar os meus dias...

— E' prudente, comtudo, Vossa Magestade tomar um purgante de carrapato, que é de um effeito salutar. Esse ingrediente, puramente vegetal, actúa com singular promptidão nas mucosas gastro-abdominaes, operando a liquefacção da fecalicidade, petrificada nas cavernas organicas do pendiculo ovariotomico...

— ?!

— ... sorvendo com avidez insaciavel todo o sangue que é conduzido para os ventriculos pelas veias cava e pulmonar e fazendo nos seus movimentos alternados de systole e diastole que o dito sangue não estacione no pericardio. Essa molestia provém de um pequeno microbio fecalico, cuja origem scientifica e microscopica se perde na noite dos tempos. O supra-referido microbio é um animaculo protozoario filiciforne, que, formando-se nas secreções dos ganglios tabalares, invade o pharynge, agglutina-se com outros confrades no tóro das omoplatas, toma a fôrma de elephante ictyologico e desce ás cavidades vasculares do grosso intestino, onde vive

a tripa fôrra como em casa do sr. seu sogro. Como disse, o carrapato opéra maravilhosamente. Mas, se o purgante repugna a Vossa Magestade, tome, então, chás de grêlos de laranjeira da terra, fervidos com polvora, lascas de umery, agua-raz e azeite de andiroba. A' noite, antes de deitar, pôrá, na circumferencial do abdomen, um emplastro de cebo de Hollanda, abuta, babosa, estendido em papel amaréllo de taberna. E' conveniente dormir de bruços, bem embrulhado em cobertores de lan, só apparecendo de fóra a pontinha do nariz. Ao acordar, beberá em jejum, mingãos de carimã, preparada pelo pharmaceutico Bernardino Couto. Talvez que os banhos no Chapéo Virado ou as duchas do hydrotherapico da Beneficente Portugueza façam bem a Vossa Magestade. Por que não usa o Péga-Pinto, do Quinderé? Se Vossa Magestade não quizer experimentar nenhum desses remedios caseiros, reunirá então muitos sapatos e chinellas velhos, paneiros, pennas de gallinha pedrez no chôco, farrapos de panno, palha de milho, grude de pirahyba, chifre de unicornio, cabello de matamatá, cipó-tiririca, faça uma logueira e salte duas vezes por cima della, por espaço de tres dias, dizendo na primeira, com um galhinho de arruda na mão:

Sapo, sapão,
Bicho, bichão,
Lagarto, lagartão,
Saramella, saramellão,
Aranha, aranhão.

e, nas duas ultimas, benzendo-se com a mão esquerda e cuspindo para o lado do sol:

Tú és ferro,
E eu sou aço;
Tu és o diabo,
E eu te embaço.

É um remédio usado pelos nossos pagés e que, às vezes, juro sob *fide gradus*, dá excellentes resultados para barrigas d'agua e assucar na urina. Mas, quer saber de uma cousa, Magestade? Acho bom Vossa Magestade consultar os medicos.

— Qual medicos! Não gosto dessa gente em casa, nem pintada. Inventaram umas molestias perigosissimas acabadas em *ite* e não fazem outra cousa senão metter uma cousa de vidro no sovaco da gente, ferrar pontas de fogo, applicar capacetes de gelo, esfuracar de clystéres e receitar quantas hostias, quantas pilulas, quantos xaropes, quantas pastilhas, quantos sinapismos e quantas drogas se encontram no perigoso formulario das pharmacias...

— Protesto, Magestade! Belém se orgulha de possuir uma distincta classe de illustres medicos que se entregam criteriosamente, devotadamente, ao seu nobre e sacrosanto ministerio. Temos medicos de primeira agua, de credito firmado no mundo scientifico! E operadores? Nem se fala! Viram a gente às avessas e tornam a concertar...

— O seguro morreu de velho. Prefiro as tuas receitas. São mais efficazes os remedios caseiros. Mas tu entendes de medicina, caboclo?

— A medicina nunca foi bicho de sete cabeças, Magestade. Fui por muitos annos medico provisionado, mas, certo dia, vira, saca e meche, cassaram-me a carta, porque matava a torto e a direito e muita gente lá se foi andando para o soquete, de pés juntinhos e barriga inchada... Cheguei até pedir ao

vogal Thiago de Souza que providenciasse no conselho municipal, no sentido de ser construido um novo cemiterio, porque o de Santa Isabel era pequeno, para conter os meus. . . *attestados*.

Sua Magestade olhou-me espantado e, tomando o macaco ao cóllo, começou a beijar-lhe a focinheira, coçando-lhe o alto da cabeça, entre as cartilagens da orelha.

— Endiabrado Jújú! Anda, cumprimenta-o caboclo. Façam as pazes — E mettia-me dentro da mão a pata pelluda do macaco. Depois, chamou o palhaço do gramophone, recommendando-lhe que levasse o bicho ao copeiro, para que lhe dêsse uma ducha escosseza e lhe applicasse, em seguida, pelo lombo, fricções de arnica. E voltando-se para o meu lado:

— Aquelle macaco só falta falar. Nasceu em Cametá e foi-me offerecido pelo meu egregio amigo, major Carmelino Floresta de Miranda, no dia da Candelaria. Tem apenas tres annos. Mas, nessa idade, possui habilitações e boas maneiras que nem sempre se encontram em certos homens maduros, que eu conheço. . . Recebeu esmerada educação num dos collegios de Bridgtown. E' um perfeito « gentleman. » Antes da guerra, andou passeando por quasi todos os paizes da Europa. Veste casaca, lava a cara, escova os dentes, penteia o cabello ao espelho. Dorme em cama de bons lençóes, usa cartóla, toma rapé, come com talher, limpa-se ao guardanapo, lê jornaes, escreve a machina, melhor do que um empregado do Banco do Pará. Tem o seu quarto de dormir, recebe visitas de cerimoniaes, gosta de beijocar mulheres formosas e aperta a mão, dando o tóquezinho maçónico. . . Eu o trago vestido por casa, no intuito de furtar aos pudibundos olhos das pupillas algu-

ma perigosa *macacada*... Entrega-se também a estudos de observações, como qualquer mortal. Faz autopsias nos cadáveres das môscas, das baratas e dos grillos que apanha. Examina, com o maior cuidado, os objectos que o cercam. Analysa com a maxima attenção os pedacinhos de papel e retalhinhos de panno que encontra, como se tivesse um grande empenho em saber o modo de fabricação. Além disso, para variar, abriu hostilidades com os perús e com o quaty do cosinheiro, está de pé atraz com elle e dá-lhe, de vez em quando, uma batalha, mais renhida que a de Verdun... O poeta e latinista Galileu Parente prometteu-me escrever a biographia do Jújú, em versos alexandrinos á Vicente de Carvalho, para ser publicada na revista *Athena*, de Martins Bessa, ou no *Anuario de Belém*, commemorativo da fundação do tricentenário desta cidade. Se elle morrer de febre amarélla ou suicidar-se pela nostalgia das suas arvores nataes, o seu corpo será entregue ao meu distincto amigo e abalisado naturalista Ducque, do Museu, para experiencias de serumtherapica — El-Rei fez uma pausa e concluiu.—Sabes? Gosta de paraty e apanha, ás vezes, cada carraspana... Por falar em carraspana: bebe alguma cousa, caboclo, para espertar a mãe do corpo...

— Não bebo, Magestade — respondi, em cima da bucha, quasi offendido, enviezando a bôcca em repulsão.

— Ah! não? E El-Rei ficou por muito tempo a fixar-me, de beicola cahida, com os seus olhos pequeninos, inchados, por sob as sobrancelhas crespas de cabellos. Depois baixou a cabeça como abatido por um pezar profundo e, rufando com os dedos na caixa de rapé, resmungou:

— Extraordinario! E' o primeiro, palavra de honra, é o primeiro!

— Primeiro, quê, Magestade?—perguntei, intrigado, compondo o laço da gravata.

— Jornalista que não bebe. No meu reino é um horror! Quasi todos os jornalistas são capazes de beber até chumbo derretido... Alguns, e dos mais afamados, são mesmo inveterados borrachos, bebedos confessos e possuem curso de botequim...

Tomei aspecto sério. Encruzei as pernas e, pigarreando, deixei cahir, com entonação energica, estas moralisadoras palavras:

— E' digno de lastima, Magestade, que um tão pernicioso e revoltante exemplo parta de homens que doutrinam das columnas do jornal, que é a alavanca da civilisação humana, o pão azimo da idéa e da verdade. E' pela analyse da imprensa que se póde medir o estado duma nação, dum povo, duma sociedade. O jornal é o centro nervoso do organismo social: edifica, moralisa, purifica, instrue, soergue, sanifica, tornando-se o guia social, o formador da opinião, o conductor dos espiritos, a suprema luz derramada sobre todas as questões. Assim sendo, o jornalista tem o estricto dever de, no seu perfeito juizo, ensinar á humanidade corruptora a trilha fulgida do Dever, do Trabalho, da Razão, da Justiça, do Erro, da Honra, da Moral e, sobretudo, da Temperança. Um jornalista que se embriaga é um cancro social, deturpa miseravelmente a sua nobilitante profissão, arrastando-a, sem escrupulo, pelos canaes do vicio, como um cão morrinhento e faminto estrafega e arrasta pelas sargetas uma ratazana que matou numa bôcca de esgôtto. Um jornalista que se embriaga...

— Ora tira o cavallo da chuva. Eu não abun-

do absolutamente nas tuas idéas, tem paciência. Cá no meu humilde bestunto, penso que a bebedeira é, muitas vezes, a musa da inspiração! Se a isso avanço, é porque o mais fecundo e extraordinario jornalista do meu paiz, auctor do soneto *Baccho!*, mais celebre que o de Felix d'Arvers ou o *Rêve Familier* de Verlaine, não despreza as garrafas... Quando elle está na thiorga, é que escreve fulgurantes artigos de combate sobre politica e ensinamentos moraes, dizendo, com toda lucidez e criterio, verdades núas e crúas e dando uma tunda de criar bichos nos ridiculos e aleijões sociaes. Não sei porque cargas d'agua os puritanos guerreem o alcool. Asseveram notaveis medicos godos e serracenos que o alcool é necessario ao organismo humano, reanima as idéas, retempera as fibras, fazendo correr nas veias uma seiva de globulos sanguineos e phosphorosos... Erasmo, no *Elogio da Loucura*, tece os mais rasgados louvores ao alcool, dizendo que elle desterra dos corações os mais negros cuidados, vertendo nelles um elixir da mocidade, como o do velho Fausto... Nas paginas immorredouras de *Letourneau* está escripto que a « embriaguez é a poesia da vida, » Os mais austeros sabies, nas suas auto-biographias, taes como Claudio Bernard, Larochefoucauld, Darwin, Hœckell, Littré, Spencer, Kneipp, Broca, Augusto Comte, La Fontaine, Baruch, Allan Kardec, Schopenhauer, Kant, Renan e Buchner não deixaram de fazer o seu discreto e sincero elogiosinho ao alcool... Sõmente os cerebros enfermicos ou mal intencionados é que querem fazer acreditar á ingenua humanidade que o alcool é um veneno...

Houve um silencio e pouco depois El-Rei, limpando o nariz no lenço, continuou na sua costumeira tagarelice:

— Eu também dou o cavaquinho pelas bebidas. Nos subterraneos do meu castello, existe uma garrafeira que não ha igual no mundo inteiro. Além das mais exquisitas bebidas do universo, encontram-se nella cognacs de 1639, que fôram achados nos escombros da Bastilha; vinhos velhissimos das faldas do Vesuvio, do Rheno, de Chypre e do Porto, remontando estes ao tempo de dom Affonso Henriques e que escaparam á sanha dos francezes, quando da primeira invasão napoleonica em Portugal. Para obsequiar os amigos, trouxe algumas garrafitas de um kermann verde, contemporaneo de Carlos V, que é semelhante ao nectar dos deuses. Queres saborear um calice? Offereço-to de coração e teria a maior honra, um grande desvanecimento, se aceitasses. Vae ou não vae um calice, caboclo? Um só não faz mal—insistiu El-Rei, com um sorriso amavel, cheio de doçura, em tom intimo de conhecidos velhos, dando-me palmadinhas amigas na côxa.

Vacillei na resposta. Commovido, porém, pelo affectuoso offerecimento de Sua Magestade e, para não me fazer rogado que é falta de civilidade e cheira a má educação, respondi, com um gesto resolutivo, sacudindo os hombros:

— Pois vá lá pela ultima vez!

— Que? Vaes te suicidar?—perguntou El-Rei, sorrindo com finura e malicia.

— Por enquanto, não. E' que brevemente vou ser nomeado presidente honorario da Liga Dramatica Contra o Alcool e, em uma sessão de assembléa geral dessa importante sociedade, creada tambem para fomentar a agricultura, jurei solemnemente, perante os meus consocios, depois de um vibrante discurso contra a intemperança, nunca mais sentar-me

num botequim. E eu era batuta velho nessas cousas de molhar o bico! Nunca tive niquices com as bebidas. Qualquer ingrediente que cheirasse a alcool, condição *sine qua non*, estava na conta para mim. E quer fosse vinho generoso ou zurrapa ordinaria, cognac fino ou aguardente mal cheirosa, sapeava tudo pelas engulideiras abaixo, ficando depois como era de esperar... Mas tenho collegas, Magestade, que são verdadeiros tacos no copo! Bebem um dia e uma noite, de fio a pavio, por todas as latitudes alcoolicas de Belém, e nem a pão dão com os collarinhos no chão!... Que manilhas de triumpho em bebidas! que guélas!

— Não serão maiores que as dos políticos... E El-Rei ergueu-se do divan, espreguiçou-se com um estalido d'ossos, espremendo-se:

— Ora vamos então ao nosso licorzinho.

— Se Vossa Magestade arranjasse antes um calice daquelle liquido que para o tempo de frio esquentava e para o de calor refresca e evita uma constipação...

— Se isso não é charada syncopada, então é paraty.

— Adivinhou, Magestade. Era o meu aperitivo predilecto e eu não transigia, nem uma pollegada, em questão de habitos.

— Caspíte! Agora, sim, é que abundo na tua idéa. Realmente, o paraty abre o appetite e prepara magnificamente o estomago mais dyspeptico. E eu tenho um paraty que não é mesmo nada máo. Fº de 98 grãos e meio e foi especialmente destillado para mim nos alambiques do importante engenho Arapary, do meu distincto amigo e capitalista João La-Rocque, que me presenteou com quarenta frisqueiras, das quaes trinta e nove, faz amanhã

uma semana, fôram embarcadas para o meu reino a bordo duma barca hollandeza, commandada pelo piloto João Loureiro, e competentemente seguradas contra os sinistros do mar e riscos de guerra. Que paraty supimpa! E' de se engulir a granel e chorar por mais...

Pesado e moroso como um hyppopotamo, movendo-se num saccoleção de banhas môlles e soltas, El-Rei encaminhou-se para um canto do aposento, onde havia por traz do sofalete um enorme e carunchoso bahú de macacahuba, com os braços das fechaduras pendentes como orelhas dum velho quadripede estropiado. Levantou a tampa, escapulindo-se de dentro d'elle um morganho e uma barata cascuda, e trouxe na mão uma bojuda garrafa branca, com o gargalo enlacrado. Buscou um sacarôlhas e abriu-a com estampido. Depois, arrastou para junto de mim uma pequenina meza de xarão, sobre a qual collocou dois calices de crystal. Encheu-os de paraty, offerecendo-me gentilmente um. Eu me levantei, garboso. El-Rei, tocando com o seu calice no meu, saudou-me, todo effusivo e alegre:

— Então, á nossa, caboclo!

— A' nossa, Magestade!

— Hip! Hip!

— Hurrah!

E, de um trago, escorropichamos os calices. Dando um estalo com a lingua no céu da bôcca e limpando os beiços com as costas das mãos, El-Rei inqueriu, revirando os olhitos de gosto:

— Que tal?

— Não me parece mal, Magestade.

— Esplendido, han? Forte como polvora! Queima as guélas e consola o interior de um, filho de Deus.

Pigarreei, limpei os lábios no lenço, dei um esticão ás calças pelo cós, junto aos flancos, levei a mão esquerda ao peito, estendi a direita, fiz uma mesura de grã-senhora em côrte de rei, lembrando a attitude dum banhista ao cahir n'agua, e despedi-me:

— Já é bastante caceteação, Magestade. Eu me retiro saudosamente. Estou satisfeito e agradeço a Vossa Magestade o bizarro acolhimento. Penhoradissimo com tantas gentilezas, acredite, Magestade, que hei de conservar da vossa entrevista immorredoura recordação. Os meus profundos respeitos e muito obrigado e... adeus Para a vida e para a morte!

Todo mesuras, todo sorrisos, ia-me pondo ao fresco, quando El-Rei agarrou-me pela manga do frack, perguntando-me:

— Que diabo de pressa é essa? Vaes tirar alguém da forea? Ainda é cedo, caboclo, senta-te.—E, num enlace affectuoso de cintura, batendo-me palmas nas costas, obrigou-me a tomar assento na poltrona. Sentou-se tambem ao pé de mim e puxou conversa:

— Conta lá algumas historias das tuas, patuscadas, casos de rapióca. Não sabes anedotas obcenias de Bocage?

— Pelo amor de Deus não me fale nesse homem, Magestade—repliquei, ruborisado—Nem de longe quero vêr o setimo volume dos seus versos, o qual eu conservo na minha bibliotheca, por honra da firma, só para não desirmanar a obra... Em materia de moralidade, ninguem me leva as lampas, Magestade.

— Conta, então, algum escandalosinho?

— Infelizmente, não sei, Magestade. Vae tudo em mar de rosas. Vivemos presentemente no me-

lhor dos mundos. Entra semana, sahe semana, e nem um facto, um acontecimento qualquer que venha quebrar a monotonia do nosso ronceiro viver burguez. Nem parece que Belém é uma cidade que se preza, uma capital adeantada, com luz electrica, bonds electricos, automoveis, escholas de tiro, castens, contistas do vigario, exposição do Tricentenario, uma imprensa adeantada, inclusivè *O Palpite* e o *Binoculo*... Nem parece isso! O que, realmente, é para desesperar um jornalista que procura um facto, para sobre elle bordar umas considerações. Não pega logo num predio, nem desaba uma casa. No genero tragico, então, é uma verdadeira pasmaceira. Não apparece um esposo ultrajado que, para vingar a honra offendida, se ponha a *bombardear* com tiros de revolver a esposa infiel e o... outro... Ou um pae que enterre dez pollegadas de aço no bandulho do dom Juan que lhe seduziu a filha... Ou uma joven que, devido o papae lhe contrariar o amor que tem a um namorado romantico e poeta nephilibata, engula sal de azeda ou um refresco de creolina... Quanto a suicidios, ninguem se tem matado e no que diz respeito a assassinatos... nem um para remedio... Nada de importancia, Magestade, absolutamente nada... Nem ao menos uma revoluçãozinha, como a cabanagem ou o 29 de Agosto!...

— E que dizem de mim por ahi?

— Todos vivem na admiração de Vossa Magestade!

— Mas, franqueza, franquezinha, ninguem me tem cortado na pelle?

— Ninguem é capaz de dizer de Vossa Magestade nem tanto como isto --E aponteí nesga de unha extremamente pequena, imperceptivel.

Calámo-nos por um instante. Accendi um cigarro, o unico que escapára da bisbilhotice do Jujú, cujos guinchos desesperados se ouviam lá dentro. O papagaio já não cantava modinhas: descascava, para variar, um chorrilho de palavras cabelludas, capazes de fazerem arripiar de vergonha a carranca da estatua da Republica... No meio de muitos nomes feios, que a decencia manda calar, o bicharoco dizia: *Papagaio rico!... Curupaco, papaco!... Papagaio real... Oh! João! Entra, canalha! Oh! bandido! Sahe d'aqui, sem vergonha!...* El-Rei, sorrindo, encheu novo calice de paraty, bebeu-o a góles pequenos, saboreando com a cabeça inclinada para traz, os olhos semi-cerrados. Em seguida, chupando com ruido os pêllos do bigode e da pêra, perguntou-me:

— E de guerra, caboclo? que ha de guerra?

— Temos panno para mangas, Magestade

— E's aliadophilo, ou germanophilo?

— Estou vendo primeiro em que param as modas... — E, não me dando por achado, enchi tambem o meu calice de paraty e bebi-o até ao fundo, fazendo uma careta especial. Sua Magestade olhou-me mais pasmo do que se lhe tivesse apparecido de repente, entre labaredas, a figura de Belzebuth... Remexeu-se no divan e, coçando a virilha, começou a dizer-me que era doudo pelas cousas de guerra e que nas suas veias corria sangue bellicoso. E, como eu pedisse, falou fundamentalmente da sua dynastia:

— A minha arvore genealogica é colossal! Tem de tudo como na botica. O escudo d'armas dos meus antepassados brilha de todo o diamantino orgulho dum viver de muitos seculos intemerato. Alguns dos meus maiores figuraram até nas cruzadas. Durante as guerras do Olympo, que puzeram tudo em fogo e sangue, elles se conservaram incolumes.

A minha dynastia é illustre e benemerita para a patria e alguns de seus membros apparecem nos primeiros movimentos da nacionalidade. O meu tresavô foi o primeiro navegador que dobrou o Cabo da Bôa Esperança, que planeou o corte do canal de Panamá, que inventou a primeira bussola completa com a rosa dos ventos, a helice duma só palheta, as taboas astronomicas applicadas á navegação, que registou o fogo de Sant'Elmo, as trombas d'agua, a declinação da agulha, as marés e os tremores de terra submarinos. O meu bisavô foi o maior mathematico e *bricabraquista* do universo e no Museu Historico e Archeologico do meu paiz figuram nas colleções por elle organisadas a lyra com que Nero, o imperial maluco, se acompanhava nos seus cantos á vista de Roma incendiada, um pequeno novello do fio de Ariadna, o alfinete com que o imperador Domiciano matava môscas nas horas vagas, uma das sete cabeças (em alcool) da grande besta do Apocalypse, as galochas de Ahasvero, o primeiro cabello branco de Baccho, a flauta de canarana de Pan, umas ligas que fôram de Venus e da imperatriz Messalina, a lampada de Aladino, já um tanto carcomida, e a corda com que Judas se enforcou, acompanhada de notas biographicas do suicida, nas quaes se prova que este não era judeu e sim turco. O meu avô foi fidalgo do paiz do vinho e um philologo de nomeada; escreveu a primeira grammatica chinesa, tão bem feita como a do illustrado dr. Paulino de Britto, um catechismo indú, um dictionario de erros orthographicos de muitos litteratos europeus e brasileiros. Tambem foi elle o inventor do alphabeto manual dos surdos-mudos.

El-Rei estancou por momentos o jorro da sua parolagem. Eu o escutava com interesse, porque

saber ouvir, conforme preceitúa o *Tratado da Etiqueta* de mme. Gencé, também é um modo de *engrossar*. Sua Magestade limpou o catarrho enrapezado que lhe pingava das cavernas narigaes, matou com uma palmada um carapanã num dos tornozellos e proseguiu, com voz pesada e lenta:

— Meus quinto e quarto avôs, homens de terras e de dinheiro, fôram uns intemeratos batalhadores contra o mercado da carne humana. Deram caça sem tregoa a muitos navios negreiros nas costas do Brazil, no mar das Indias, na ilha de Repelim, em Ceylão, e na costa do Malabar. Meu sexto avô tomou parte em sessenta e nove combates navaes, dos quaes sahio sempre victorioso. Era também um grande musico e compositor insigne. Retemperava a sua educação artistica nas puras nascentes classicas, executando, como um *virtuosi* que o era, Gluck, Cimarosa, Haendel, Haydn, Weber, Beethoven, Chopin e Mozart. O seu instrumento predilecto era o violão. Tocava divinamente. Chegava a ter callos nas costas das mãos... O que está, porém, averiguado, como certo, é que o meu primeiro ascendente foi um militar ás direitas e inventor das balas dum-dum e da polvora sem fumo. Commandára, como brigadeiro, um regimento de lanceiros a pé. Marte tinha medo delle que se pellava! Roncava pragas e, quando puxava a espada, amedrontava todo o mundo. Não admittia affrontas da ralé. Por dá cá aquella palha, dava logo uma espadeirada em qualquer, deixando-o a pannos de arnica! Era o guerreiro mais endurecido nas lides das armas, mais rotido do sol das pelejas. Foi ferido na guerra da Criméa e na batalha de Trafalgar. Matou centauros, titans e monstros de cem cabeças, que não foi brinquedo! Uma vez, rugindo de ciumes, por causa

de Aphrodite, que era uma mulher levadinha da bréca e duma caprichosa volubilidade, quasi dá cabo do canastro de Vulcano, de quem não gostava, entrando-lhe, uma tarde, pela ferraria a dentro, quebrando-lhe a bigorna e a cara com o eixo duma róda que o capenga do ferreiro estava forjando para o automovel de Apollo. E morreu, finalmente, na Hespanha, varado por um estóque, num duéllo que teve em Andaluzia com o famoso fidalgo dom Quixóte de La Mancha, por causa duma bailadeira polaca, que dançava a dança do ventre...

— Gloriosa dynastia! — exclamei, pigarreando e enchendo o terceiro calice de paraty.

— Outra vez, caboclo? Não te faça mal!...

— Qual! Sou de cabeça muito forte!

— Cuidado! Tantas vezes vae o cantaro á fonte...

— Este paraty é innocente, Magestade. Não ha novidade.

— Fia-te nelle.

— Vossa Magestade quer mais um pouco?

— Oh! pois não, pois não. Deixa vêr, deixa vêr que é bom.

Enchi outro calice e offereci-o a El-Rei que mais uma vez me briudou:

— Bebo á tua saúde, ás tuas aventuras, á tua felicidade.

— A' vida de Vossa Magestade e á prosperidade do vosso glorioso reino.

Toquei o meu calice no de El-Rei e ambos bebemos até ao fundo. Rasgando as guélas, Sua Magestade, todo gabola, batendo com a mão espalmada no peito ajuntou:

— Aqui, onde me vês, sou tambem um militar

valente. Já enchamusquei galhardamente a fronte em muitos combates sanguinolentos.

— Vossa Magestade? Parece incrível!

— Sim, da lucta pela vida... E nunca recuei um passo deante do mais forte e entrincheirado inimigo.—E casquinou uma risadinha gostosa, lembrando:

— Mas, o que ha de guerra? Sou rôxo por uns episodios bellicos. Anda, discorre, fala. Põe o preto no branco e explica-me por miudos o que sabes de guerra. Sou todo olhos e ouvidos...

— Magestade, eu nada sei de guerra —retorqui, com um pigarro, tratando de fugir ao arrevesado assumpto.—Posso asneiar, errar...

— *Errando corrigitur erro!* Latim. Estás admirado, hein? E' preciso ter um peculiozinho da lingua de Tito Livio para as situações difficeis...

— Erudição linguistica, Magestade, muita erudição linguistica!

— E' para que conheças o rônco. Olha, muitas fabulas e apologos eu escrevi, no Occidente, de collaboração com Esopo, ex-escravo phrygio e ex-amigo de Creso, rei da Libia. Sabes grego, caboclo?

— Grego, eu apprendi um poucoquinho com o conego Crolet, no antigo Lyceu Paraense, com que até hoje vou atamancando mais ou menos a vidôca e o que me tem valido de muito...

— O grego dá aos sabios um tom de auctoridade infallivel. Poeta que não sabe latim ou grego não é poeta.

— Perdão, Magestade! Eu não sou poeta. Certo dia, quiz fazer uma Ballada em versos aos olhos maganos de uma viuvinha, por quem andava enrabichado, e só encontrava rimas em *ã* e só me

sahiam alexandrinos. Chorando, como um bezerro desmammado, rompi os quartos d'almasso, como um homem que perdeu a ultima esperanza, ou que sentiu desabar a ultima illusão. Preferi enforcar o officio a não fazer figura de canéco furado, como muitos poetas que perambulam nesta abençoada terra, marcando os astros e enxameiando de genios os botequins... Descobrir nestes tempos um poeta sem pevide na lyra é mais difficil do que achar uma agulha em palheiro... Depois, os poetas nunca vão p'ra deante, como dizia o meu professor de primeiras lettras. E é uma verdade. Ahi temos na historia o caso do desventurado Torquato Tasso. O pobresinho de Christo chegou a vêr-se a tal desamparo, que pediu uma noite á sua gata a luz verde dos olhos, para escrever alguns versos, visto que não tinha candeia, ou azeite para ella! Conheço um poeta, Magestade, muito meu amigo, que já uma vez andou com vontade de se suicidar e comprou um collete de salvação do sr. Candido Costa e atirou-se ao Guajará, para ir logo ao fundo... Mas não morreu. Foi salvo por uns catraeiros...

— Um canoro poeta e latinista de pulso é o teu distincto confrade, dr. Remigio Fernandez. Aquillo, sim! E' dunga no latim! Certa occasião, passámos um dia inteiro a discutir os classicos latinos. Elle recitou de còr, sem omissão de uma virgula, as *Satyras* de Horacio, uma ode de Flavio Lucullus, os *Fastos* de Ovidio, as fabulas de Enéas, de Virgilio, *A Gloria de Hercules*, de Propercio, versos de Tiberio e a *Vida dos Varões Illustres*, de Cornelio Nepos. E até os *Lusiadas* e *A Cathedral*, de Blasco Ibañez, o dr. Remigio disse em latim! Que memoria prodigiosa! Parece a cabeça de Ruy Barbosa!—E noutro tom, com um sorriso escarninho, como a fazer pouco de mim—E que sabes tu, ó caboclo?

— Eu? Muita cousa, Magestade. Não sou de todo tapado. Sei juntar duas palavras, graças a Deus. Dizem os invejosos que sou ignorante, um plagiario, um repetidor de phrases ôcas. E' porque os habitantes desta terra não me comprehendem, infelizmente. Vá em casa Vossa Magestade, para vêr as minhas tres bibliothecas.—E com uma grande jactancia, depois de pigarrear e tomar uma *pose* bacharelesca, desenrolei torrencialmente o que sabia:

— Antes de tudo, conheço o valor das vogaes, sei o que é um dithongo, cousas necessarias a um jornalista, para não assignar o seu nome de cruz! Conheço o francez como os meus dedos e arranho o bastante de outros idiomas, com que posso entrevistar os diplomatas que chegam. Sei fazer exercicios militares, gymnastica sueca, solfejo, declamação, choreographia, chimica organica, physiotherapia, natação, semiologia, syvicultura, hermeneutica, canto choral, esperanto, analyse logica, philosophia, astronomia, bacteriologia, as quatro operações, cartographia, numismatica...

— Irra, caboclo, que isso tambem é exaggero — protestou El-Rei, assoando-se com estrondo.

Eu continuei imperturbavel, á carga cerrada:

—... moral, theologia, iconographia, collocação de pronomes, pedilologia comparada, esgrima de bayoneta, mecanica, therapeutica, direito publico, civil e administrativo, chimica industrial, geometria analytica, tiro ao alvo, pediatria, hygiene infantil e das habitações, microbiologia, cinematica...

— Ah! tambem entendes de cinematographo?

Ri-me superiormente, tomei folego e continuei, martellando as palavras:

—... avicultura, puericultura, sericicultura, agricultura, balistica, tactica e estrategia, oratoria,

epistolographia, chiromancia, callipedia, zootechnica, anthropologia, esthetica, botanica, sociologia, hydraulica, topographia...

— Basta, caboclo, basta.— gritou El-Rei, tapando os ouvidos. Eu prosegui, implacavel, gesticulando:

— ... economia politica, paleographia e muitas outras complicadas sciencias que acabam em *ia*. Tiro ainda photographia, dirijo a extincção dum incendio, monto garbosamente a cavallo, para acompanhar os exercicios militares da policia, dirijo *cotillons*, quando vou representar o meu jornal em algum baile; faço espirito, *flirto*, seduzo, conquisto e... dou sorte... Sou, enfim, um jornalista *baita*, digno de pertencer ás redacções dos primeiros jornaes da America do Sul.

— E's, lá isso és! Mais outro góle de paraty? — propôz El-Rei. Deves estar com a garganta sêcca.

— Não é mão, não é mão! — concordei, fazendo-me alegre e batendo uma palmadinha na perna de Sua Magestade, que se queixou de uma dôr na cabeça e de « confusão nas idéas. » Para o consolar, disse que tambem estava com a cabeça a arder. Virando o resto do paraty, que havia no calice, continuei a parolar, assomado, com os olhos aguados, limpando o suor do pescoço e dos pulsos:

— Ando tambem agora na febre de producção de que falam os irmãos Goncourt, Magestade. Tenho muitos livros a publicar, se a tanto me ajudar engenho e arte, como disse Camões.

— Olé, altos planos, hein?

— Escrevo por luxo, Magestade, penso por brinco, mais ou menos, como os reis que se distrahem do seu mester, pintando aguarellas ou estudan-

do sankristo. Desde creança, porém, que sempre fui severo em cousas de litteratura.

— Tal qual como eu! O meu nariz todo se torce, quando algum fedorento e mephitico aborto litterario é dado á luz. Rejubilo, porém, quando alguns talentos se individualisam, se afastam da craveira commum, affirmando-se em varias modalidades do saber humano e, em um arranco, veem com sua obra o seu trabalho impôr-se á admiração do orbe litterario. Não é engrossamento, mas gosto de lêr o que escreves, porque dizes bem o teu modo de sentir. A tua phrase é duma technica perfeita, dum rythmo ondulante e caprichoso, polida como um marmore negro, rico de côr e de conceitos. E's um litterato de merito indiscutivel, excepcional, e a tua prosa foi sempre um modelo de arte e bom senso que, como sabes, é a melhor ferramenta do homem de letras. O futuro te reserva a corôa de louros, que todo o escriptor publico almeja. O diabo é a tua modestia...

— Já vejo que Vossa Magestade sabe dar protecção ao genio. De facto, a modestia em que me tenho imbecilmente embrulhado, tem sido a causa mais séria dos meus desgostos. Chega mesmo a arrelhar e incommodar a minha natural e incomprehensivel modestia...

— Uma cousa te digo: se não desgarrares, se não te desensimesmares, se fôres sempre e sempre Agapito Solenne, terás um logar certo e honroso alli, no Sillogeio, que é como quem diz, na Academia Paraense de Lettras e serás um *immortal*, titulo com que nos condecora o bom humor das ruas...

— Immortal! E' o meu sonho dourado, Magestade! Bem reconheço que sou um litterato *comme il faut*... Penso, porém, que nunca transportarei

os humbraes dessa assembléa de cultores do idioma, vestaes da litteratura paraense, porque a gente, nesta extraordinaria terra, não vale pelo que faz, mas pelo que podia ter feito. . .

— Não ficarás muito tempo cá fórá, verás. Entrando para a Academia, entras em casa que já é tua e ella paga assim uma divida que tem para os proprios creditos. E' questão de mais tempo, menos tempo, quando tiveres de todo amadurado o teu talento.

— Já está maduro até de mais, Magestade. Como vos disse, voltei novamente á actividade litteraria. Em casa, dentro de duas gavetas de um *bidet*, tenho já promptinhos, faltando apenas imprimil-os, á falta de editores, uma memoria curiosa *De como os Nheengahibas fabricavam os seus cachimbos* e um importante estudo sobre o papel da lingua dos carapicús atravez das idades, no qual historio circumstanciadamente a extincta civilisação do grande archipelago de Salinas, relato a influencia que teve Salomão e as suas frótas no nome de Salinas, esclarecendo tambem o verdadeiro significádo de certas palavras, como por exemplo: *Arapiranga*—gente pirangueira que veiu do monte Ararat. *Tajapurú*—raça oriunda do rio Purús e que só come tajá. E' uma obra de folego que se me não levar ao Hospicio, talvez me leve á Immortalidade. . . E quer saber Vossa Magestade o que me aconteceu? Sabbado passado, á noite, remetti o resultado dessas minhas sisudas investigações á Sociedade dos Homens de Lettras, para que dêsse o seu douto parecer sobre o meu trabalho scientifico. Pela manhã de hontem, fui indagar da resposta com o Carlos B. de Souza e soube que todos, por unanimidade de votos, depois de uma movimentada sessão secreta,

nos altos do *Café Lisbonense*, fôram de opinião que eu era uma refinadíssima cavalgada...

— E fie-se um homem em sociedades litterarias!

— Não faz mal, Magestade, fica para outra vez, se Deus quizer. No emtanto, lamento o procedimento dos meus confrades e, se não publicar esse livro, creia que o archivo historico da litteratura nortista perde uma pequena obra prima. Fiz uma pausa, pigarreei e prosegui, torcendo as pontas do bigode:

— Mas, como ia dizendo a Vossa Magestade, tenho, além dessas obras, um livro de montaria, sob o titulo *Arte de Cavalgar*, que será illustrado pelo Antonio Nascimento, o caricaturista *Angelus*, um volume de propaganda commercial *Do Fiado e suas consequencias* e outra memoria, em que provo que o lupulo, a aveia e a cevada podem perfeitamente desenvolver-se no Pará. A questão é que, em vez de serem plantadas ao ar livre, o sejam nas camadas frigorificas da fabrica de cerveja, ou de gelo dos srs. Bolonha, Paiva e C.^a. Por minha opinião, porém, de todas essas obras, a mais limpa e escorreita que tenho produzido, é a refutação da fundação de Belém pelo capitão-mór Caldeira de Castello Branco. Calcule Vossa Magestade que os phenicios, em 1499, erigiram uma fortaleza, no local onde está hoje a guarita da Recebedoria, no Ver-o-peso.

— Os phenicios?—repetiu El-Rei, com espanto.

— Admira-se, Magestade? Quanto mais se dissér a Vossa Magestade que os chaldeos e os egypcios andaram dez annos antes que os phenicios pelo Guajará, explorando o leite de seringa e traficando com pretos. O dr. Henrique Jorge Hurly, quando director da Bibliotheca e Archivo Publico, foi quem me

forneceu, em segredo, essas preciosas notas, que se achavam num *in-folio*, encapado em couro, e que foi depois comido pelas traças e ratos. . .

— Mas, então, queres dizer, na tua, que Caldeira de Castello Branco não. . . fundou Belém?—retrucou El-Rei, com a vóz cançada, suffocando um bocejo.

— Não fundou cousa alguma e nunca existiu, Magestade—retorqui, espetando o dedo com convicção.

Enchi de novo os calices e propuz:

— Outra golada, Magestade?

— Apoiado!—murmurou El-Rei, muito risinho e vermelho, como o monco dum Perú.—Toca!

E viramos os calices. Sua Magestade, depois de fazer uma carantonha *tremida*, saccolejando o busto, lembrou cabeçudamente:

— Mas olha a guerra, caboclo, não te esqueças de falar da guerra,





X

Viva a Republica!

Esriptores *estrategicos*—A borracha—A Liga de Resistencia—
Esriptores *borracheiros*—A politica—A Torre de Babel—
Conservadores e Liberaes—Gente *andorinha*—De-
sejo de ser deputado—Galopins eleitoraes—O segredo
é a alma do negocio—Canhão 580, o rei dos canhões—
Passando á posteridade—Um invento maravilhoso: o
cervejymetro—Bonus de 500 réis—Pyramidal idéa!—
O banho de El-Rei—Uma *mordidella*—O meu pé de
alferes á Borboleta—Pedido de casamento—Uma entre-
vista—Sempre o bicho—Ferrado no somno—Maria Ca-
chuxa—Expansões caseiras...—A' antiga portugueza—
A satisfacção do dever cumprido.

— Vossa Magestade não lê os jornaes?

— Ora, os jornaes! Os jornaes só vivem a
clamar contra os allemães, chamando-os de « bar-
baros, vandalos, » dizendo que elles degolam as crean-
ças, violam as mulheres, torturam os velhos, comem
gente, não deixam pedra sobre pedra... enquanto
os alliados não fazem nada disso, ao contrario, até
constroem cidades e povôam o solo... Depois, os
jornaes nos impingem cada carapetão, só para co-
merem o nosso tostão...

— Isso não, Magestade, isso não!—protestei,
offendido na minha dignidade de jornalista e fulmi-

nando a El-Rei com um olhar agudo. E, endireitando o collarinho, recalitrei, ufano :

— Possuo collegas, Magestade, que são verdadeiros escriptores *estrategicos*. O Valente de Andrade, J. Simão da Costa e Sebastião R. de Oliveira, por exemplo. Elles têm escripto maravilhosos artigos sobre a guerra, prevendo e delineando, traço a traço, as batalhas a serem travadas. E tudo isso, com dados seguros, insophismaveis, nos quaes se impõem o prestigio da mathematica e a logica inderrocavel dos algarismos, e traçando planos organisados com benedictina attenção... Nesta terra, que muita gente julga só de papagaios e pretos velhos, ha ainda pessôas que possuem a estatistica minuciosa da guerra. Os navios das esquadras belligerantes lhes são tão familiares, como os barcos ancorados no Ver-opeso, ou como as chinellas de trazer no quarto ou o chambre de dormir... Os submarinos, as torpedeiras, os couraçados e os cruzadores lhes são tão conhecidos como as canôas e as catraias, que cortam as aguas do Guajará... Portanto, leia Vossa Magestade aquelles ~~de~~ abalisados criticos *guerreiros* e logo ficará inteiradinho de tudo...

— E a borracha, caboclo, quando sóbe ?

— Ha cinco annos, os commerciantes aviadores fizeram uma Liga de Resistencia para o preço da borracha subir. A imprensa elogiou o alevantado gesto do commercio. Eu, pelo menos, me enthusiasmei com a leitura das pastoraes da Liga, prenhes de patriotismo e de phrases enthusiasmicas como o diabo!... E muita gente não hesitava na victoria da Liga. O proprio dr. Lauro de Magalhães dizia, enthusiasmado: « Nada! agora sim!... agora a borracha vae subir! »... E ficámos á espera que a borracha subisse. Sabe Vossa Magestade o que é

uma desillusão? Foi justamente o que soffremos: —a borracha, em vez de subir, desceu. Desceu e com tamanha naturalidade que até parecia que a Liga de Resistencia não tinha sido feita para outra outra cousa, senão para fazer a borracha descer...

— Mas, qual é a tua opinião sobre a borracha?

— Fico sem opinião sobre a borracha. E sabe por que, Magestade? Porque o melhor que tenho a fazer sobre borracha é não dizer nem bolacha... Tenho feito todo o possível, para vêr se consigo perceber alguma cousa do que escrevem sobre a borracha e cada vez estou mais ás aranhas. Felizmente, não é por falta de escriptores *borracheiros*, isto é, dos que se dedicam a tão melindrosissimo assumpto. Temos muitos e bons! O que tenho lido, Santo Deus! Artigo que saia á luz da publicidade sobre borracha, estou com elle ás voltas. Leio-o, releio-o, medito-o e nada. Quando, por um grande e formidavel esforço mental, vou me compenetrando nebulosamente de algum ponto de escriptor versado no assumpto, surge outro escriptor que desfaz tudo, remette-me novamente para as trevas da primitiva ignorancia e lá se vae tudo quanto Martha fiára. Porque, talvez não tenha notado Vossa Magestade, não ha dois escriptores *borracheiros*, que concordem ou afinem pelo mesmo bordão. Se um está em mi, o outro se encontra na clave de fá maior. Se este diz que é pau, aquelle affirma que é pedra. E a questão da borracha assume proporções de questão grammatical, em que dois philologos levam a discutir o infinito do verbo tal até ao infinito, sem que se entendam e sem que ninguem os entenda... Bem diz o illustrado e competente confrade Amando Mendes que a borracha

nunca mais nos poderá salvar; o mais que ella tem feito até hoje é ajudar-nos a perder...

— E de politica, como vamos, han?—inqueriu El-Rei, com um abrimto de bôcca e fazendo sobre ella uma cruz, por impedir que o demonio lhe penetrasse no couro...

— Não mexamos em casa de maribondos, Magestade. Politica nesta minha terra é o cahos, a confusão da Torre de Babel! Tira a camisa a uns, para encher a barriga a outros... Todos falam, todos são competentes em politica... Creanças, de sete a dez annos, affirmam opiniões decididas e doutrinas intransigentes. O chefe tal é uma besta! Só Fulano é que pôde salvar o Estado! Beltrano o está trahindo. Aquelle vende-o! É espantoso ouvir um fedelho, de calças curtas, bradar com energia:—Isso não endireita, emquanto não se matar Fulano! Outros falam em morrer pela Constituição, como se o Pacto Fundamental fosse um cartucho de balas. Politica é como marido e mulher. Se ha briga, ninguem se metta, porque no minimo sahe apanhando do marido e ainda acarreta com a raiva da mulher. E' ficar de longe olhando, apreciando e depois seguir o seu caminho, sem procurar aprofundar muito os motivos e os resultados. Então agora, no actual momento, as cousas andam tão exquisitas que nem mesmo os politicos mais experimentados as entendem... Se elles não entendem, nós é que havemos de entender?

— E é uma funda verdade, caboclo.

— Nos ominosos tempos do Imperio, a politica tinha idéaes e principios; conservadores e liberaes batiam-se por um programma que o paiz conhecia e pelo qual se interessava. Quando no poder, esses dois partidos tratavam de dar execução ás suas idéas

e aos seus principios. Veiu a Republica e a politica começou logo a tender para um idéal—a conquista e a conservação do poder. A nossa politica é isto, aqui e nos outros Estados. O dominio pessoal é um lema sagrado; e desde que alguém queira sahir desta formula, tudo se faz, tudo se pratica, para que não vá adiante, nem se desenvolva qualquer intenção de independencia e vontade propria. Neste andar é bem provavel que o Congresso, na proxima legislatura, seja composto de camaras unanimes, cuja acção e cujo pensamento residirão forçosamente na vontade do governo e dos chefes politicos. Salvo se o governo passar para a... opposição!

Depois de um silencio, prosegui, com um pigarro:

— Em politica, Magestade, só se vê gente *andorinha*...

— Andorinha?

— Sim, gente que se presta muito a mudanças, que, conforme sopra o vento, vira o capóte...

— A casaca, queres dizer...

— Isso mesmo, Magestade. Belém está cheia de augustos representantes do... *filhotismo*, que tão depressa pertencem á opposição como ao governo, e de politicos adeptos da cartilha abyssinica, que apedrejam o sol decadente, depois de terem aos seus raios assado a sua sardinha, quando o astro estava no zenith...

El-Rei, sorvendo uma pitada, indagou:

— E como vae o *deficit*, caboclo?

— Qual delles, Magestade?

— O do Estado.

— Dizem os entendidos que vae cada vez melhor, que está gordo como um cevado...

— E quando és reconhecido deputado carnavalesco?

— Depende da minoria, ou do voto accumulativo, Magestade.

— Espero, ancioso, a occasião de sancionar o teu reconhecimento.

— Muito obrigado, Magestade — murmurei com gratidão. — Oh! quem me dera ser deputado. E' o meu sonho mais dilecto!

— Suppunha-te com mais juizo. Para que demonio queres ser deputado?

— Essa não é má! Para ser deputado, unicamente para ser deputado... Acha pouco, Magestade? Agora, caso seja reconhecido, peço a Vossa Magestade para ser *leader* e augmentar o subsidio, sim? E' uma cousa justa e a vossa patria, na pessoa de seus representanties, ficará de cima, pagando bem e generosamente. Um deputado tem gastos extraordinarios a que elle não se pôde furtar e o subsidio actual não lhe chega, nem para o buraco de um dente... Tem, por exemplo, as *facadas*. Ha quem possa calcular o quanto dispende nellas um deputado? De certo, não. Não ha por ahi estudante que se não enfeite de pobre, que não morda o deputado, seu patricio; não ha compadre nem conhecido que não se julgue no direito de collaborar no subsidio. De resto, não é só isso. Um deputado precisa apparecer, Magestade, ir aos bellos logares, frequentar o mundo, ou aquelle *où l'on s'ennuie* ou o outro *où l'on s'amuse*. Em qualquer dos dois, a cousa custa caro. Supponhamos que, pela manhã, Madame Jagodes diz ao marido, dr. Jagodes, que é deputado:

— Juca, hoje faz annos a Viscondessa de Caxangá. Deves levar um presente. Que presente

o homem deve levar, para tão illustre fidalga? uma caixa de bonbons? um lenço de seda? um anel de pechisbeque? Certamente, não. Tem que levar uma joia cara e de preço. Está mais uma despeza do seu officio de legislador... Se eu fôr deputado, saberei agradecer a Vossa Magestade esse favorzinho, enquanto tiver vida e saúde...

— Serás. O meu governo sempre primou em manter nas eleições a liberdade plenissima do suffragio. Não se usam lá traficancias, cambalachos electoraes. No meu reino, tudo se faz, de accôrdo com a minha vontade, graças á influencia de varios galopins, habilitados com o curso completo de eleições. Os mortos gozam, na maioria dos casos, da regalia de se acharem recenseados e de poderem votar livremente nas secções, aonde por ventura a lucta eleitoral corra mais accesa.

-- Vossa Magestade é homem de palavra ou não é homem de palavra?

— Ora essa! Duvidas de mim?

— Cartas na mesa. Vossa Magestade promette-me despachar deputado? Faça-me esse obsequio, por alma de quem tem lá no outro mundo.

— Puxa, caboclo! E's desconfiado p'ra burro! Serás reconhecido deputado affianço-t'o e arranjar-te-ei tambem uma commenda.

Enchi novamente os calices:

— Magestade, mais um trago?

— Nem mais um pingo!—respondeu El-Rei, batendo com as mãos na saliencia do abdomen. Tomei o calice e enguli gulosamente um sorvo. Passados segundos, revesti-me do ar mais grave de que podia dispôr e, a torcer um fiapinho de lan, resaltado da calça de casemira, perto do joelho, ajuntei:

— Vou fazer-vos uma revelação, Magestade!

— Faze, cabocló, faze o que tiver na tua vontade.

Volvi um olhar indagador pelo aposento :

— As paredes são espessas ?

— Mais ou menos.

— Ninguem do outro lado ?

— Ninguem.

— E embaixo da escada ?

— Nada a receiar.

— Mas... Vossa Magestade é homem de segredo, não costuma a dar de lingua por ahi ? O segredo é a alma do negocio !

— Hom' essa ! Segredo que me é confiado é o mesmo que pedra atirada em poço. — E levou o dedo indicador aos labios, afastando depois a mão aberta e encolhendo os hombros, como a querer dizer : « eu cá... nem pio ! »

— Pois bem, Magestade ! Ahi vae a cousa. — Bati na testa com a mão espalmada, gesto apressado e sonoro de quem pretende matar môsca importuna e, grave, solemne, quasi tragico, suando por todos os póros, disse, num arroubo de orgulho, elevando a vóz :

— Magestade, sou inventor !

— Han ? !

E, assumindo um fino ar de importancia, dissertei, como se já estivesse no recinto da camara :

— Ha quem diga por ahi, Magestade, que o progresso, com a electricidade, chegou até onde poderia chegar e que tudo quanto por ahi se ouse inventar, sem o auxilio desse poderoso elemento, ficará sempre na retaguarda, classificado em gráo de inferioridade. Essas asserções, que tenho ouvido de diversas pessoas entendidas em assumptos que se relacionam com as ultimas creações scientificas, ca-

hem hoje totalmente pela base, destrombadas pela minha invenção. Não conheço outra que se lhe vantagem. Nem as leis de Kepler, nem os trabalhos de Francklin, de Pasteur, de Curie. Nada, absolutamente nada! Passei muitas noites de insomnia, a esgravatar a cachimonia e, depois de interminaveis dias sem comer, sem beber, consegui por fim a realisação plena da minha monumental invenção. Sou um martyr de sciencia, Magestade!

— Nada neste mundo se faz sem canceira e trabalho. Sabes? Eu tambem sou inventor!

— Sim? E que foi que Vossa Magestade inventou? Meus parabens.

— E's homem de segredo? não costumas a dar de lingua por ahi? Um segredo é como uma ostra: quando se abre, está morto.—E, baixando a voz, num tom confidencial, sussurrou-me:

— Inventei um canhão formidavel que será o maior do mundo, e que vae ser installado á entrada do porto do meu reino. Mede quarenta metros de comprimento e quinhentos e oitenta centimetros de calibre e trinta e cinco pollegadas de espessura.

— !!!

— O meu canhão póde arremessar a uma distancia de trezentos kilometros um projectil de mil novecentos e sete kilogrammas de peso, que percorre a sua trajectoria com uma velocidade de mil e quarenta metros por segundo. Esse canhão monstro, o rei dos canhões, representa uma respeitavel somma!

— E o vosso canhão funciona, Magestade?

— Se funciona ou não, não sei. O meu canhão está em pintura. Mas, se o fizerem conforme pintei, ha de funcionar por força. Deixemos, porém, o meu canhão socegado e falemos do teu invento, que me está aguçando a curiosidade.

Limpei a testa e, pigarreando, falei sobranceiramente, assumindo uma attitude severa :

— A epocha é das invenções, Magestade. Todo bicho careta inventa. Ora, eu que me prezo de ser um espirito inventivo e esclarecido, que acompanha anciosamente o vertiginoso rodar do carro do progresso, tambem não quiz ficar atraz de ninguem e inventei um apparelho de muita utilidade para o genero humano. O meu invento é de um valor incontestavel, Magestade. Será uma das mais preciosas instituições do século luminoso que atravessamos. E' a cousa mais estupenda que se tem realisado no universo desde a criação do mundo. Eu encherei a posteridade e serei monumentalizado. O meu nome será impresso a esmalte na placa da nova avenida do sr. Oscar de Mello. Ganharei popularidade, andarei nos jornaes. A Fabrica Palmeira lançará no mercado uma nova marca de bolachinha com o meu nome. A mesma homenagem receberei das camisarias, das fabricas de cigarros e de sabão. O que eu quero, quanto antes, é registrar a patente do meu invento, protocollal-a, afim de que não caia em caducidade.

— Mas, afinal, o que inventaste, caboclo? Alguma engenhóca para defumar leite de seringa, descascar arroz, moer vidro? ou alguma machina para pesar sal a granel ou carvão de pedra?

— Cousa superior, Magestade, muito superior. O meu invento denomina-se—CERVEJYMETRO. Ninguem, até hoje, era capaz de organizar uma estatistica completa dos metros de cerveja, consumidos pelos bebedores. Actualmente, porém, a cousa mudou de figura, graças ao meu engenhoso apparelho, cuja experiencia levei a effeito, hontem, na Casa da Onça, á Travessa Campos Salles, em presença de auctoridades

civis, militares e consulares, representantes da imprensa, dos directores das fabricas de cerveja paraense e amazonense, srs. Darlindo Rocha e dr. Maximino Corrêa, respectivamente, e varios representantes das cervejas paulistas e fluminenses. Foi tão retumbante o successo que, logo após á experiencia, os proprietarios do Grande Hotel, Café da Paz, Carióca, Tartaruga, Barbinha, Café Manduca, Bar Paraense, Cachimbo de Aço, Botequim Central e outros, cahiram em cima de mim como formiga em assucareiro destampado, empenhando-se fortemente no sentido de serem installados os cervejymetros na barriga dos seus frequentadores. . .

— Na barriga?—inqueriu El-Rei, olhando-me admirado.

— Sim, na barriga, e então? Vou me abrir com Vossa Magestade e botar tudo em pratos limpos. —E, sem muitos rodeios, foi pondo pingos nos *ii*.—O apparelho compõe-se de uma torneira de grés, forrada de nickel, com um thermometro centigrado dentro, que marcará a média, o maximo e o minimo dos metros de cerveja, ingeridos pela guéla voraz dos cervejymetrophilos. Enfia-se a torneira na barriga dos bebedores até tocar no esóphago, entre a sexta e setima costella, perto do intestino grosso e da bexiga e ao lado do rim esquerdo. O apparelho é movido por um motor electrico e marca até o vento que passa pelo encanamento! Cobrarei cincoenta réis por metro de cerveja absorvida e darei quinhentos réis de bonus ao consumidor da bebida. Que tal a idéa, Magestade?

— Pyramidal, caboclo! E estavas muito caladinho, hein? Sim, senhor! Meus parabens.

— O que eu quero é a patentezinha. Gastei um rôr de dinheiro. Só a peça principal, Magestade,

custou o que não ganham o Nilo Vieira, na Delegacia Fiscal, e o Figueiredo, nos Correios, durante tres mezes e meio. Foi ella executada nas acreditadas e vastas officinas dos srs. Manoel Pedro & C.^a, a quem devo a gentileza de se confiarem de mim, do meu credito... Captivantes moços aquelles, Magestade!

— A quem o dizes. São os meus fornecedores e banqueiros...

Enchendo meu calice de paraty, bebi um pequenino góle e accrescentei:

— O concessionario dos cervejymetros no norte do Brazil e no baixo Amazonas, onde tem meia duzia de seringaes, é o meu amigo, unha com carne, Jesuino da Fonseca Bernal. Estimo-o como se tivesse andado com elle na escola. Além disso, foi o meu companheiro nas lides commerciaes e fallimos juntos na crise do começo deste seculo, a qual flagellou o nosso Estado e de cujas consequencias vivem muitos a tripa fôrra... A nossa amizade é solida como um blóco de cimento Portland. No fundo é um bello character, um cavalheiro muito recto, d'antes quebrar que torcer, phyrnico até alli... Mas é um homem muito serio, Magestade, pae de duas filhas solteiras, uma viuva e dois netos pequeninos...

— E haverá ainda neste tempo algum pae de filhos que seja serio, caboclo?

— Ora esta, Magestade! Então, como não ha de haver?

Neste comenos, entrou no aposento o camareiro de El-Rei. Era um sujeito avelhuscado, de lunetas fumadas, rapado á escovinha, bigodes espetados e com uma barriga um pouco maior do que a do capitão Manoel Torres. Vestia um gibão negro de compridas abas prégueadas, um collete de gran-

des bolsos na frente, apertado por uma larga fita encarnada, gravata e luvas bordadas, calções pretos tu-fados, apertados acima dos joelhos com laços verdes, dos quaes sabiam as meias amarellas e, finalmente, sapatos de bico fino e longo, com fivélas de prata. Accendeu as stearinas dos candelabros e, numa curvatura respeitosa, impassivel e frio, perguntou secco-mente:

— Vossa Magestade quer o banho de chuva ou de cheiro?

— De cheiro—respondeu El-Rei, encalistrado, olhando-me d'esguêlha

Logo que o camareiro se retirou, cheio de rapapés servis, não me pude conter e perguntei, curioso:

— Que banho de cheiro é esse, Magestade?

— Receita do amigo Saturnino Fernandez para... —E segredou-me uma certa cousa... —E' um banho morno de muirapuama, aratassiú, priprióca, cipó catinga, péga não me larga, japana, mucuracaá, trevo de folha rôxa, bejoim, macaca puranga, alecrim da horta, escada de jaboty e raspas de veado galheiro. Poucas *melhoras* tenho tido com o tal banho. Dou-me bem com a cangica de milho, abacate com vinho do Porto, gemmada com cannéla, refrescos de guaraná e massagens pela manhã... E El-Rei piscou-me bregeiramente o ôlho, sublinhando risinhos de instinctiva malicia...

Sorri, piscando tambem o ôlho para o lado de Sua Magestade e puz-me de pé. Aprumei-me, porque me sentia um pouco torrado, isto é, quasi entre ás dez e ás onze... Sacudi-me, dei um puxão ao frack e aos punhos e rosnei:

— Levanto acampamento, Magestade. E' tarde e eu perco a primeira sessão.

— Da camara ?

— Não, do cinema Olympia. Vae até lá uma pequena de truz! Marcou-me um *rendez-vous*. . . Inclinei-me outra vez com palaciana reverencia e a dessorar carinhos na expressão do olhar, nos gestos, nos menores movimentos, tornei a despedir-me :

— Adeus, Magestade. Muito obrigado por tudo.

— Esta casa cá fica ás tuas ordens, para o que fôr preciso. Apparece sempre para prosarmos um pouco. Não queres jantar commigo? Tenho uma cozinheira bahiana que conhece o segredo do meu paladar. Apesar de ser paralytica do lado esquerdo, ter a bôcca torta do lado direito e uma posthema num braço e deitar sangue pelo nariz, prepara como ninguem uns pitéus deliciosos. Jantas? A honra é toda minha.

— Para outra vez, Magestade.—Estendi-lhe a mão.—Adeus!

El-Rei apertou-m'a amigavelmente, demorando o aperto com intimidade :

— Adeus não, até á vista! Sacudiu-me dois grãos de pó da aba do frack, endireitou-me um botão do collete, compôz-me com rematada elegancia o nó da gravata, accrescentando com a mão pousada no meu hombro :

— Quero fazer-te um pedidozinho, caboclo. Quando falares de mim no teu jornal, não te esqueças de dizer que eu sou muito modesto, quanto erudito. E, se não custar muito caro, desejo que saia o meu retrato, encimando a minha biographia, em typo gordo, na primeira pagina, para chamar a attenção do publico.

— Perfeitamente, Magestade.

— Olha, promove tambem uma subscrição po-

pular, para me erguerem uma estatua, sim? Os amigos são para as occasiões.

— Conte commigo, Magestade.

Depois de um silencio, arrisquei baixinho, num bem simulado gaguejo de confusão:

— Eu tambem tenho a fazer um pedidozinho a Vossa Magestade...

— Que é? Queres ser meu official de gabinete? desejas a pasta da Justiça? ou a carta do Conselho? Se quizeres o habito de São Thiago ou a Legião de Honra tambem se arranja; isto aqui é só pedir por bôcca.

Fingi-me contrafeito, de cabeça baixa, a torcer os dedos. Fiquei silencioso um espaço de tempo sufficiente, para se poder contar até vinte, ou mesmo até vinte e um.

— Mas, que é que tu queres? Desembucha, caboclo.

— Nada... Magestade — murmurei arteiramente.

— Não és franco... Anda, dize lá.

— Acanho-me...

— Ora, ora...

Mastigando as palavras, com a lingua entaramellada, desembuchei:

— Vossa Magestade nem por sombras imagina: o dinheiro nas minhas mãos é como cinza deante de um folle... vôa logo. Estou entalado até o fim do mez, não tenho recebido os meus rendimentos... Se Vossa Magestade estivesse em condições bastante desafogadas, queria que me emprestasse duzentos mil rês... Os amigos são para as occasiões...

El-Rei estendeu o braço á garrafa de paraty, encheu o seu calice, silenciosamente, sem modificar o rosto sereno, denunciando apenas pelo pestanejar

vagaroso quanto no seu íntimo pesava a *mordidéla* e respondeu:

— Pois sim... E levou o calice á bôcca, sem me offerecer. Limpou os beiços no lenço, esvasiou o nariz do rapé, servindo-se para isso do dedo mata-piolhos, que applicou a uma das narinas, fungando com estrepito e expellindo por esta fôrma o conteúdo da outra. Em seguida, sempre vagaroso, aproximou-se dum contador de téca, abriu uma das gavetinhas, de onde tirou uma enorme carteira de couro da Russia. Puxou de dentro della um macinho de notas largas, molhou o dedo de cuspo, folveu-o e retirou delle uma pelega de duzentos, da Caixa de Conversão, novinha em folha. Dobrou-a muito e deu-m'a:

— Ah! tem...

Levei a mão surrateiramente á nota, guardei-a no bolso da calça, com movimento discreto e reconhecido, e, curvando o espinhaço, disse como nos necrologios:

— A minha gratidão será eterna, Magestade. Logo que possa...

— Não ha pressa...

Com toda a circumspecção, depuz na augusta e dadivosa mão de El-Rei um beijo rechiado, gratissimo e sahi. Ao transpôr o reposteiro, lembrei-me que me havia esquecido do *block-notes* e, voltando para ir buscal-o, vi que Sua Magestade acabava de fazer-me pelas costas um adeus de mão fechada... Por delicadeza, fiz que me não percebi do *gesto amavel* e, enfunado na minha importância, muito tezo, disse a El-Rei um adeusinho com o dedo médio e abandonei o aposento real. Desci, de vagar, a escada em espiral, agarrando-me ao corrimão e, altaneiramente, requebrando o corpo, balancean-

do o andar, solemne e compassado, embiquei pela sala de jantar, onde a Borboleta, reclinada languidamente num preguiceiro de pés retorcidos, junto a um guarda-prata de carvalho, tinha entre as mãos brancas e divinamente pequenas, a *Terra Cearense*, de Rocha Moreira, que lia ou fingia ler.

A Borboleta não estava mais phantasiada de *borboleta*. Vestia uma bata de rendas, aberta no seio em quadro, e que a envolvia em frócos de espuma. Bogarys murchavam ao calor de seu cóllo farto. Uma fitinha de velludo preto apertava-lhe a carne alva do pescoço. Os cabellos revoluteavam-lhe sobre a curva dos hombros, tubulentos, crespos, em tons cendrados, fazendo na penumbra um desenho de juba. As largas mangas deixavam a descoberto os braços gordos duma carnação perfeita e, de pernas cruzadas, vi-lhe as vermelhas chinelhinhas de Cendrillon e um pouco de perna, núa, torneadinha, carnuda...

Inclinei a cabeça numa acanhada saudação e fui desta bem pago, porque recebi outra com os jurros de um sorriso e um « Bôa noite, cavalheiro! » que se lhe coou dos labios como de um favo se destilam gôttas de mel... Fiquei atolambado, sem saber de que freguezia era... Apezar do ar *gauche* e chôco que eu sempre ganho nas amabilidades a damas, deu-me na telha de chegar-me á fala com a Borboleta, deitar-lhe as minhas redes, arriscando-lhe uma declaração de amor em regra e dizendo-lhe uma duzia de palavrinhas assucaradas, que decorára do *Secretario dos Amantes*, pagina 26 e seguintes... Pensei com os meus botões metter mãos á obra da conquista pelo livro do poeta amigo. Um homem não é de ferro... Torci os bigodes, limpei os olhos, um tanto ennevoados d'alcool, tomei coragem e... avancei. Sem

mais aquellas, cahi de joelhos aos pés da Borboleta, segurei-lhe uma das mãos, beijando-lhe os dedos brancos, creados na indolencia e, muito dengue, balbuciei com a voz meliflua e quente, como a de um capão acompanhado de pintos:

— Os encantos da menina abrem horisontes novos á poesia! Se o auctor desse livro a visse, escreveria, de certo, um poema immortal, como *O Inferno*, de Dante...

— Ui! Que é isto, cavalheiro!

— *Isto...* é o amor!—retorqui, tremulo e alogueado. E continuei, como um galan de dramalhão:

— Amo-a louca e apaixonadamente! Morro por si, sabe? Vê-la e amal-a foi obra dum momento. Entrego-lhe a minha vida, o meu coração, tudo, tudo o que a menina quizer! Faça de mim o que entender! Mas, por piedade, por misericordia, compadeça-se de mim e não abuse mais deste amor que me entontece e aniquila! Seja coerente ao menos uma vez na sua vida, retribuindo este affecto que lhe dedico do intimo de minh'alma. Creio que não deve exigir de mim maiores explicações, para comprehender perfeitamente o que sinto cá por dentro... A sua imagem, só com a morte, será expulsa do meu peito, quando reduzido a pó! A luz dos olhos da menina me deslumbrou como um holophote!

A Borboleta encolheu os beiços carnudos e rubros num gracioso muchocho e, sem me fitar, soltou vagamente a invariavel, a historica, a chapaica phrase, pronunciada por quasi todas as mulheres cazadoiras:

— Não creio, cavalheiro. Os homens dizem sempre isto...

Ebrio de amor, quiz protestar, abrir novamente, de par em par, as portas do meu coração, jurar-

lhe por todos os santos de todos os kalendarios, quando ella se levantou e tratou de tirar-se do meu alcance, fugindo para uma janella, enquadrada de trepadeiras, onde se debruçara, cantarolando a valsa da *Boheme*. Desajoelhei-me e, seguindo empós della, insisti mansamente:

— Então? Parece que o que eu disse á menina entrou-lhe por um ouvido e sahio-lhe por outro?...

— Lindo entardecer!— disse ella, a disfarçar, tamborilando com os dedos na vidraça e fitando o poente purpureado, onde o sol descia, entre nuvens esbrazeadas, como uma fornalha ardente.

— E' um encanto, é— acquiesci, com um pigarrito— Mas a menina não me responde? Uma resposta sua e serei o mais feliz ou o mais desgraçado dos mortaes!

— Vá-se embora, cavalheiro! Olhe Sua Magestade.

— Qual Magestade, qual historia! Não me quer responder? Por que?— Ah! já sei! Tem algum namorado, já se arrumou... Pudera! A menina não é nenhum peixe podre... E' o melhor palminho de cara cá do bando...

— Agora isso...— protestou a Borboleta, baixando os olhos, meio ruborisada de pejo.— Eu nunca namorei. Vivo aqui como num convento de freiras. Sua Magestade é muito ciumento e não me deixa pisar em ramo verde...

— Ama-me ou não me ama? Desengane-me logo ou me empreste um revolver e me deixe metter aqui mesmo duas balas nos miolos e uma no coração!

— Credo! Mas, quaes são as intenções do cavalheiro?

— Cazar-me com a menina, ora ahi está. Eu não ando com arcas encouradas... Se é certo que todas as almas perambulam neste mundo aos pares, porque não havemos nós de emparelhar as nossas? A menina me julga um bigorrilhas, sem eira nem beira?

— Huê!

— Sou rico, sabe?—E procurei immiscuir-me no coração da Borboleta, como uma formiga que descobre geito de entrar no mais bem tapado assucareiro, tentando-a como Mephistophelis a Margarida:

— Cobro a menina de vestidos de seda de Lyon, rendas de Bruxellas e de Alençon, de solitarios offuscantes, braceletes preciosissimos, diademas, chuveiros, de toda a joalheria fidalga e cara que houver nas montras da Casa Krause e Pendula Americana. Ponho a menina a grande, no trinque do luxo. Terá carruagens, automoveis, tudo quanto quizer, a pedir por bôcca, já viu?... E, como contrapeso, offerto-lhe o meu coração, transbordante de amor. Faz de conta que sou uma rôlha de cortiça na corrente dum rio e a menina é a corrente... Quer ser minha esposa? Aqui tem a minha mão...

A Borboleta, toda confusa, toda medrosa, mordendo entre dois incisivos a ponta duma renda, resaltada do decôte da bata, confessou baixinho, com um brando olhar vencido e amoroso:

— Só não querendo...

— E' verdade o que meus ouvidos ouvem?...

— O cavalheiro é o primeiro homem de quem eu gosto, creia. O seu porte, o seu pensar, as suas falas, as suas maneiras, o seu chic calaram fundo no meu ingenuo e virginal coração de mulher...

— Ama-me, então? Jure!

— Pela salvação de minh'alma!...

— Obrigado!—agradei, sassariqueiro, collocando a mão sobre o peito e sentindo tentações diabolicas de enlaçar a Borborleta pelo cinto e apertar nos meus braços aquelle corpo, duma plastica soberba... E com um suspiro fundo, perguntei:

— Como se chama a menina?

— Rosa.

— E' um nome muito proprio e bonito.

— E o cavalheiro?

— Eu me chamo Agapito. Acha bonito?

— Tão bonito não é, mas é quasi...

Encabulei, mas não me dei por achado. Pigarriei, armei-me das seducções mais irresistiveis que tinha ao meu dispôr e, tomando uma *pose* elegante, tal qual como o manequim que a Casa Ramos costuma ter no seu afamado *atelier*, para pendurar fatos feitos, declarei fogosamente, com o juizo a arder, como se dentro do meu cerebro fumegasse a caldeira de breu do porco sujo:

— Pois bem, adorada Rosa. Depois do Carnaval, procurarei Sua Magestade e farei o pedido de sua mão com todas as formalidades legaes...

— Se Sua Magestade consentir...

— Consentirá. Supplicar-lhe-ei de joelhos, se preciso fôr... Se elle negar, insisto, falo, discuto, queixo-me á policia. Ha de ceder, por bem ou por mal!...

— Não tenho pae nem mãe. Sahi do collegio ao doze annos e vim para a companhia de Sua Magestade, que é meu padrinho e tutor. Sei apenas lêr, escrever, tocar piano e costurar. Sou só no mundo. Eu não valho nada, pobre de mim!...

— Vale tudo... Eu tambem sou só no mundo. Vivo mais solitario do que o rei Lear. Preciso duma companheira, duma mulher, que seja minha es-

posa á vista do mundo. Bernardin de Saint Pierre diz que não ha melhor amigo do que uma mulher que nos ama... Dia e noite, sonho com o setimo sacramento da Santa Madre Igreja. Quando cabir doente com os engorgitamentos do figado a que sou attreito, não tenho quem me dê um caldo, um remedio, quem me vele á cabeceira... A menina está mesmo a calhar para ser minha enfermeira...

— Mas o cavalheiro é homem para pedir a mão de uma mulher? Tem animo?

— Se eu sou homem e tenho animo? Essa agora! A mão de minha primeira mulher foi por mim implorada a um pae feroz, e no emtanto, casei.

— O cavalheiro é viuvo?—inqueriu a Borboleta, abrindo de espanto os seus lindos olhos e fazendo um movimento furtivo d'ave assustada.

— Duas vezes, felizmente... Mas estou prompto, para dar este passo pela terceira vez. Não tenho impedimentos dirimentes... Nunca tive filhos... Quero casar-me. Estou farto de noitadas, de bôrgas, de mulheres lindas que amanhecem hediondas... Desejo pôr um paradeiro á minha vida desregrada e dizem que os homens assim vêm dar em bons maridos... Como na Biblia que me atire a primeira pedra o viuvo ou o casado que nunca fez patuscada grossa... Sinto-me ainda forte... Case commigo a menina e hei de lhe proporcionar com o meu amor todas as felicidades possíveis e impossíveis; teremos uma penca de filhos, serei o mais carinhoso dos paes, abarrotal-os-ei todos os dias de brinquedos, doces, bonbons e quanta guloseima encontrar pelas ruas. Daremos bailes, jantares, recepções, festas. Depois da guerra, faremos uma viagem ao estrangeiro, a visitar os logares, onde fôram travadas as mais celebres batalhas. An-

tes, porém, gozaremos a nossa lua de mel, a farta, nesta cidade; andaremos de automovel aberto, iremos aos theatros e aos cinemas, faremos pic-nics no Tatuóca, estações balneares em Soure e no Chapéu Virado, veranearemos no Marajó, frequentaremos, emfim, a fina sociedade... Ah! isto sim é o meu idéal, o sonho vivo das minhas aspirações, o castello que eu futuro para a nossa felicidade... Como já lhe disse, a minha fortuna deve andar por uns cinco mil contos, numeros redondos. Dou á menina carta branca para gastar a mãos rôtas...

A Borboleta, estendendo-me graciosamente a mãosita, disse-me, baixando a linda cabeça loura:

— Adeus, cavalheiro! E' muito perigoso conversarmos aqui. As paredes têm ouvidos... Sua Magestade pôde saber... Olhe, espero-o amanhã, á noite, no quintal, ao pé do poço. Venha ás onze horas...

— Está a caçar.

— Não estou.

— Seriamente?

— Seriamente. Mas ás onze em ponto, porque ás dez e vinte e cinco a Bilóca tem uma entrevista com o namorado no mesmo ponto... O signal é uma pedrinha em cima do zinco do banheiro...

Inhelava, anesthesiado, os trescalos tepidos do seu corpo, tão embalsamado que dir-se-ia que andára a brincar num horto aromatico. Via pela abertura do decóte palpitar os seus redondinhos e pequeninos seios. O seu halito afagava-me brandamente o rosto, tonteando-me, como um narcotico... Meus dedos tocaram, sem querer, nos seus cabellos, depois num bocado de pelle do seu

braço... Rapidamente, de solavanco, com a lingua pèrra, perguntei:

— Amanhã... de noite... ás onze horas?...

A Borboleta disse que sim com a cabeça. Subito, perdi a transmontana e, num phrenesi mal contido, entendi não ser mais um Tantaló á beira do lago do Amor e quiz tirar a prova dos nove da minha felicidade... Enlacei-a pela cintura e ia pespegar-lhe um beijo na nuca, quando ella, com um gritinho nervoso, se despreheu dos meus braços e, pousando o dedo sobre os labios, como impondo silencio a uma creança, admoestou-me, muito séria:

— Tenha juizo! Olhe Sua Magestade. Nossa Senhora, nem parece um homem velho!

— Um beijo, ao menos, por conta!

— Ainda é cedo...

— Um só!... tornei a pedir, erguendo no ar o indicador, direito como uma batuta.

— Nem meio!

E, como Sua Magestade bérrasse lá em cima, reclamando não sei o quê, a Borboleta fugiu, abrindo o rosto num momo provocante de troça, e lançando-me fogo com as faúlhas que despedia dos seus olhos verdes... De longe, apinhou os dedos e atirou-me um beijo. Não gostei nada desse beijo, porque sei por experiencia e pelos versos de Boufflers que o beijo é um fructo que só tem sabor, quando colhido sobre a arvore... Enviesguei-lhe por isso os olhos dum modo lastimoso, como se lhe dissesse—ingrata!—e, meneando tres vezes a cabeça descontente, desentranhei um suspiro, enguli a saliva e, vagarosamente, dei de andar pelo corredor, rumando para o ôlho da rua, antes que fizesse uma

asneira... Na sala de espera, deparei o cabuloso do secretario, enterrado numa cadeira de braços, a dormir a somno solto, com os oculos erguidos para a testa, roncando como um porco na séva. Ao beijo de baixo grudava-se-lhe o cigarro, molhado dum escorrimento preto que se misturava á baba. Uma varejeira patinava-lhe sem cerimonia na calva suada, que reluzia como uma bóla de bilhar. Entendi, por vingança, prégar-lhe uma partida e despertei-o com um safanão:

— Eh! *seu* Barnabé! Acorde p'ra cuspir!

— Que é? que é?—grunhiu o dorminhoco, estremunhado, levantando-se de um pulo e esfregando assarapantadamente os olhos.

— Então já a dormir?

— Ando esfalfado, cavalheiro. Puxo muito pelo peito durante o dia... E bocejou, traçando com o pollegar uma cruz mais sobre o nariz do que sobre a bôcca:

— O cavalheiro já se raspa? Cá ficamos sempre ás ordens. Não faça cerimonia...

Arreganhei-lhe os dentes, num risinho azedo:

— Cerimonia, hein? Você não se portou, lá muito correcto commigo, *seu* Barnabé.

— O cavalheiro ha de me desculpar, sim? São rabugices... Estou velho, cheio de achaques... Tenho jús a uma reforma, a viver socegado os poucos annos que me restam de vida... Depois, commandante manda, marinheiro faz...

— Sabe!... Você escapou de bôa! Estive vae não vae para lhe desancar com a bengala, que nem a pelle lhe deixava...

— O cavalheiro não fazia tal cousa. E' de fino trato e muito educado...

— E sou, *seu* Barnabé. Lá isso sou...

— Ponha-se o cavalheiro no meu lugar e verá as afeições que lhe surdem. Aqui muito se trabalha e pouco se ganha. Ainda por cima andamos, agora a fazer exercicios?

— Exercicios?

— ... e militares. Sua Magestade tem comprado armamento p'ra burro e organisou uma brigada que faz manobras todas as manhãs. Esta casa parece um quartel... Aprendem a marcha, as evoluções de conjuncto, o manejo das armas... Sou o instructor... Não é brincadeira levar duas horas a fio, á torreira do sol, a berrar aos marmanjos cá da tropa.—Apresentaaaar! Arrrrrrma! Prrrrreparaaaaarr! Apontaaaarr! Arrrrrrma!

— E é a fogo, *seu* Barnabé?

— Uma vez por semana. As meninas de Sua Magestade é que preparam as cartucheiras e estão encarregadas do arsenal bellico...

Coei a cabeça e exclamei, em vóz baixa:

— Teremos, por acaso, mouros na costa, *seu* Barnabé?

— A que mouros o cavalheiro se refere?

— Você não percebe patavina do que eu digo? Vejo-me forçado neste caso a não mais falar em sentido figurado. Pergunto se ~~Vossa~~ Magestade quer fazer alguma revolução, usurpar o nosso Estado, como os inglezes fizeram á ilha da Trindade...

O secretario olhou cautelosamente em redor de si, espichou a cabeça para o lado do corredor com movimentos de um kangurú acossado, e soprou-me ao ouvido:

— Desconfio...

— A cousa é grave, muito grave.

— Pelo amor de Deus não vá divulgar no seu jornal o que acabamos de conversar—recommen-

dou-me o secretario. E' segredo! Os jornalistas possuem um tino e uma habilidade especiaes, para puxarem a lingua á gente... Qualquer revelação que se confiem é como agua em paneiro... Mas tenho a certeza de que o cavalheiro ha de guardar segredo. Dá-me a sua palavra de honra?

— Conte com ella, *seu* Barnabé.

E entregando-me a cartóla e a bengala, todo risonho, o secretario *mordeu-me*:

— O cavalheiro não tem ahi alguns nickeis disponiveis? E' para arriscar umas centenasinhas do bicho... Amanhã, dá o «elephante,» na certa. Ha pouco, quando o cavalheiro me acordou, sonhava que um elephante andava por cima do telhado do Theatro da Paz...

Metti dois dedos no bolso do collete e, entregando-lhe uma moeda de quatrocentos réis, desculpei-me:

— Não tenho dinheiro trocado, *seu* Barnabé. Para outra vez dar-lhe-ei mais...

— Tudo o que cahe é peixe, cavalheiro. Santo Onofre lhe queira proteger. E, acompanhando-me, cheio d' affecto até o atrio, estendeu-me a mão porquissima, de unhas ganhando ao preto:

— Bôa noite! Não acompanho o cavalheiro até lá fóra, porque a noite está muito *ventosa*!

— Até mais vêr *seu* Barnabé, até mais vêr. Muitas lembranças minhas a Sua Magestade.

Lentamente desci a escadaria e atravessei o jardim, assobiando a valsa *Amor dos Cysnes*, de Clemente Ferreira. Abotoava-se a noite, scismadora e morna. A lua, em crescente, ascendia no céu azul ferrete, entre estrellas tremulas. Boiava nos ares a suave fragancia das flores e dos vegetaes orvalhados. Cururús coaxavam e os grillos faziam o seu

triiiiiii, prolongado e irritante. Nas folhas das plantas e das arvores vagalumes scintillavam como fogos fatuos. O repuxo atirava para cima o seu fio d'agua, que cahia, grugulejante, na superficie tranquilla do tanque. Em cima dum muro, havia um duetto de amor felino, representado por um gato e uma gata, com uns miados muito longos e tristes... Apanhei uns cascalhos e joguei sobre os *barulhentos namorados*, que dispararam pelo muro abaixo, bufando, de rabos em pé, e fazendo um barulho dos diabos. Sentado no batente do portão, com uma perna esticada, os olhos pregados no céu, o chapéo a resvalar-lhe pela nuca, o jardineiro cantava, acompanhando-se com um cavaquinho:

Maria Cachuxa
Com quem dormes tu?
Durmo com um gato...

O trovador estava num piléque formidavel. Logo que me viu, parou de cantar, levantou-se e, numa guinada, tirou o chapéo, saudando-me:

— Bôa noite, patrão! Faz favor duma palavrinha?

Estaquei com um calafrio, olhando em torno a vêr se por acaso não estava por alli algum policia... O jardineiro era um homem baixo, atarracado, abaulado nas pernas e falho de frente, typo alvar, um exemplar magnifico das theorias de Darwin... Aproximou-se de mim e, cuspilhando, perguntou-me:

— O patrão é jornalista?

— Porque? Quer noticiar o seu anniversario? publicar algum soneto?

— Vute! Quero lá saber dessas babozeiras!..

O que eu queria era que o patrão me favorecesse

com uma pratinha... E' p'ro bicho. Tive um sonho exquisito esta noite. Sonhei com um jacaré trepado num poleiro a cantar de gallo...

Dei-lhe uma prata de dois mil réis, dizendo com *aplomb*:

— Tome lá. E juizo, hein?

E, acto continuo, rumei para os penates a passos rapidos e rapidos zig-zags, o chapéo a tres pancadas, girando a bengala e cantarolando alto, muito alto, com a minha magnifica e bem timbrada vóz de baixo profundo, um trecho para tenor do *Duque de Vizeu*, do maestro Ettore Bosio. De repente, de uma horta, um cachorro felpudo investiu contra mim, ladrando furiosamente a uma das minhas canélas, pensando que ella fosse algum *filet* de açogue... Dei um pulo para a frente, como se me fizessem cocegas nas plantas dos pés e, tropeçando num matacão, estatelei-me numa *pôia* mólle de estrume bovino, ficando com o assento das calças em misero estado... Levantei-me em dois tempos, enterrei a cartóla na cabeça, cuspi com engulho, tomei impulso e desatei a correr pela estrada a fóra, perseguido sempre pelo endemoniado cachorro. Mas, tambem, quando cheguei em casa, não fui perguntando quem estava de semana: dei um cascudo no papagaio, chimpei dois abraços na cozinheira, peguei numa tranca e descasquei uma surra á antiga portugueza no Desiderio, malhando-o, marretando-o bem. O moleque escalavrado, escorrendo sangue, a roupa em tiras, a venta inchada, lamentava-se, chorando:

— Que foi que eu fiz, *seu* doutor?

— Ainda tem a petulancia de perguntar, seu traste? E a louça da casa? Se duvida, apanha mais, quer vêr? Applico-te uma surra que has de passar tres dias, de suspiro para o ar, tomando fresco...

Patife! Se não andares direitinho commigo, punhote uma farda ás costas, metto-te na Escola de Aprendizizes Marinheiros ou no Instituto Lauro Sodré...

E cahi, derrengado de cansaço, numa poltrona. Depois tirei o frack, o collete e ia chuchurrebiar um aperitivo, quando conheci que algo de grave conturbava o rythmo physiologico dos meus intestinos e senti-me presa do desejo de satisfazer a mais terrivel, a mais implacavel e ao mesmo tempo a menos graciosa das necessidades phisicas... E corri para os fundos da casa á procura dum cubiculo que só se póde dizer ao ouvido, quando a gente está junto de pessôas de cerimonia...

Dois quartos de hora depois, de chambre de riscadinho e chinéllas de tapete, eu me esparrimava numa cadeira de balanço fumando em frente dum gramophone e deliciando-me com a *Celeste Aida*, cantada por Caruso. Sentia-me satisfeito, como um homem que, cumprindo o seu dever, não tinha'a pensar-lhe na consciencia nem uma má acção, nem uma asneira... Admirava no meu *eu* o modo por que dera maravilhosamente conta do meu recado, entrevistando Sua Magestade. Considerava-me um jornalista emerito, callejado na imprensa! E cheguei a ter ciumes de mim mesmo! Borbulharam-me, então, desejos exquisitos: quiz correr, correr até o Largo da Polvora e, trepado numa das mezas da *terrasse* do Grande Hotel, gritar, apregoar bem alto o meu talento, como se apregoam os jornaes; tive vontade de sahir em pêllo pelas ruas, como Archimedes, para ser preso e dizer ao subprefeito de permanencia o motivo do escandalo... E tão radiante estava que tive um desejo insoffrido de dar outra surra no Desiderio, descompôr a vizinhança, gritar até enroucer os nomes mais indecentes... E, para desaba-

far, levantei-me, abri a janella de par em par e, debruçando-me sobre o peitoril, berrei, então, com toda a força, atroando o silencio do meu quarteirão pacato :

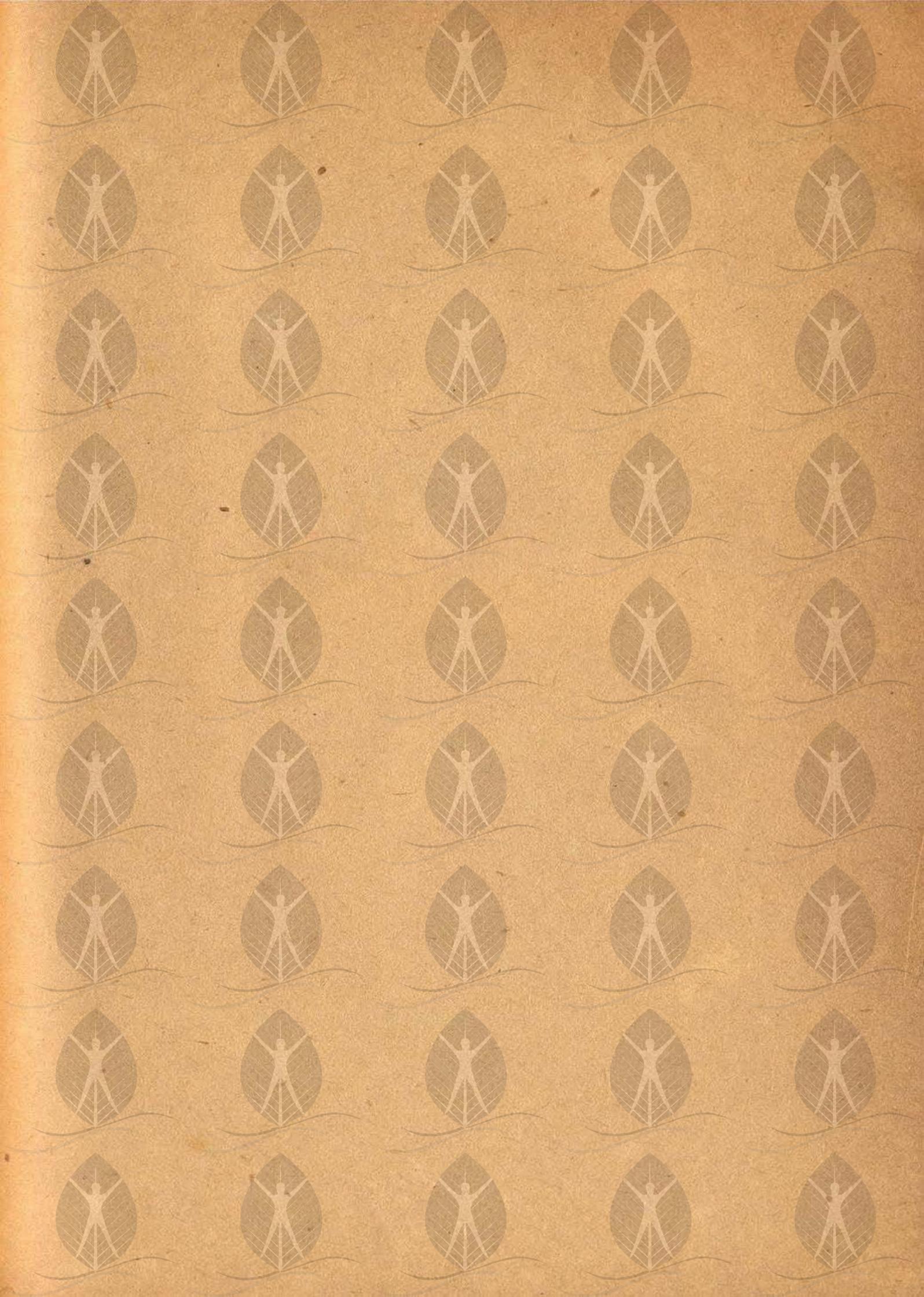
— Viva a Republica!

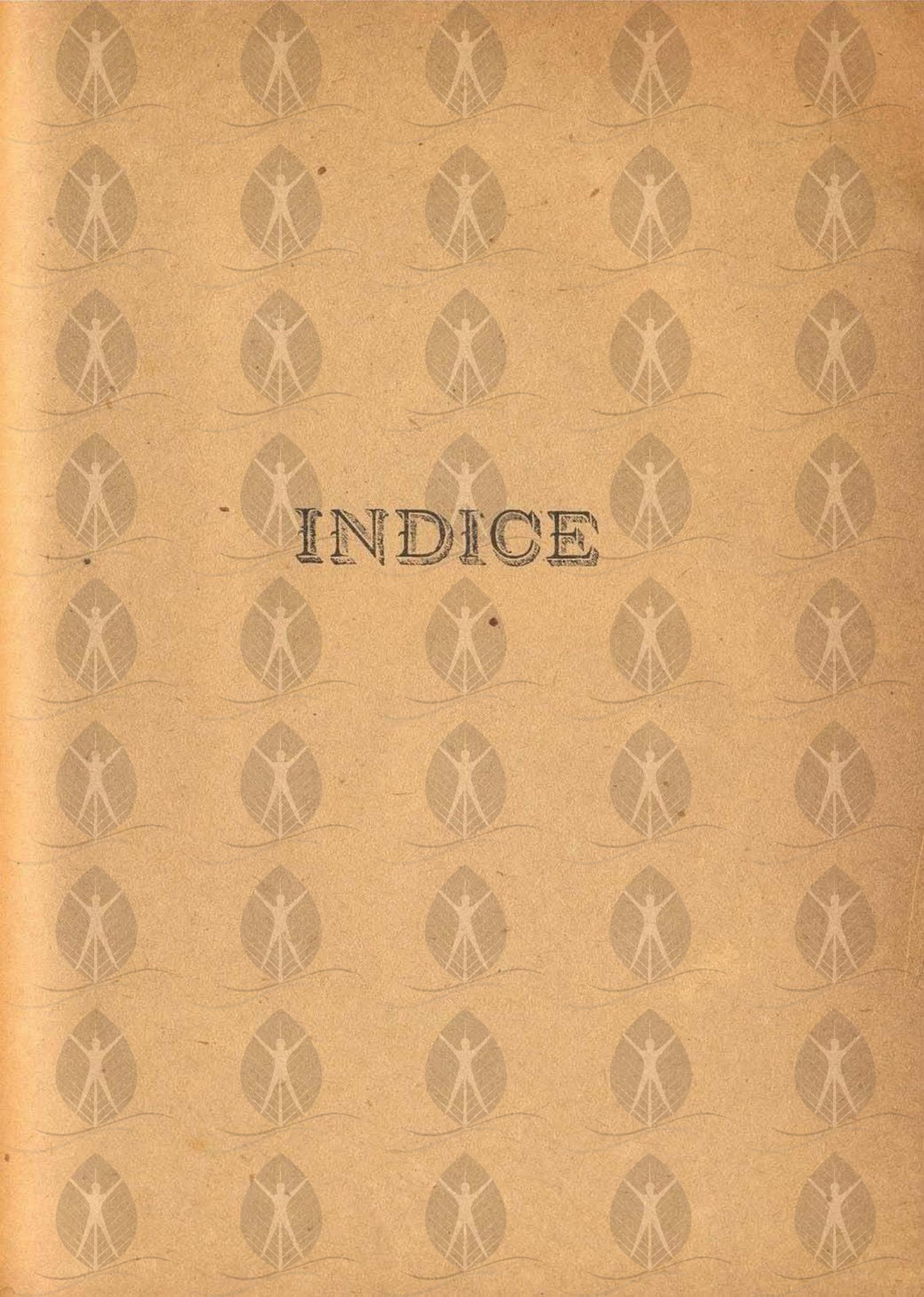
— Viva!—respondeu o moleque, rompendo pela sala, de campanhia em punho a chamar-me á paparóca.

Triumphante como Julio Cezar de volta da conquista das Gallias, encaminhei-me para a sala de jantar, sentei-me á meza e comecei a devorar, sereno e tranquillo, como um mortal que, graças á sua bôa estrella, estava livre, felizmente, do horario das funcções do Estado, alliviado das obrigações do ponto e dos... recebimentos do Thesouro...

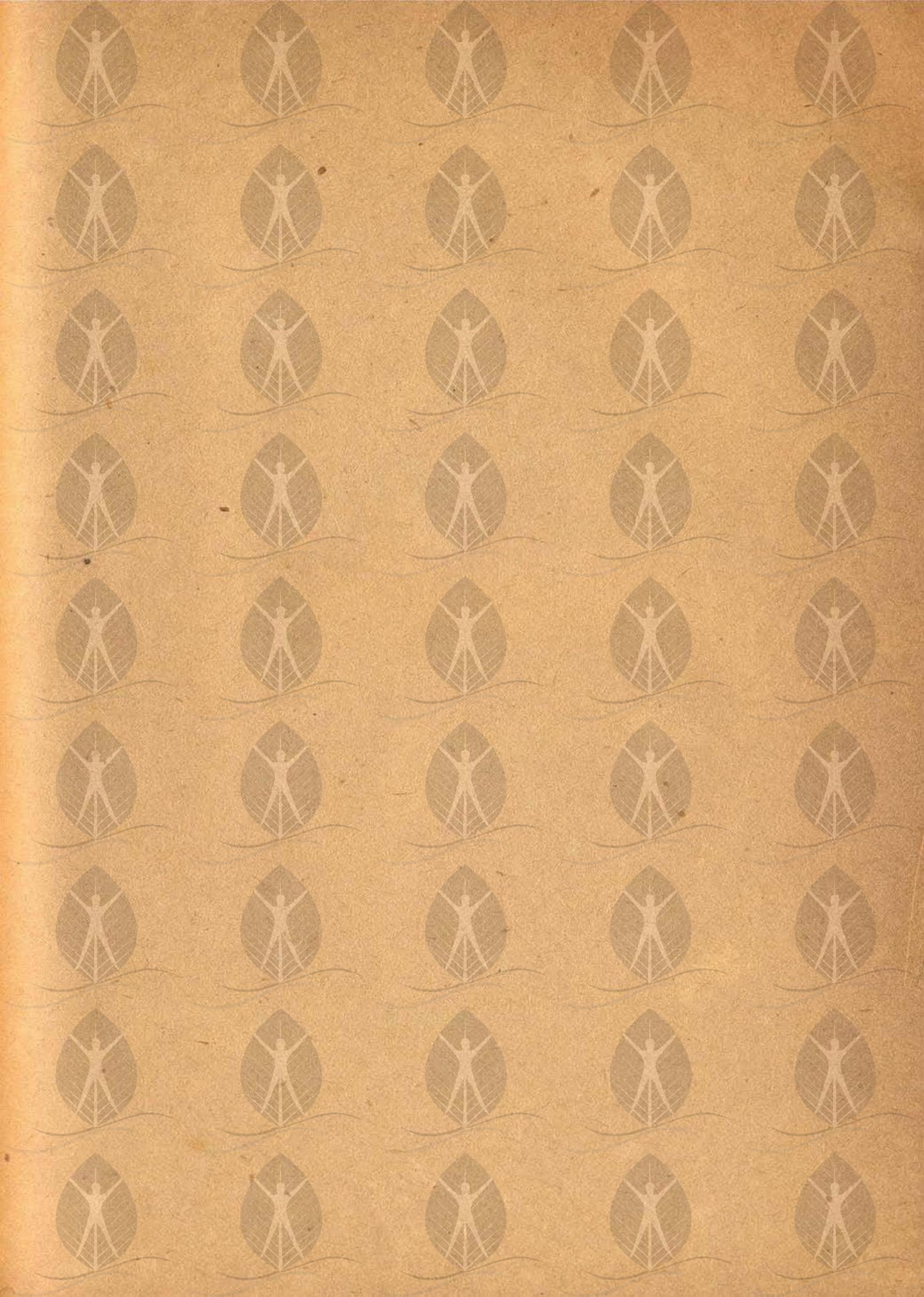


Entre o Rapé e o Paraty foi publicado pelo Carnaval de 1915, no *Correio de Belém*, sob o pseudonymo de Marcus Vinicius.





INDICE



	Pags.
PAGINA DE HONRA.....	V
O MEU LIVRO.....	IX

I Dos penates ao aposento régio—

Escravo da moda—Provas de affecto—Verificando a *pose*—Bello como Adonis—A apreciação do moléque Desiderio—Desdem pela crise—O Walk-Over-taxi—Tratos á bóla—Continencia militar—No atrio da vivenda de El-Rei Momo 40—Segundos de indecisão—Conselho ajuizado—Furo de reportagem—Carangueijo de imprensa—Gramophone salvador—Um arrôto—Coceira significativa...—Um mestre-sala desconfiado e... cabuloso—Interrogatorio inquisitorial—Assomo de energia!—Agua na fervura—Gentileza a... muque—Desconfiando sempre—Um gesto pouco amavel...—Nos braços de Morpheu—Silencio!—As tres pancadas do estylo—Entraua solemne.....

1

II Ochylo d'El-Rei—

Abelhudice de jornalista—O aposento régio—Quadros historicos...—Um artigo do Código Penal—Bustos celebres—O Deus da bebedeira—Um retrato fiél—Maxixe descabellado—O numero tres dos inimigos da alma—Um pachá no seu serralho—A onça—Monoculizando a Borboleta—Belleza de fórmulas!—A leitura de Sua Magestade—A Deusa do Amor—Um macaco de estimação—Arsenal bellico—Odor de femina—Um papagaio trovador—Picada de môsca varejeira—Grélando umas panturrilhas—Aprumo oratorio—Um discurso de truz—Mulheres enthusiasmas—Um palhaço malcreado—A commoção de Sua Magestade—Coração perto da bôcca.....

13

III Mundos e fundos—

As mulheres divertem-se—Pensamento de amor—Palavras

cabalísticas—O *Seu Nicolau*—Queixas amargas—Um pão d'agua—As pupillas de El-Rei—Conselhos paternaes—Ameaça terrivel—Lombroso e Ferri—Um heróe de 29 de agosto—Os *mordedores* e o dinheiro—Vocação jornalística—Um jornal moderno—Fortuna fabulosa—Grandes empresas—A loquela e o espirito bonanchão de Sua Magestade—Medo da guerra—Choradeira geral—A exposição do Tricentenário de Belém.....

25

IV Campeão do ar—Tempestade de neve—O *record* da altura—O fakir—A salvação duma mulher—Documento celebre—Objectos rarissimos—O jejum do Ramadan—Um radiogramma de Marte—Chegada a Lisboa—Nas costas do Brazil—Um «madrifô» monstro—Um aeroplano allemão—Combate aereo—Incendio no espaço—Imminencia dum *naufragio*—Baixa função organica...—Atestado de chegada—Heróe da sciencia—Exigencia alfandegaria—Conferente prestativo—A origem da póroróca—Attento e curioso.....

37

V A cidade de Belém—Entre os urubús—Bairrismo—Um grande homem—As belezas de Belém—O mecanismo do progresso—Assistencia e Protecção á Infancia—A Vigilancia Nocturna—Juizo!—Fructo do tempo—Os aleijões de Belém—Commentarios justos—Arraial do vicio—O kiosque da Praça Republica—A prova de fogo—A vida noctivaga de Belém—Reuniões ruidosas—Buscando desfastio...—Cargas ao mar.....

47

VI Manias régias—O assahy e os quitutes do Pará—O prato predilecto—Um livro importante—Locubrações litterarias—Methodo de vida—Almoço ligeiro—Negocios do reino—Cultivo do espirito e do corpo—A pedra philosophal—Belleza de musculos!

—Paixão pelo sport—O saber não occupa lugar—Grandioso problema—Phantasmas e almas penadas—O espiritismo—Evolução e metempsychose—Curandeiro espirita—Um trombone de prata—Curas importantissimas—Religião não se discute—Popularidade—A vida do campo—Amor pelas arvores...

59

VII O substantivo de Cambronne...—

Caçador de raça—Medalhas de galardão—Pelo mundo a fóra—Terras caçadas—Monarchistas historicos—Aventuras de caça—A marcha atravez da matta—O café matinal numa clareira—Rebate falso—Horriavel debandada!—Em caminho do igarapé do Oribóca—Do alto dum mutá—A morte da onça—Regosijo geral—Surra a valentona—O banho no igarapé—Nadador emerito—O almoço—Brindes entusiasticos—Um murro pavoroso—A jararaca—Lingua de trapo—A voltada caçada—A lenda do irapurú—Um velodromo modelo—O Larousse na baila—Crise de colera—Tentação—Cupido tece-as.....

69

VIII O rapé em scena—

Pitada cerimoniaosa—Espirro formidavel—O elogio do cigarro—Presumpção e agua benta...—Contemplando a paisagem—Um trocadilho—A crise—Os autophagistas—*Tarrafeadores* de nicks—A Urucubaca—O amuleto d'El-Rei—Uma caveirinha—O bicho—A hora caracteristica de Belém—O inventor do bicho—O *leader* dos banqueiros—O Carnaval—A época dos calótes—As mulheres—Recordações do passado—Sua Magestade tem saudades do entrudo antigo—Um passo da civilisação—De redea solta...—Modos de pensar—Uma scena de amor—A dentada do macaco—O' da guarda!.....

87

IX Então, á nossa!—Attitude feróz—As... amabilidades do Jujú—Uma *injuria* liquida...—Frouxo de riso—Gazes concentra-

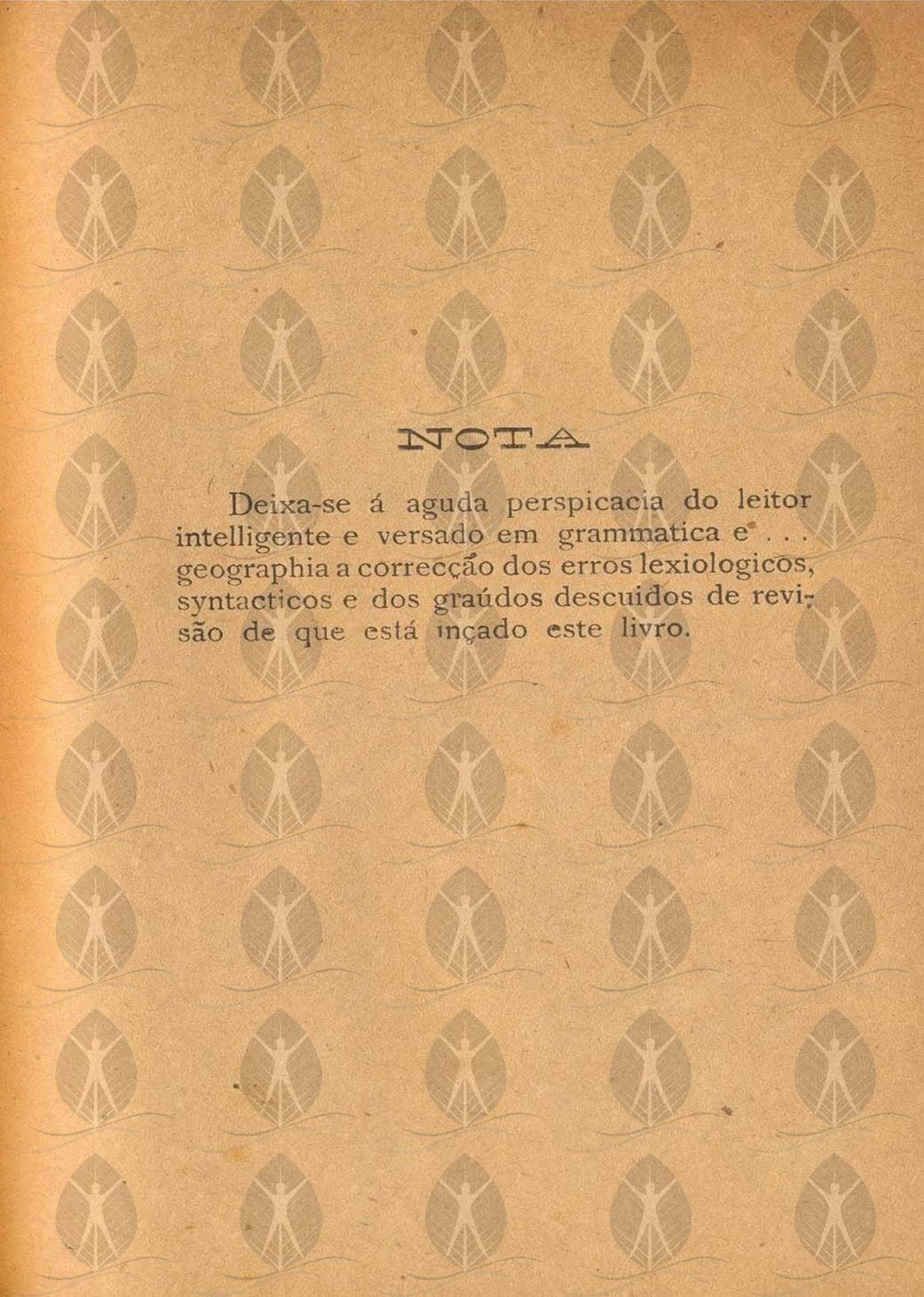
dos...—Medico a muque—Será figado?
 —Receitas caseiras—*Sub fides gradus*—
 Um perfeito «gentleman»—O jornal e o
 jornalista—O elogio da bebedeira—A gar-
 rafeira de El-Rei—Liga Dramatica Contra
 o Alcool—Um juramento solemne—Forte
 como polvora!—Em mar de rosas—A dy-
 nastia de El-Rei—A lingua de Tito Li-
 vio—Um latinista de pulso!—Homem de
 letras *comme il faut*—Febre de producção
 —Altos planos—Caldeira Castello Branco

109

X Viva a Republica!—Escriptores *es-
 trategicos*—A borracha—A Liga de Resis-
 tencia—Escriptores *borracheiros*—A politi-
 ca—A Torre de Babel—Conservadores e
 Liberaes—Gente *andorinha*—Desejo de ser
 deputado—Galopins eleitoraes—O segredo
 é a alma do negocio—Canhão 580, o rei dos
 canhões—Passando á posteridade—Um in-
 vento maravilhoso: o cervejymetro—Bonus
 de 500 réis—Pyramidal idéa!—O banho de
 El-Rei—Uma *mordidella*—O meu pé de al-
 feres á Borboleta—Pedido de casamento—
 Uma entrevista—Sempre o bicho—Ferrado
 no somno—Maria Cachuxa—Expansões ca-
 seiras...—A' antiga portugueza—A satis-
 facção do dever cumprido.....

137





NOTA

Deixa-se á aguda perspicacia do leitor intelligente e versado em grammatica e . . . geographia a correccão dos erros lexiologicos, syntacticos e dos graúdos descuidos de revisão de que está inçado este livro.



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA